

a granja

Novembro/85 - nº 454 - Cr\$ 12.000



Paraná 85: o novo celeiro.

FORD SÉRIE 10. A TECNOLOGIA QUE NÃO PÁRA.



A tecnologia mundial Ford Tratores está sempre evoluindo, procurando cada vez mais a perfeição. E é com esse espírito que apresentamos os Tratores Ford Série 10 - Linha 86. Incorporando inovações de ponta, como direção hidrostática, nova embreagem, rodas

dianteiras reforçadas para trabalhos pesados, novo regulador eletrônico de voltagem e agora com a mais avançada opção de tração nas 4 rodas. Com estas e outras inovações os Tratores Ford Série 10 - Linha 86 reafirmam sua liderança tecnológica dentro dos altos

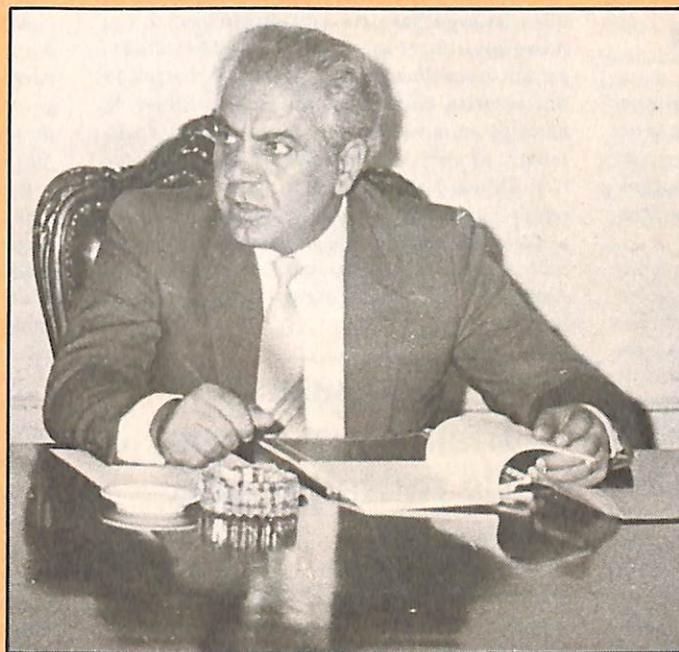
padrões internacionais de qualidade Ford. Vá hoje mesmo ao seu Distribuidor de Tratores Ford para conhecer a Série 10 - Linha 86 e a mais completa linha de implementos agrícolas Blue Line. Você vai ver que a tecnologia Ford Tratores não pára nunca.

DEPOIMENTO

Governo da terra

Atender o produtor. Por aí começa tudo na administração do Paraná.

Viabilizar o retorno da agricultura à produção de alimentos, sem desestruturar as lavouras de exportação e, ao mesmo tempo, favorecer a distribuição mais justa da terra através de práticas políticas por ele definidas como "responsáveis". Estas são as prioridades do governador paranaense José Richa, um odontólogo com vocação de político que governa um estado agropecuário. A exemplo de seus governados, migrantes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Nordeste, ele nasceu no estado do Rio de Janeiro, mas aos cinco anos de idade estava em Joaquim Távora, no Norte Pioneiro. Com a Universidade, em Curitiba, vieram a militância na política



estudantil e, pouco depois, a militância partidária no antigo PDC, pelo qual foi deputado federal por dois mandatos. Em 1965, estava entre os fundadores do MDB, partido que representou como prefeito de Londrina e senador. Este último mandato valeu-lhe a elaboração, como relator de comissão mista do Congresso, do até hoje mais completo levantamento sobre café já realizado no País.

Administrador sensível às necessidades do campo e da cidade, não teve dificuldade para eleger-se governador em 1982, e desde então procura estimular a vocação natural de seu estado: produzir os alimentos que faltam na mesa dos brasileiros.

A Granja — O Paraná colheu safra recorde de trigo, aumentou em muito o volume de produção de outros produtos agropecuários, enfim, tornou-se o celeiro do País hoje. Em que o governo do estado contribuiu para isso?

Richa — Quando acontece uma safra como esta, devemos em primeiro lugar dar graças a Deus. O tempo ajudou, é claro, e os homens da triticultura acreditaram, souberam cumprir a sua parte. A infra-estrutura não faltou ao produtor. E o estado se esforçou também nos vários setores que definem a política nacional do trigo, reivindicando o bom crédito, o bom VBC, o bom preço de garantia. A esse respeito, quero dizer que estamos e sempre estivemos em alerta constante, para que não faltem ao agricultor recursos no volume suficiente.

A Granja — Como está o Paraná hoje em termos de atendimento aos produtores rurais, em termos de crédito, estradas, armazéns?

Richa — Desde o início do nosso período no Palácio Iguazu colocamos o atendimento ao produtor como primeira prioridade na área agrícola. O pequeno e médio produtores, principalmente, passaram a merecer todo um feixe de programas que representam um vasto esforço governamental e comunitário para o soerguimento da sua condição econômica e social. Hoje, no Paraná, o pequeno produtor conta com uma rede de armazenagem coletora que o defende da especulação e da intermediação predatória, uma rede constituída

de pequenos armazéns com capacidade entre 600 e cinco mil toneladas, e montada com apoio comunitário nos distritos mais distantes das sedes municipais, que são os pontos críticos na questão da armazenagem. A mesma diretriz se aplica ao nosso programa de estradas, direcionado para as chamadas agrovias, ou estradas vicinais, de grande rendimento econômico e profundo alcance social.

A Granja — Os recursos do Proálcool chegaram no Paraná ou ficaram em São Paulo?

Richa — Desde o princípio, a implementação do Proálcool vem sendo executada pelo setor privado. A ação do governo é dirigida no sentido de estimular a participação dos empresários brasileiros, e se restringe a medidas como a concessão de créditos favorecidos a longo prazo, a coordenação das atividades de produção em sua relação com a demanda, a criação de condições para ampliar a participação dos demais setores da sociedade nos benefícios do Proálcool, a definição de políticas e mecanismos que garantam o uso adequado do solo, a prevenção da poluição pelo uso inadequado dos subprodutos da indústria do álcool e a transferência dos benefícios sociais ao setor rural. No caso do Paraná, os recursos para suporte financeiro aos projetos fluem a contento, e o programa alcança resultados positivos.

A Granja — A concentração da terra e da renda tem levado ao êxodo rural, com o engrossamento das periferias das grandes cidades. Como

o Executivo tem agido em relação a este problema?

Richa — Das mais de 450 mil propriedades rurais existentes no Paraná, cerca de 350.000 são pequenas propriedades, pequenas unidades produtivas, geralmente de escala familiar, e esta enorme parcela da população rural tem recebido o melhor das atenções do governo do estado. Uma nova Secretaria foi criada por um dos primeiros atos do meu governo, a Secretaria de Assuntos Comunitários, depois ampliada para abranger também os assuntos do Trabalho, justamente com a função de orientar, de balizar a organização dos produtores mais carentes. O programa de eletrificação rural, o maior que se realiza neste momento em toda a América Latina, já dobrou o número de propriedades eletrificadas no estado e pretende superar a marca das 120 mil novas ligações até o final da administração. Na área dos Transportes, a ênfase foi transferida aos programas de rodovias vicinais, que asseguram o transporte nas áreas mais recuadas dos municípios mais distantes da capital. O atendimento ao pequeno produtor e ao trabalhador rural é prioridade número um da Secretaria da Agricultura, que torna esse atendimento efetivo através de programas como o de manejo integrado de solos, o de desenvolvimento da tração animal, de sementes à base de troca, de armazenagem coletora, de agricultura alternativa, de piscicultura. Quanto à população das cidades, atacamos o problema crítico do abastecimento através

de medidas e programas que reduzem ou eliminam a ação inflacionária da intermediação, aproximando produtores e consumidores. Aqui, também, o Paraná tem sido pioneiro na experimentação de fórmulas bem sucedidas, como os programas de Compras Comunitárias, de Sacolões e Varejões, de Feiras do Produtor, de Hortas Comunitárias.

Estado caminha para uma reforma agrária definitiva

A Granja — *Quanto à terra, o sr. disse que seu governo já assentou duas mil famílias e que já listou 40 mil hectares passíveis de desapropriação pelo recém-apresentado Plano de Reforma Agrária. Quantas famílias sem terra existem no Paraná?*

Richa — A motomecanização intensiva, a disseminação da agricultura de exportação, a concentração da terra, a perversão dos mecanismos de crédito, a inundação de milhares de hectares de terras da mais alta qualidade pelos lagos de barragem, como o grande lago de Itaipu, atiraram nas estradas e caminhos do Paraná um grande contingente de pequenos produtores com suas famílias. Ao assumirmos o governo, determinamos de imediato a criação de um programa de assentamento que, a despeito das limitações de ordem constitucional e financeira, pode ser considerado o esforço possível, no quadro de um governo estadual, para dar solução equilibrada, justa e socialmente produtiva ao complexo de problemas criados no campo pelo modelo econômico do ciclo de governos da ditadura. Diretamente, ou em coordenação com o Inbra, conseguimos, com muito esforço, dar uma vida nova a algumas centenas de famílias, nos assentamentos realizados em Tamarana, Abapan, Colônia E, Retiro, Serrano, Butiá, Cavernoso, Passo Fundo (em Palmas), Imaribo, Usina Morretes, no Paraná; e Retirada da Laguna, Urucum, Marabá e Sucuriú, no Mato Grosso do Sul. Reconhecemos que muito resta ainda por fazer em favor dos sem-terra. Cerca de 60.000 famílias sem-terra, que sobem a 500.000 se consideramos nesta condição os trabalhadores "bóias-frias", merecem a oportunidade de reconquistar o seu pedaço de chão e de recomeçar uma vida nova em melhores condições. Ocorre, porém, que tudo que possamos fazer deve ser feito dentro da lei. E as condições legais, reconhecemos, oferecem tênue amparo à toda tentativa de reforma agrária que não reduza a posição do estado a mero comprador de terra ociosa para a distribuição pura e simples. A despeito do insuflamento dos sem-terra por grupos políticos sem maior responsabilidade com a viabilidade ou não das suas reivindicações, o governo do estado caminha para uma reforma agrária efetiva, e todas as providências ao nosso alcance foram tomadas para a sua consecução. Lentamente, teimosamente, diante das tentaculares dificuldades apresentadas pela questão, estamos, no Paraná, fazendo a nossa parte.

A Granja — *O Paraná tem sua história recente feita pelos colonizadores paulistas que ocuparam*

o Norte e pelos gaúchos que tomaram o Sul, afora outras correntes e influências migratórias. Hoje já há muitos que se deslocam em direção ao Mato Grosso. Este processo fará com que o Paraná seja amanhã abandonado?

Richa — Saudamos a contribuição dos nossos valorosos irmãos do Rio Grande, de São Paulo, de Minas, da Bahia, do Nordeste, e de muitos países do mundo na expansão do espaço econômico e social do Paraná. A história da ocupação das novas terras do Paraná deu-se com uma intensidade e uma rapidez inéditas, às quais se associou inevitavelmente a improvisação, de consequências negativas para o quadro ambiental. Em nosso governo, as ações desta área estão voltadas para o estancamento do processo de destruição dos recursos naturais, o combate às fontes de agressão ao meio ambiente e a reconstituição do cenário através da renovação dos recursos naturais. Temos hoje no Paraná um programa em múltiplas linhas de atuação, envolvendo praticamente todas as Secretarias e as comunidades de todo o estado: é o Programa Estadual do Meio Ambiente, considerado exemplar em termos de Brasil.

As cooperativas melhoram taxas de rentabilidade

A Granja — *Como vê a questão do cooperativismo de produção? Como o governo paranaense tem se relacionado com as cooperativas locais?*

Richa — Pensamos que através da intensa participação dos seus membros o sistema cooperativo pode vir a defender-se de problemas que não devem abalar a credibilidade do sistema como um todo. O cooperativismo paranaense hoje é uma grande força econômica e social. Temos 74 cooperativas de produção agropecuária, uma constelação composta de cinco centrais e 69 singulares, que congregam cerca de 185.000 produtores rurais, vale dizer, uns 40 por cento da massa de produtores. Essa multidão é responsável por aproximadamente 40 por cento da produção consolidada, atingindo índices como 83 por cento do trigo, 64 por cento da soja, 60 por cento do algodão, 71 por cento do leite, 42 por cento dos suínos. Em 1984, o faturamento bruto do nosso sistema cooperativo alcançou a marca dos Cr\$ 5,4 trilhões, gerando um volume de tributos de 232 bilhões de cruzeiros no mesmo ano. O que eu gostaria de frisar é que tão importante quanto os extraordinários indicadores de produção é o papel desempenhado pelas cooperativas na organização, representação e defesa dos produtores, papel que também cumprimos de nossa parte e à nossa maneira. Sem dúvida nenhuma, as cooperativas concorrem para a melhoria das taxas de rentabilidade da agropecuária paranaense e das condições de vida da população dos nossos campos e das nossas pequenas e médias cidades. A redução dos custos de produção, com o fornecimento de insumos a preços mais baixos, o aumento da produtividade através da assistência técnica; as facilidades para acesso ao crédito; a conquista de melhores preços de venda através da concentração da oferta agroindustrializada e

das informações sobre o mercado; o treinamento e a especialização da força de trabalho; tudo isso são conquistas inegáveis do sistema de cooperativas, que reconhecemos e valorizamos no mais alto grau.

Alternativas à "herança maldita" do regime militar

A Granja — *O ministro Pedro Simon promoveu o estabelecimento de uma política agrícola nacional que seja posta em prática a médio e longo prazos, de forma a atender o agricultor e dar-lhe maior segurança em sua atividade. O que tem feito no Paraná neste sentido?*

Richa — A questão da criação de uma nova política agrícola é inseparável da questão dos nossos objetivos nacionais e dos nossos objetivos sociais enquanto nação, e é inseparável da análise do modelo econômico que estamos deixando para trás. Esse modelo fundou-se na subordinação da Agricultura aos grandes interesses do capital industrial multinacionalizado. Orientou-se a produção agrícola para a exportação, em detrimento, muitas vezes, da própria missão de alimentar nosso povo. Marginalizou-se o pequeno agricultor. Expulsaram-se enormes contingentes de trabalhadores das suas comunidades tradicionais. Criou-se todo um complexo sistema de atrelamento do agricultor mediante o crédito. Estabeleceu-se para a agricultura brasileira uma receita importada, com grandes prejuízos ambientais. A motomecanização intensiva tirou emprego de milhões de pessoas. Concentrou-se a propriedade fundiária. Ora, esse quadro terrível nós encontramos agravado no Paraná. E a política agrícola do governo do estado, mesmo num País tão marcado pela concentração do poder nas esferas federais, procurou, a partir da nossa posse em março de 83, alternativas reais àquilo que tem sido chamado a "herança maldita" do regime. Entre essas alternativas está a prioridade absoluta de atendimento ao pequeno produtor e ao trabalhador rural. A pequena unidade produtiva foi tomada como área preferencial de experimentação e difusão de soluções alternativas. Programas como o de Manejo Integrado dos Solos e da Água passaram a significar um novo estilo na relação técnica com a terra e com os recursos naturais de um modo geral. Tração animal, por exemplo, mereceu em nosso governo uma atenção inédita, porque muitas vezes o cavalo e o arado são os instrumentos de que o pequeno produtor pode dispor, os únicos de que ele pode dispor no preparo do seu chão. Até mesmo a semente faltava ao pequeno produtor rural. Nós lançamos o programa de distribuição de sementes à base de troca, com extraordinária receptividade entre os nossos lavradores.

A Granja — *O governo Richa perdeu a colaboração do secretário Claus Germer devido à discordância quanto à execução do plano de reforma agrária. Como explica esta perda?*

Richa — Olha, eu jamais deixei de reconhecer a extraordinária contribuição que o Claus prestou ao nosso programa de governo para a área

agrícola. Assessorado por uma equipe de grande valor, e cumprindo diretrizes democráticas de atuação no campo, Claus Germer trabalhou conosco e com o nosso apoio irrestrito durante mais de dois anos de governo, ajudando a lançar as bases de uma nova agricultura no Paraná. O seu pedido de demissão, apresentado em caráter irrevogável, tomou-nos a todos de surpresa, e é bom que se diga que surpreendeu também à sua própria equipe de trabalho. A versão de que demitiu-se por discordar da nossa postura diante da reforma agrária tem sido distorcida e muito exagerada, e serve antes aos inimigos da reforma agrária do que aos que lutam por ela. Ora, a questão da posse da terra é uma questão extremamente delicada. Para que uma solução definitiva para a questão fundiária possa ser definida e possa ser aplicada, precisamos antes de mais nada de uma extrema sensibilidade política. A restrição que eu faria a Claus Germer é a de que ele não mostrou essa sensibilidade. Não se faz na marra uma reforma agrária, dentro de uma sociedade democrática, fundada no consenso, no livre jogo das forças políticas.

A Granja — *Que pensa a respeito dos juros, da dependência dos bancos e como os bancos estatais têm agido, no Paraná, no sentido de favorecer o produtor rural?*

Richa — Em todos os países do mundo, a agricultura de uma forma ou de outra é subsidiada. No Brasil, o principal instrumento de política agrícola — o crédito rural — tem sido o veículo condutor dos subsídios através de taxas mais favorecidas de juros. No entanto, ao longo deste período, desde a institucionalização do crédito em 1965, a política de subsídios tem sido muito criticada, principalmente pelo favorecimento aos grandes produtores em detrimento dos pequenos, como também pela questão de que os subsídios contribuem para a elevação da taxa de inflação, entre outros problemas.

É claro que nessa medida do governo intervêm os compromissos do País com o FMI quanto ao combate à inflação, pagamento da dívida externa, redução na expansão da base monetária, e a agricultura mais uma vez ficou penalizada. Aos níveis atuais de juros, sem sombra de dúvida, é impossível produzir-se, se na outra ponta, a da comercialização, os produtores não tiverem preços remuneradores. É importante ressaltar neste quadro que os pequenos produtores são os mais prejudicados, e para eles é preciso se pensar em outras formas de subsídios, como, por exemplo, a distribuição de sementes em troca de uma fração da produção.

Preço é o maior estímulo para a produção de leite

A Granja — *Em nível nacional, falta política e preço para o leite, enquanto o consumidor deixa de adquirir o produto por falta de poder aquisitivo. Que sugere para resolver a questão?*

Richa — A questão do leite põe em evidência algumas distorções muito graves na política nacional de alimentação, da política nacional de distribuição da renda, bem como da política na-

cional para este setor específico da produção agropecuária. Temos a informação de que o consumidor brasileiro conta em média com uma disponibilidade de apenas 220 gramas de leite por dia, enquanto que a recomendação da FAO seria de 500 gramas. Por aí já se vê que este é um mercado que deverá crescer, e muito. Por outro lado, toda vez que a produção apresenta incrementos significativos, surgem dificuldades de colocação do leite no mercado, exatamente porque as maiorias continuam sem poder aquisitivo. Quanto à produção, falta estímulo, e por estímulo eu me refiro antes de mais nada ao preço. Nos últimos anos, o preço real recebido pelo produtor tem declinado, ao passo que os custos dos insumos nunca deixaram de aumentar. É fundamental, portanto, que se estabeleça uma política nacional para o leite, abrangendo os múltiplos aspectos da sua problemática, da produção à comercialização e ao abastecimento, uma política de longo prazo, dotada de uma estratégia bem pensada. Em termos gerais, a produção de leite deve contar com alguns mecanismos de apoio que possam promover o seu aumento, a diminuição da sua sazonalidade, a melhoria do seu valor qualitativo. Pesquisa, transferência de tecnologia, crédito para custeio e para investimento, preços de insumos, sanidade animal, são merecedores de políticas cuidadosas e sistemáticas. A coisa vai mais além, e abrange questões como a das formas de embalagem, conservação, transporte e distribuição do produto.

Combate à inércia de vinte anos nos agrotóxicos

A Granja — *O Paraná, a exemplo do Rio Grande do Sul e de uma dezena de outros estados, já dispõe de legislação estadual que regula o uso dos agrotóxicos. O que o Executivo tem feito neste sentido, considerando-se que as intoxicações e mortes continuam ocorrendo pelo interior do estado?*

Richa — Existe hoje entre nós e em todos os segmentos da população uma nova consciência em relação aos perigos da manipulação indevida dos agrotóxicos. Não somente o governo, mas, também, a comunidade organizada exercem a fiscalização do cumprimento das disposições legais a este respeito. Na área governamental, o Programa Estadual do Meio Ambiente envolve algum grau de participação de praticamente todas as Secretarias de Estado. A orientação ao agricultor quanto aos cuidados que devem ser tomados no uso dos agrotóxicos é feita diretamente pela Secretaria da Agricultura, através do Departamento de Fiscalização e da Acarpa/Emater do Paraná, pela Secretaria do Interior através da Surehma, e pela Secretaria da Saúde através do Centro de Informação Toxicológica. O comércio dos agrotóxicos começa a entrar na linha, e a colaborar com os nossos objetivos, na luta pela preservação do ambiente e principalmente pela saúde do lavrador. Embalagens com declarações falsas, por exemplo, recebem hoje sanções severas. Existe um acompanhamento quanto à destinação das embalagens. Amostras de alimentos

são coletadas periodicamente para análise laboratorial, com a finalidade de identificar e deter a comercialização de produtos contaminados. Realizamos também encontros regionais, treinamentos, reuniões com técnicos, agricultores e comerciantes de agrotóxicos, para orientá-los sobre os perigos a que estão expostos e a que podem expor a população. Ao lado dessas e de outras medidas, de ordem interdisciplinar, e envolvendo o conjunto da administração estadual, buscamos aqui no Paraná o desenvolvimento de uma agricultura alternativa, ainda em fase de experimentação, com a eliminação completa dos tóxicos de todo o gênero. Mortes ocorrem ainda, lamentavelmente, a despeito de todo o nosso esforço. É preciso compreender que a inércia de vinte anos de devastação ambiental, de malícia mercadológica, de agrotóxicos empurrados em massa sobre o solo, de desorientação às vezes proposital do agricultor com o objetivo de maximizar os lucros da indústria agroquímica, é uma inércia poderosa, que combatemos através de todos os meios.

Fortalecer mercado interno é primeiro passo na pecuária

A Granja — *Os pecuaristas do Paraná estão aumentando e aprimorando seus rebanhos bovinos de corte e de leite. Fazem cruzamentos e adotam novas tecnologias de inseminação e transplante de embriões. O que ainda falta fazer?*

Richa — Realmente, há ganhos tecnológicos na bovinocultura em nosso estado, mas estes ainda são muito localizados, atingem uma porcentagem muito pequena de produtores em relação ao contexto geral dos pecuaristas. Pensamos que o problema da pecuária não é só de produção, mas muito mais de demanda. O mercado interno brasileiro, tanto para o consumo como para o leite, resente-se de um problema verdadeiramente estrutural, que se manifesta no baixo poder aquisitivo das maiorias. Então, o primeiro passo a ser dado no Brasil seria o fortalecimento do mercado interno, mediante a reativação econômica do País, mediante o soerguimento do poder de compra dos salários e decisivos avanços na distribuição de renda entre os diversos segmentos da população. Além dessas políticas de âmbito geral e de alcance estratégico, precisamos, no caso da bovinocultura, de uma política mais racional e criativa em relação à produção, à comercialização e ao abastecimento, que beneficie produtor e consumidor. Na área da produção, faz-se necessário um completo programa de alimentação animal, que diminua a sazonalidade existente quanto à carne e quanto ao leite, tendo em vista os problemas de alimentação enfrentados no outono/inverno. Na área de comercialização e abastecimento, o governo federal poderia determinar a formação de estoques estratégicos de carne e leite em pó, adquiridos ao longo do período de safra, para distribuição ao consumo nos períodos críticos. É o caso de se pensar também na implantação de infra-estruturas mais complexas para a bovinocultura, que possibilitem no médio prazo a estocagem do boi em pé, que é uma alternativa menos onerosa. □



A GRANJA - Revista mensal de circulação paga, dedicada à agropecuária, fundada em 30.12.1944. É uma publicação da Editora Centaurus Ltda. Registro no DCDP sob n.º 088.P.209/73. REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone: 33-1822, telex: 051-2333, cx. postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre, RS.

PRESIDÊNCIA

H. F. Hoffmann

DIRETORIA DE OPERAÇÕES

Carlos M. Wallau

DIRETORIA ADMINISTRATIVA

Léo I. Stürmer

CHEFIA DA PUBLICIDADE

Ivano Casagrande

EDITORIA

Erico Valduga

CHEFIA DE REPORTAGEM

Sérgio Becker

REPORTAGEM

Luciano Klöckner

DIAGRAMAÇÃO

Luiz Antônio Pinheiro

SUPERVISÃO DE ARTE

Luiz Alberto O. da Fonseca

ARTE-FINAL

Jurandir Martins

COMPOSIÇÃO

Jair Marmet

Maria Helena F. da Rocha

Miguel Alberto Moraes

REVISÃO

Jomar de Freitas Martins

FOTOGRAFIA

J. M. Alvarenga

Ana Elisa Oriente (SP)

SUP. DE CIRCULAÇÃO

REGIÃO SUL

José Roberto Corrêa

CIRCULAÇÃO

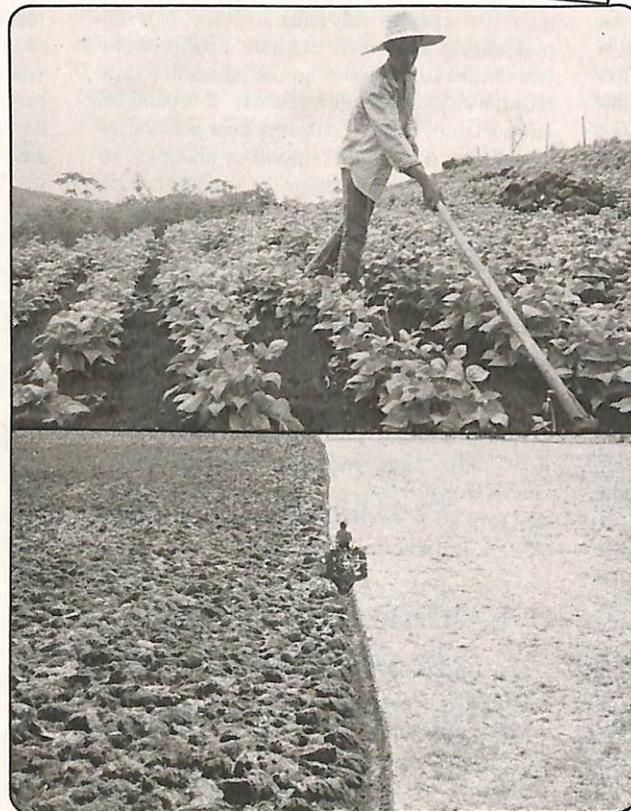
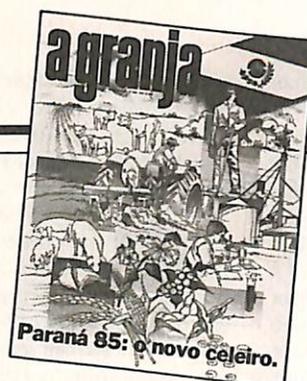
Sinara Weber da Costa

SUCURSAL SÃO PAULO - Praça da República, 473, 10.º andar, conj. 102, fone: 220-0488, CEP 01045 - GERENTE: Stella Maris; CONTATO: Hitomi Sano. REPÓRTER: Alberto Muniente Adell; SUP. DE CIRCULAÇÃO/SP: Francisco de Assis Mendonça Aragão. REPRESENTANTES - PARANÁ - RS Comunicação Integrada Ltda., Travessa Oliveira Bello, 67, 8.º andar, conj. 801, fone: 223-1017, CEP 80000, Curitiba - RIO DE JANEIRO - Intermedia, Praça Tiradentes, 10 - Gr. 1901, fone: 224-7931, CEP 20060, Rio de Janeiro. DISTRIBUIÇÃO - Porto Alegre - Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone: 33-1822, telex: 051-2333, cx. postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre, RS - ASSINATURAS (via superfície) - No País: 1 ano, Cr\$ 110.000; 2 anos, Cr\$ 200.000; 3 anos, Cr\$ 310.000 - No Exterior: 1 ano, US\$ 60,00; 2 anos, US\$ 110,00 (porte simples) - Exemplar avulso: Cr\$ 12.000; exemplar atrasado: Cr\$ 15.000.

ÍNDICE

NOSSA CAPA:

Os resultados das colheitas do Paraná, este ano, indicam que o estado está se tornando o novo celeiro do Brasil.



SEÇÕES:

Caixa Postal n.º 2890.....	8
Aqui Está a Solução.....	9
Agenda.....	10
Porteira Aberta.....	11
Eduardo Almeida Reis.....	12
Mundo da Criação.....	13
Remates & Exposições.....	14
Crônica.....	66
Mundo da Lavoura.....	67
Flash.....	68
Hortas e Pomares.....	69
Trator/Colheitadeira.....	70
Novidades no Mercado.....	72
Ponto de Vista.....	74

PRÓXIMA EDIÇÃO:

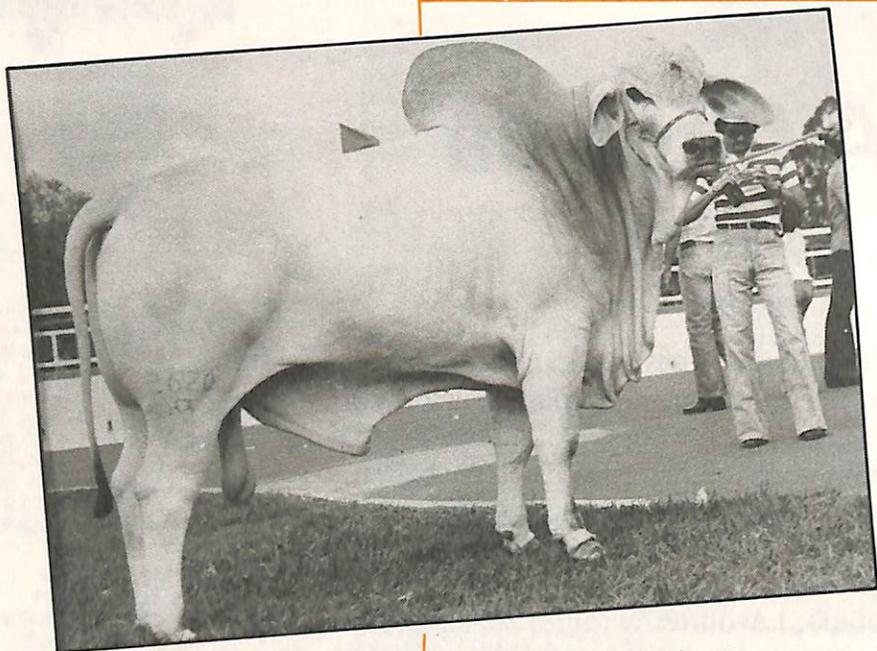
Suinocultura
Citros (ácaros)
Frota brasileira de tratores

- 16 Paraná 85
- 22 Armazenagem
- 26 Plantio direto
- 32 Pesquisa
- 34 Soja
- 40 Informática
- 42 Trigo
- 46 Cooperativismo
- 50 Milho
- 52 Migração
- 53 Cana-de-açúcar
- 54 Bovinos de corte
- 56 Confinamento
- 58 Transferência de embriões
- 60 Bovinos de leite
- 62 Suinocultura
- 63 Exportações
- 64 Conservacionismo

A força da terra

Os números que **A Granja** mostra nesta edição garantem que classificar o Paraná de o novo celeiro da agropecuária brasileira não é apenas força de expressão. Maior produtor de trigo, milho, feijão e algodão; segundo maior produtor de soja, terceiro de café e batata, o estado também colhe praticamente todas as culturas de significação na produção de alimentos. A rigor, o Paraná é auto-suficiente, porque seu processo de produção inicia-se nas sementes lá produzidas, a partir de pesquisa lá mesmo gerada. Lavouras mecanizadas nas grandes e médias propriedades — e pequenos produtores assistidos pela extensão que começou a sair das quatro paredes — garantem abundantes safras, especialmente quando o tempo ajuda, como neste ano. A armazenagem deficiente é compensada por iniciativas de um cooperativismo forte e, ao que tudo indica, sadio, e por providências de um governo estadual voltado para a terra. E é na terra que o ciclo se renova anualmente — bem-cuidada e trabalhada por práticas conservacionistas cada vez mais difundidas, a produção cresce.

Mas nem só de lavouras vive o Paraná. É o quarto produtor nacional de carne bovina, e rebanhos cada vez maiores e qualificados são criados em áreas cada vez menores, evidenciando a absorção de técnicas como confinamento, inseminação artificial e transferência de embriões. Esta edição sugere, ainda, que o Paraná está chegando ao limite de suas fronteiras físicas. Contudo, as opções para superar esta realidade começam a ser trabalhadas. O conceito de produtividade tornou-se mais importante do que o de quantidade colhida. Outra realidade, esta mais preocupante, são as migrações para o Mato Grosso, Rondônia e Norte do Brasil, provocadas pela concentração da terra. Mas a verdade é que a história se repete: o próprio Paraná foi desbravado por gaúchos, paulistas, catarinenses e nordestinos, além das correntes imigratórias. Existe, no entanto, um componente novo na questão, o Plano Nacional de Reforma Agrária, referido tanto pelo sr. José Richa, no Depoimento que abre a edição, como pelo sr. Francisco Albuquerque Neto, no Ponto de Vista. Não se pode prever se o discurso coincidirá com a prática, mas um dado é antecipadamente seguro: a produção paranaense, ainda mais com a diversificação empreendida, continuará aumentando nos próximos anos. Quando não seja por outro motivo, o será pela força da terra.



POSTURA

“Solicito o endereço de fornecedores de pintos de um dia para galinhas (postura) da raça Brown Nick, de preferência localizados o mais próximo possível de Brasília (DF).”

João Martins Cardoso
Quadra 59, casa 36, setor B
Valparaíso I
CEP 77221, Goiás.

CONFINADORES

“Certamente em decorrência de uma falha involuntária, não consta no **Quem é Quem/85** o endereço da Abraco - Associação Brasileira de Confinadores, gado bovino. Em vista disso, gostaria que me informassem o endereço da referida associação. Aproveito a oportunidade para cumprimentá-los pelo excelente nível de **A Granja e Quem**”.

Eduardo L. Ruas
Rio Grande/RS.

R — O leitor tem razão, e o endereço da Abraco é: avenida Cairu, 1058, CEP 90000, Porto Alegre/RS.

IBAGÉ

“Informamos a nova constituição da diretoria, conselho fiscal e conselho técnico deliberativo da Associação Brasileira de Ibagé (Iba): presidente - Sérgio Bastos Tellechea, vice-presidente - Ricardo Weiler, secretário - Manoel Quintanilha, tesoureiro - Luiz Fausto Teixeira; conselho fiscal - Eduardo Macedo Linhares, Cláudio Caldas, Antonio Correa Gomes, Leonidas Schell, Geraldo Budó, Jair Meneses; conselho técnico - Flávio Bastos Tellechea, Pedro Caggiano Filho, Emir Corrêa Chagas, Pedro Adair dos Santos e Felisberto Barros.”

TABAPUÃ

“Foi com satisfação que notei, na edição de setembro de 1985, a veiculação de notícia sobre o fechamento dos livros de registros genealógicos das raças Tabapuã e Gir variedade mocha. Esta divulgação pela revista **A Granja** certamente haverá de auxiliar os muitos criadores destas raças — que são leitores desta conceituada publicação.”

Carlos Arthur Ortenblad
Primeiro vice-presidente da ABCMT

AMVESA

“Em assembléia geral realizada em sete de setembro, foi fundada a Associação dos Médicos Veterinários da Secretaria da Agricultura (Amvesa), entidade de caráter civil que tem como principal finalidade congregar os médicos veterinários pertencentes ao quadro funcional da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. Durante o referido evento foi eleita e empossada a primeira diretoria, para o biênio 1985/1987. Eleitos: presidente - Têlio Antinolfi, 1º vice-presidente - Eurico Biten-court, 2º vice-presidente - Victor Hermes Cerezer, 1º secretário - Waldemar Souza da Fonte, 2º secretário - Flávio Vidor, 1º tesoureiro - Ildara Nunes Vargas, 2º tesoureiro - Luiz Alberto de Oliveira Ribeiro; conselho deliberativo - José Augusto Müller, Moacir Santana Cezar, Norma Centeno Rodrigues, Carlos Alberto Prates de Azevedo, Manoel F. Teixeira, Carlos Cipriano Arteché, José Fernando Pereira Dora, Luiz Otto Wolf, José Artur Martins, Neiva Beatriz Terra Oliveira, Ricardo Medina Martins, Jonio Butierres, Huldo Cabral Cony Filho, Pedro Alberto Armani Martins; conselho fiscal - Gilberto Schaffer, Pedro Storniolo, Manoel Vargas, Ricardo Galves Bujes e Maria Teresa Moreira Osório.”

GARAPA

“Gostaria de saber maiores informações sobre o uso da garapa na alimentação de suínos.”
Cláudio Petry
Rolante/RS.

R — Os técnicos recomendam o uso da garapa misturada à ração normal. Se for para terminação do suíno, pode ser dada à vontade, caso contrário é conveniente fornecê-la duas vezes ao dia. A garapa não substitui nem a ração e nem o milho, pois apenas completa a ração, tornando-a superior, porque contém vitaminas. Além disso, adocicando a ração, os animais gostam mais e comem melhor.

CPPP

“Solicitamos a gentileza de informar qual o endereço completo do Centro de Pesquisa para Pequenas Propriedades, citado em **A Granja** de setembro de 1985.”

Roberto Makoto Shimizu
São Paulo/SP.

R — Centro de Pesquisa para Pequenas Propriedades, caixa postal 151, CEP 89800, Chapecó/SC.

GRAVIOLA

“Gostaria que publicassem detalhes sobre o cultivo da graviola, porque não consigo produzi-las sadias sem o uso de inseticidas.”
Edvaldo Serafim dos Santos
Camocim de São Félix/PE

R — Originária da América Central e vales peruanos, a gravioleira é uma frutífera que dá graviola, também conhecida como jaca-de-pobre, jaca-do-pará, coração-de-rainha e araticum-manso ou araticum-grande. Típica de climas tropicais e subtropicais, a gravioleira adapta-se a diversos tipos de solo, embora prefira solos profundos, ricos e bem drenados. Propagada através de sementes, estas devem ficar 24 horas na água antes de serem plantadas a dois centímetros de profundidade. O transplante deve ser feito quando as mudas atingirem de 10 a 12cm de altura, e o plantio definitivo com 30cm. Com um ano de idade, a gravioleira poderá ter atingido até dois metros de altura. Seu plantio deve obedecer espaçamento de 4x4 a 8x8 metros, neste último caso em pomares comerciais. A adubação das covas deve ser feita misturando-se 250g da fórmula 10-10-15 ou 10-15-15, podendo ser adicionado esterco de curral. A graviola tem se constituído em nova opção de frutífera na região dos Cerrados e, por isso, está sendo estudada pelos pesquisadores do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa), para onde o leitor também poderá se dirigir se persistirem as dificuldades. O endereço é: Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, BR 020, km 18, Rodovia Brasília-Fortaleza, Planaltina/DF, CEP 70600.

AQUI ESTÁ A SOLUÇÃO

SERINGUEIRA

"Gostaria de saber sobre o mercado da seringueira no Brasil e informação sobre bibliografia para consulta."

Cláudia D. Santos
Bandeirantes/PR.

R — A leitora certamente se interessou pela seringueira em função da verdadeira invasão desta árvore registrada agora em São Paulo, que se constitui numa nova alternativa para cafeicultores que tiveram seus cafezais infestados por nematóides ou mesmo para os produtores de laranja que se capitalizaram devido aos bons preços obtidos pelo produto. O fato é que hoje o estado de São Paulo já tem 7,5 milhões de seringueiras, 85 mil das quais começando a produzir látex, pois já atingiram os sete anos. Este ano a safra paulista de látex deverá ser de 300 toneladas. Em função desta verdadeira corrida, houve falta de sementes e mudas, estas chegando a custar Cr\$ 10 mil cada uma. Com isso, a produção de borracha deixa de ser feita somente na Amazônia e Bahia, onde recém agora deixa de ser extrativa para se tornar cultivada, e se estende para São Paulo e em direção a Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Mas, como seu estado, o Paraná, não se incluí no plano da Superintendência da Borracha — Sudhevea —, recomendamos entrar em contato com este órgão ou com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — IBDF — av. L 4 Norte — Esplanada dos Ministérios, Ministério da Agricultura — Brasília — CEP 70.840.

MACADÂMIA

"Gostaria de obter informações sobre a nozeira-macadâmia. Preciso de dados desde o plantio até a industrialização, e teria interesse de me comunicar com produtores."

Elcio Carvalho Rodrigues
Rua Tocantins, 46
CEP 39440, Janaúba/MG.

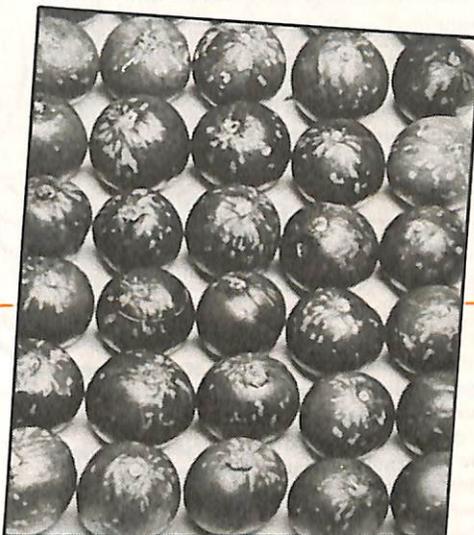
R — Originária da Austrália, a nozeira-macadâmia veio para o Brasil há 30 anos. Os principais mercados consumidores são os Estados Unidos e Europa, onde é comercializada a um preço superior ao do pistache. Atualmente, os grandes produtores de noz são a África do Sul, Havaí, Austrália e Costa Rica e nem mesmo toda a produção consegue abastecer o mercado, tornando a noz um alimento caro. A primeira produção significativa ocorre depois de cinco anos do plantio, havendo, assim, possibilidade de se intercalar com o cultivo de culturas anuais ou perenes, como café, citros e cana-de-açúcar. As melhores variedades existentes são a Keaudo, Keaumi e Kakere, todas criadas pelo Instituto Agrônomo de Campinas/SP. O plantio deve ser feito durante a estação das águas, colocando-se duas ou mais variedades

INOCULANTE

"Gostaria de obter maiores esclarecimentos sobre a matéria publicada na seção Mundo da Lavoura (pág. 68, edição 451, de agosto/85) sobre a triplicação da produção de feijão com nova tecnologia desenvolvida pela Embrapa, que consiste na utilização de bactérias fixadoras de nitrogênio, utilizando doses de inoculante, contidas em saquinhos de 200 gramas, em substituição ao adubo nitrogenado. Qual o endereço da Embrapa que desenvolve esta nova tecnologia? Como e onde adquirir as doses de inoculante? Se é um produto comercial, qual a denominação e seu produtor?"

Aldrovando Pompílio de Abreu
Salvador/BA.

R — O órgão da Embrapa que trabalha com bactérias fixadoras de nitrogênio é o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, BR 020, km 18, rodovia Brasília-Fortaleza, CEP 70600, Planaltina/DF. E o inoculante, marca Beacon, é fabricado pela Agro-Química Planalto Ltda., rua Ibirapuera, 294, fone (054) 312.2974, CEP 99100, Passo Fundo/RS.



por lote, permitindo a polinização cruzada, aumentando o pegamento de frutos e a produção. É importante a irrigação na época de florada, tendo em vista que a planta precisa de umidade para o ligamento dos frutos, além do plantio em curva de nível e capinas em ruas alternadas para evitar a perda da camada mais fértil da terra por erosão. A florada ocorre nos meses de agosto e setembro a partir do terceiro ano, e a primeira produção comercial atinge de cinco a 10 quilos por pé (no quinto ano), com colheita nos meses de março e abril. As melhores plantas podem chegar a uma produção de 50 quilos/pé no décimo-quinto ano. Maiores informações sobre a noz-macadâmia podem ser obtidas junto ao Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), av. Barão de Itapura, 1481, Campinas/SP, CEP 13100.

URUCU

"Escrevo pedindo que me informem a respeito do mercado comprador de sementes de urucu. Gostaria de saber quem está comprando."

Paulo Roberto Taveira
Portel/PA.

R — Há duas formas de utilização do urucu: como matéria-prima para fabricação de bronzeador e como condimento natural. O urucu misturado ao óleo de coco resulta num ótimo bronzeador para a pele. Outro uso que está se vislumbrando para o urucu é como condimento natural, em substituição a temperos feitos com o emprego de produtos químicos. Por isso, recomendamos dirigir-se às fábricas de cosméticos, farmácias homeopáticas ou indústrias de condimentos.

CODORNAS

"Solicito informações sobre a criação de codornas granjeiras."

José Geraldo do Nascimento
Alpinópolis/MG.

R — Também chamada de codorna doméstica, a *Coturnix coturnix* tem origem em vários cruzamentos realizados por chineses e japoneses, que chegaram a um pequeno animal, extremamente produtivo quando em cativeiro. No estágio adulto, pesa entre 100 e 150 gramas, consumindo pouco alimento. Para se ter uma idéia da funcionalidade desta ave, num espaço médio ocupado por uma galinha podem ser colocadas 42 codornas. Para iniciar a criação é preciso ter um local abrigado (a codorna é muito sensível ao frio), gaiolas com compartimentos separados e pintos de boa procedência, vacinados contra as principais doenças das aves. Dentro de 40 a 45 dias, quando a fêmea se tornar adulta, é importante controlar a sua produção de ovos. Conforme literatura especializada, uma codorna deve colocar sete ovos em 10 dias. Caso contrário, deverá ser eliminada como poedeira. O abate pode ser feito na quarta semana de vida, e a carne de codorna tem elevado valor nutritivo. O assunto foi tratado pela A Granja nas edições 388, de maio de 1980, e 429, de outubro de 1983. Um dos livros que está no mercado é "Criação da Codorna Doméstica", de Irineu Fabichak e Oscar Molena, Livraria Nobel S.A., São Paulo. Maiores informações podem ser obtidas junto à Associação Brasileira de Avicultura, cujo endereço é av. Protásio Alves, 1207, apto 304, Porto Alegre/RS, fone (0512) 31.2482, com o presidente, sr. Olavo Luiz Gaudioso. Matrizes com uma semana poderão ser adquiridas na Emater de Minas Gerais, rua Raja Gabaglia, 1626, bairro Luxemburgo, caixa postal 900, CEP 30000.

AGROINDÚSTRIA

Com o objetivo de orientar os profissionais envolvidos com o setor agroindustrial, será realizado de dois a quatro de dezembro, em Porto Alegre/RS, um Curso sobre Tecnologia na Agroindústria. Maiores detalhes no Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul, fones (0512) 33-3909 e 33-3833.

TRABALHISTAS

Como fazer o registro de um empregado rural? Como rescindir o seu contrato? Quais os direitos e deveres do trabalhador rural? Estas e outras perguntas serão respondidas durante o Curso Prático de Obrigações Trabalhistas Rurais, a ser realizado em Porto Alegre/RS, de 22 a 24 de novembro. Informações e inscrições através do fone (0512) 21-3818 ou 33-3932.

BRIGA

Marcado para os dias 27, 28 e 29 deste mês o Encontro Nacional das Indústrias de Alimentação e Bebidas (Enab), em Porto Alegre/RS, com a participação prevista de 500 industriais do setor. O encontro promete ser polêmico, pois, já em seu lançamento, o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Luiz Octávio Vieira, denunciou que os supermercadistas prejudicam os industrialistas e consumidores, porque "compram em prazos de até 90 dias, vendem à vista, agregam 50 por cento sobre o preço dos produtos e obrigam as indústrias a arcar com custos adicionais para uma boa colocação de sua marca nas prateleiras. Além disso — acrescentou — sob o pretexto de repartir os custos com suas campanhas publicitárias, cobram uma taxa de fidelidade". Para o presidente da Fiergs, é necessário e urgente repensar a estrutura de comercialização de alimentos e bebidas.

ENCONTRO

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) promove de 18 a 22 de novembro, no Rio de Janeiro/RJ, o IV Encontro de Executivos do Sistema OCB. O assunto principal a ser discutido é o "Cooperativismo e a Constituinte", sendo analisados ainda temas como a Reforma Agrária e o Projeto Nordeste, além de assuntos de interesse do sistema. Paralelamente, serão realizadas a Assembléia Geral Extraordinária da ACB e a reunião do Conselho Diretor da entidade.

OVINOS

Bagé/RS sediará o IV Curso Nacional de Atualização em Ovinocultura, de 18 a 29 de novembro. O evento, destinado a técnicos graduados que atuam na pesquisa e extensão oviná, tem vagas limitadas. O curso tratará da produção, comercialização e industrialização da lã, carne e pele. Inscrições devem ser feitas junto à sede da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (Arco), av. Sete de Setembro, 1.159, em Bagé/RS, CEP 96400, fones (0533) 42-2422 ou 42-2871.

JOVENS

De três a cinco de dezembro realiza-se em Brasília a 2ª Convenção Nacional de Jovens Rurais. Os participantes vão discutir os principais problemas do jovem rural, aproveitando o final de 1985, consagrado pela ONU como o Ano Internacional da Juventude.

LEITE I

A Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS promove de 20 a 22 de novembro em Porto Alegre o 1º Ciclo de Palestras sobre o Leite, analisando os aspectos que envolvem o processo desde a produção, passando pela comercialização, até o consumo. Mais detalhes pelo fone (0512) 33-3975 ou 36-3499.

LEITE II

Em Cachoeiro do Itapemirim/ES, será realizado de 27 a 29 de novembro o 1º Encontro Estadual sobre Gado de Leite. Contatos com a Emater/ES, fone (027) 522-6204.

ALIMENTOS

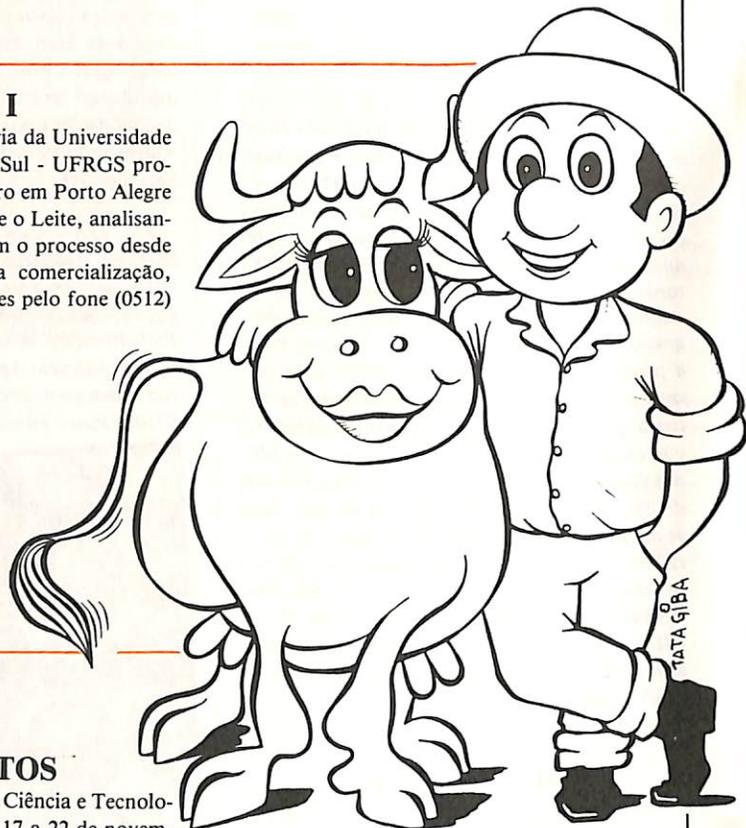
A Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos realiza de 17 a 22 de novembro, em Itabuna e Ilhéus, na Bahia, o VIII Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia de Alimentos. Durante o evento serão realizados o 1º Simpósio de Tecnologia Disponível para Geração de Empresas de Alimentos, a 2ª Exposição da Indústria de Alimentos, Equipamentos e Embalagens e a 1ª Feira Brasileira de Tecnologia de Alimentos. Informações junto à Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - Ceplac, fone (073) 211-2211, ramais 128, 224 ou 258.

COELHOS

Belo Horizonte sediará nos dias 22 e 23 de novembro o 1º Encontro Nacional de Cunicultura, no campus da Pampulha. A reunião, promovida pela Escola de Veterinária da Universidade de Minas Gerais e pela Associação Mineira de Criadores de Coelhos - Amicco, tratará de assuntos como o desenvolvimento da cunicultura brasileira, manejo e instalações, nutrição e alimentação, prevenção e controle de doenças. Informações diretamente na Escola de Veterinária/UFGM, pelos fones (031) 441-4597 e 441-2996.

VETERINÁRIOS

De 18 a 22 de novembro realiza-se o I Congresso Latino de Veterinários Especialistas em Suínos, no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro/RJ. Participa do evento o veterinário Roy Schultz, uma das autoridades mundiais mais respeitadas em suinocultura, de Iowa/EUA, grande centro produtor de suínos. Informações pelo fone (011) 251-5611.



SUÍNOS

Nos dias 25 a 29 de novembro, o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA) promove o IV Curso de Atualização sobre Produção de Suínos, em Concórdia/SC. Melhoria, ambiente, nutrição, reprodução, sanidade e administração são alguns dos pontos a serem tratados, além do debate de assuntos críticos envolvendo a produção e o conseqüente apontamento de soluções alternativas geradas pelas pesquisas. A participação no curso está condicionada aos seguintes requisitos: nível universitário; experiência na área de produção animal; ser oriundo dos serviços de extensão rural, fomentos industriais e cooperativas e/ou órgãos ligados ao setor. As inscrições podem ser feitas até 20 de novembro, junto ao setor de difusão de Tecnologia do CNPISA, pelo fone (0499) 44-0122, ramal 278, ou por carta, aos cuidados da Embrapa-CNPISA, caixa postal D-3, CEP 89700, Concórdia/SC. A taxa de inscrição é de Cr\$ 50 mil.

PORTEIRA ABERTA

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA? — O Ministério da Agricultura do Brasil planeja e administra a agricultura no País? Não, se depender da opinião do ministro Pedro Simon. Este mês, em Porto Alegre, ele reclamou a necessidade de uma reformulação administrativa no governo, e para tanto alinhou alguns argumentos que provocaram risos dos participantes do debate sobre a política agrícola da Nova República. “A política do café — começou Simon — é tratada pelo IBC, órgão do Ministério da Indústria e Comércio. A política da cana-de-açúcar e do álcool também é da competência do Ministério da Indústria e Comércio, através do IAA. Quem fixa a política da laranja é a Cacex, departamento do Banco do Brasil vinculado ao Ministério da Fazenda. O MF fixa e fiscaliza a política de abastecimento e preços, através da Seap, Sunab e Cip. E a importação de produtos agrícolas é decidida pelo Ministério da Fazenda e executada pela Interbrás, uma empresa da Petrobrás, que por sua vez é vinculada ao Ministério das Minas e Energia.”

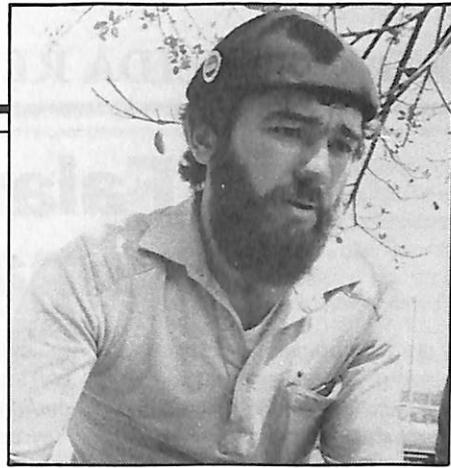


NADA DE NOVO — “A política econômica continua calcada no monetarismo ortodoxo, no qual o setor primário é um sub-sistema que serve apenas para dar sustentação ao comércio e indústria, e não acredito que esta drenagem de recursos líquidos de um setor para outro venha a ser revertida na Nova República.” A afirmação é do presidente da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná, Guntolf van Kaick, que, no entanto, reconheceu ter que “louvar os esforços do ministro Pedro Simon”. Contudo, ele acredita que na prática as tentativas do ministro da Agricultura não vão dar maiores resultados, porque o governo continua com sua preocupação maior dirigida ao combate à inflação, o que faz sobre “o lombo do agricultor e do trabalhador”. Para ele, o sistema monetarista provoca a transferência de renda líquida do campo para a cidade, que entre os dois dispõe da maior preocupação do governo, porque concentra hoje 70 por cento da população.

O presidente da Ocepar desenhou um círculo em que a parte superior seria a comunidade urbana e a metade inferior a rural. Além de a circulação dos recursos ser muito mais rápida entre a comunidade urbana por uma série de fatores biológicos — disse ele —, os recursos que são destinados da comunidade urbana para a

rural passam por um conta-gotas, enquanto que no sentido contrário os recursos são drenados em muito maior volume. Citou como exemplo disso os 235 por cento de juros do valor do custeio e os 16 impostos que incidem sobre os produtos de origem primária.

PÉ ATRÁS — Nem mesmo a abertura da Nova República às discussões de uma política agrícola afinada com a realidade do País conseguiu diminuir a desconfiança dos produtores, acostumados a confeccionar um rol interminável de reivindicações que, ao final, são simplesmente “arquivadas”. Este fato ficou evidente durante a IV Reunião Regional de Debates sobre a Política Agrícola da Nova República, que reuniu em Porto Alegre/RS 1.800 representantes dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Três de Maio (cidade localizada a 500 quilômetros da capital gaúcha), Antônio Wünsch, entende que em geral as propostas levantadas no encontro foram boas, “mas sempre ficamos com o pé atrás, pois nunca sabemos o que será realmente executado e o que vai ficar nas gavetas dos tecnocratas de Brasília”. O sindicalista defendeu nos debates a formação de conselhos municipais, regionais e estaduais, integrados por produtores e entidades do setor. Estes



conselhos fariam um mapeamento do País, juntando dados como, por exemplo, quanto seria preciso plantar para dar alimentos à população brasileira. “A partir daí”, disse, “é que poderíamos semear a terra com segurança, pois, além de definirmos um preço justo, incentivariamos aqueles produtos que estivessem faltando no mercado interno”. Alfeu Müller, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boa Vista do Buricá, acredita que, além disso, os produtores somente terão vez quando indicarem representantes para o Ministério da Agricultura.

LUCRO NÃO É CRIME — Favorável à reforma agrária desde quando o assunto se tornou muito polêmico, o ex-secretário da Agricultura Paulo Carneiro Ribeiro, presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná, conta vantagem em relação à excelente safra paranaense de trigo deste ano. Lembra que foi ele quem, como secretário, em 1976, providenciou a importação de variedades de sementes do México e da Califórnia, porque estas eram cultivadas em regiões semelhantes as de seu estado, e que, melhoradas, estão permitindo o atual desempenho recorde de renda por áreas. Inclusive, lembrou também que o prêmio Nobel e papa do trigo Norman Borlaug foi quem desenvolveu estas sementes.

Sobre a política agrícola, Paulo Ribeiro defende, como muitos líderes rurais de seu estado, uma programação mais longa e mais estável:

— Um dos fatores principais para uma política agrícola é que ela traga confiança para novos investimentos, que propicie preços mínimos compatíveis em termos de custos e uma margem de lucro. Acontece que a atividade primária é de alto risco e pouca e demorada lucratividade, e o agricultor, para poder se capitalizar, precisa de dois fatores fundamentais — produtividade e preço remunerador.

Depois de lamentar as “desastrosas interferências” de governos passados que impediram a capitalização do produtor, Paulo Ribeiro reconheceu que “não há quem não esteja otimista” em relação à Nova República, mas advertiu que espera que o plano de construir uma política agrícola a longo prazo, prometida pelo ministro Pedro Simon, da Agricultura, “não tenha o mesmo fim da Carta de Brasília, que foi parar numa gaveta”. Por fim, voltou a defender o lucro em todas as atividades produtivas, principalmente a primária, concluindo que, “afinal, ter lucro não é crime”.

Falando de ratos numa emergência

Entre as muitas bobagens que a gente estuda por aí, aprendi que um rato é capaz de produzir 65.700 bastonetes de fezes por ano, excrementos fusiformes, parecidos com grãos de arroz. E me lembro de ter lido que o rato doméstico se chama *Rattus rattus*, enquanto a ratazana dos esgotos atende pelo nome de *Rattus norvegicus* e o camundongo gosta de ser chamado de *Mus musculus*.

Em teoria, a descendência de um casal de ratos, ao fim de três anos, pode totalizar 350 milhões de indivíduos. No tempo em que os estudei, já lá se vão muitos anos, os ratos faziam parte da família dos murídeos. E se a ratazana pesa em torno de 400 gramas, há um certo rato bandicota — *Bandicota bengalensis* — que pesa 2 quilos, o marreco, e habita a Índia. Onde, aliás, parece que a proporção de ratos por habitante é de 10 para 1, se os meus estudos estavam certos.

Ora, não sou biólogo, não conheço a Índia, nunca estive, sequer, na Europa. Por que teria, então, de estudar o bandicota? Já não me lembro. O que sei é que o problema dos ratos, no mundo inteiro, é seriíssimo. Parece que só não existem ratos domésticos nas cidades alemãs, de até 50 mil habitantes, onde não haja construção civil, isto é, cidades construídas há muitos anos, sem obras recentes, e em algumas cidades do Oriente Médio, onde a água é bem precioso e escasso. Nessas condições, os ratos não têm como bebê-la. Nem têm o que fazer por lá.

Por que perco o meu tempo — e tomo o seu, pacientíssimo leitor — com esta conversa murídea? É simples: passei a noite em claro, às voltas com os camundongos, que cismavam de roer minha mesinha de cabeceira, saldos de um buraco minúscu-

lo, entre o rodapé e o assoalho de tábuas corridas. Sempre que acendia a luz, os dadinhos se escondiam. Apagando o abajur, voltavam a roer meu criado-mudo.

Sei que os ratos não roem só por roer; eles não são idiotas a este ponto. Roer, para eles, é imperativo de sobrevivência, pois seus 4 incisivos podem crescer até 13 centímetros por ano. Portanto, há que gastá-los roendo qualquer coisa.

De tudo quanto andei lendo sobre ratos, restou-me a convicção de que o problema é insolúvel. Dizem os técnicos da OMS que é preciso dificultar a vida dos ratos, impedindo seu acesso aos alimentos. Neste sentido, construí um depósito de ração supimpa, porque realmente à prova de murídeos. Mas é difícil impedir que eles se alimentem nos cochos do gado e é impossível impedir que tenham acesso à água de beber. Nessas condições...

O próprio gato está meio desmoralizado, no que respeita ao combate aos ratos. E quem diz isso não sou eu: é a Organização Mundial de Saúde. Junte-se o fato de que, para contar com os gatos no combate aos ratos, há que ter gatos em casa — e eu não sei do que desgosto mais: se dos ratos, ou dos gatos...

Os venenos, também chamados "remédios para ratos", acabam desmoralizados quando aparecem as linhagens resistentes. Foi assim com aqueles anticoagulantes, que se revelavam muito promissores. Foi assim com uma porção de outros "remédios", que perderam a eficiência.

E o certo é que estou aqui, numa tarde-noite de domingo, a conversar sobre ratos, porque preciso do auxílio do leitor. Não posso continuar convivendo com os ratos, que fazem estragos nos mantimen-

tos e nos móveis da casa, e não me deixam dormir. Além disso, podem transmitir uma série de doenças gravíssimas. Por isso, quero acabar com os ratos de quatro patas, que circulam pela minha roça. Não tenho ingerência sobre os ratos bípedes, mas esses parecem dar preferência à Brasília, DF. Importam-me os quadrúpedes, que se estabeleceram na Cachoeira Alegre.

Ocorre que tenho visto, nos jornais e revistas especializados em agricultura, a propaganda de um aparelho anti-rato, à base de ultra-sons, salvo engano. E é atrás disso que ando: um aparelho, um "remédio", qualquer coisa (que não sejam um gato...) que me livre a casa dos ratos.

Tempos atrás, andei apreçando um desses aparelhos, que já custava uma fortuna! Hoje, deve custar quatro fortunas, por obra e graça do Sr. João Figueiredo, que o jovem Eduardo Médici chamou de canalha, no velório de seu avô.

Não tenho informações sobre a eficiência dos tais aparelhos. Nem sei como funcionam. E não tenho condições de gastar uma fortuna, para depois descobrir que o negócio não funciona.

Peço, portanto, a ajuda do leitor, no sentido de me informar, por carta, se o negócio funciona mesmo, qual é o raio de ação, quais os inconvenientes (se é que os há), quais as limitações, quanto custa e onde pode ser encomendado?

As informações, que agradeço de antemão, podem ser mandadas aos cuidados de A Granja, ou podem vir diretamente para a Avenida Rio Branco, 2679, sala 1115, CEP 36.100, Juiz de Fora, MG, a/c do Sr. Eduardo A. Reis, que assina estas notas, agradece penhorado e quer ficar livre dos ratos rurais, que lhe tiram o sono.

SOMUL

ESTAMOS NOMEANDO
REPRESENTANTES

O NOME CLÁSSICO NA FABRICAÇÃO DE:

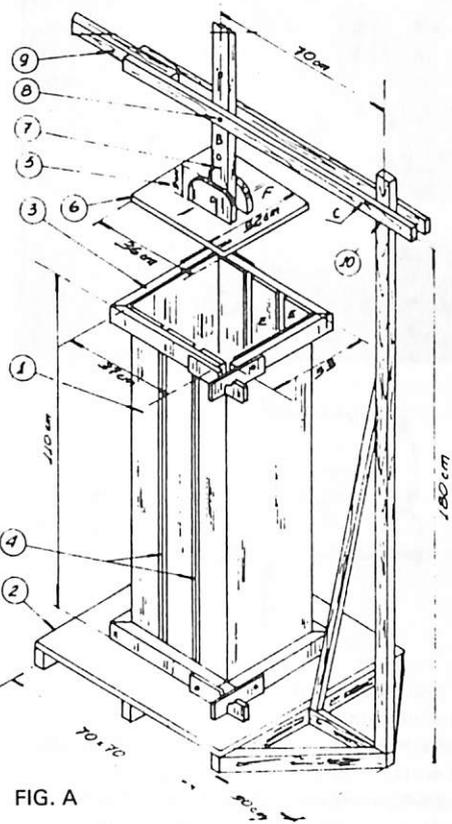
- Moinhos de vento
- Bombas de cilindro acionadas por motor e tração animal para poços ou fontes de água de até 100 metros de profundidade.

SOMUL - SOC. METALÚRGICA URUGUAIENSE LTDA.
Porto Alegre/RS: Rua Ângelo Dourado, 384 - Fone: (0512) 42-7096
Uruguaiana/RS: Rua Flores da Cunha, 1984 - Fone: (055) 412-1574



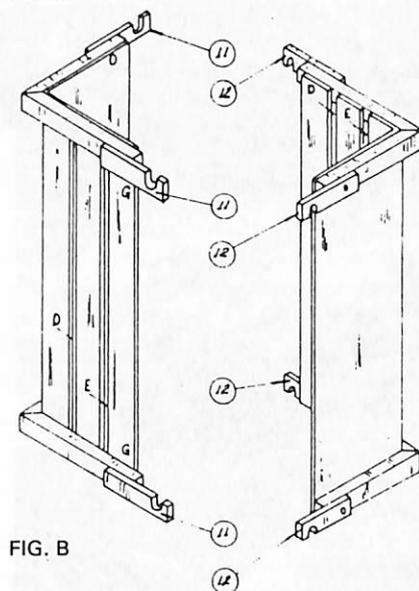
Prese o pasto

VISTA GERAL DA PRENSA



O excesso de pasto pode ser fenado para uso em épocas de escassez. E não é necessário equipamento muito caro para seu enfardamento. Uma das maneiras simples de conservar a forragem é uma prensa concebida em 1973 por uma equipe de Israel e do Laos, no projeto-piloto denominado Hat-Dok-Keo, no Laos.

FORMA ABERTA



A prensagem conserva o feno com menor volume e em condições mais facilmente controláveis. O equipamento, como mostra a adaptação brasileira da Embrater, não necessita de nenhuma manutenção especial e, por ser desmontável, pode ser levado para o local da colheita (Figura A).

O feno é colocado em pequenas quantidades num molde desmontável, em forma de paralelepípedo, e prensado verticalmente por meio de uma placa horizontal (6) ajustada no interior do molde. Quando o molde estiver cheio, a massa de feno é amarrada através de três arames (de ferro, de preferência) previamente alojados em canaletas situadas nas faces internas (4). Depois, o molde é desmontado, e o feno retirado.

Descrição — A prensa pode ser construída toda de madeira:

- 1 — Parede desmontável
- 2 — Pedestal
- 3 — Moldura
- 4 — Canaletas para alojar os arames
- 5 — Eixo da haste de pressão
- 6 — Placa prensante
- 7 — Haste de pressão
- 8 — Articulação da haste de pressão na alavanca por meio de pino removível
- 9 — Alavanca
- 10 — Articulação da alavanca e do suporte
- 11 — Gancho fixo
- 12 — Gancho móvel.

Operação — Depois da fôrma montada, colocam-se dois arames nas canaletas D e E, com as extremidades ultrapassando, mais ou menos, 30cm da parte superior da fôrma. Uma pequena quantidade de feno é colocada na fôrma e depois prensada, acionando-se a alavanca para baixo (9).

À medida em que a quantidade de feno prensado aumenta, a altura da articulação da haste (7) na alavanca (9) é modificada por meio do pino removível (8). Quando a fôrma estiver cheia, cada arame é esticado e amarrado nas extremidades, antes de se desmontar a fôrma e o feixe ser retirado. Este aparelho permite que três homens preparem cinco feixes por hora. □

MARCHIGIANA PESA

Com 406,423kg em 378 dias, um garrote Marchigiana PO venceu a XXXIV Prova de Ganho de Peso de Bovinos, iniciada em 16 de abril e encerrada em 10 de outubro, promovida pela Estação Experimental de Zootecnia de Sertãozinho, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. A prova teve a participação de 312 novilhos de diversas raças de corte, e seu resultado foi ajustado aos 378 dias de idade de cada animal. Os dados obtidos permitiram a classificação individual dentro de cada raça, e dos animais considerados "elite" e "superior".

As médias finais de cada raça ou cruza:

1. Marchigiana PO..... 406,423kg
2. Mestiço 3/4 Marchigiana..... 400,443kg
3. Santa Gertrudis..... 394,071kg
4. Mestiço 1/2 Marchigiana..... 392,196kg
5. Canchim..... 362,873kg
6. Caracu..... 326,145kg
7. Mestiço Piemontesa..... 355,513kg
8. Guzerá..... 301,261kg
9. Nelore..... 293,924kg
10. Gir..... 252,721kg

Os animais considerados "elite" na sua raça, por seu desempenho no ganho de peso, foram avaliados por técnicos do Ministério da Agri-

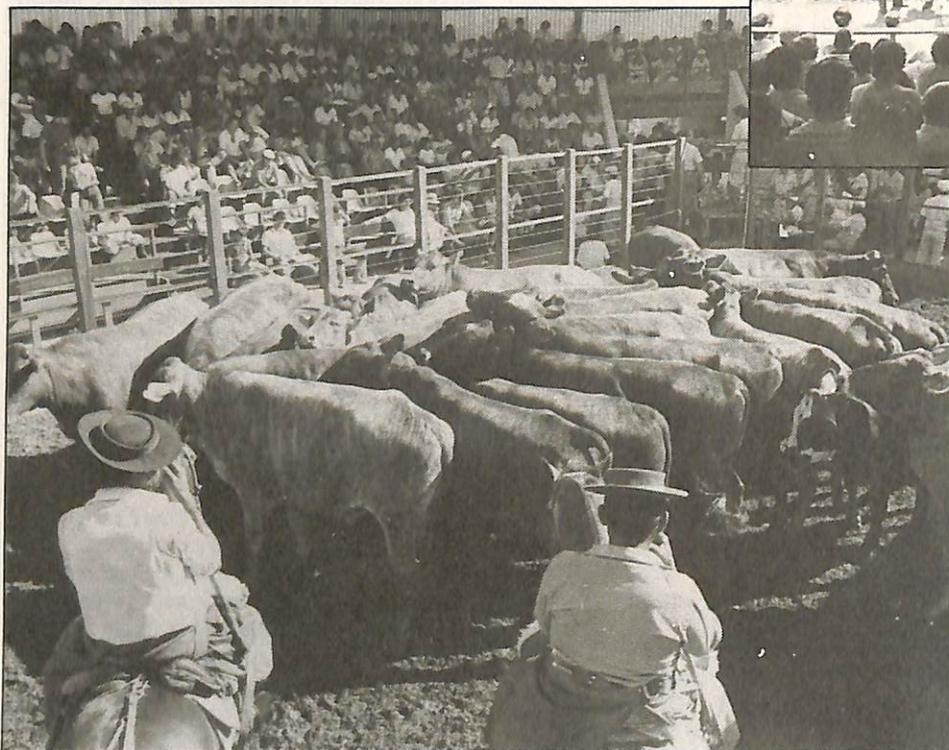
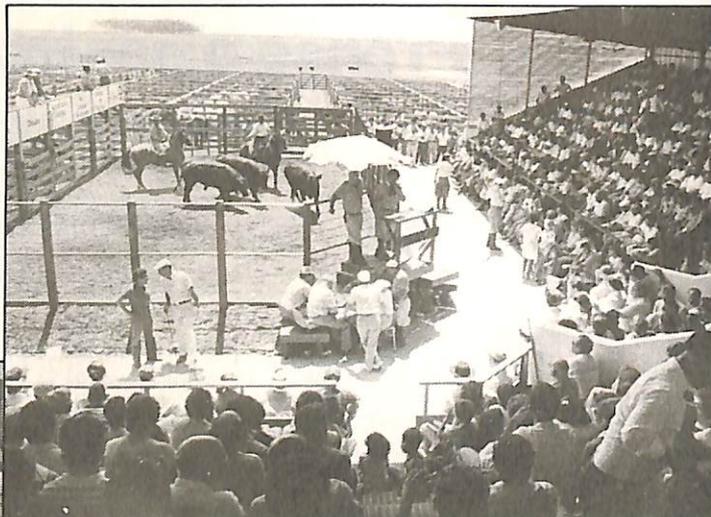


cultura, Secretaria da Agricultura de São Paulo e associações de registro genealógico de cada raça. De acordo com as características, conformação racial e outros atributos de cada um, foram classificados em "elite ouro, prata e bronze". Os "elite ouro", por sua vez, foram reunidos para a escolha do campeão Tipo Frigorífico. Três animais empataram, segundo a comissão julgadora: n° 114, Marchigiana PO, nascido em 11 de novembro de 1984, que pesou 402kg aos 324 dias de idade; n° 423, Canchim, de 8 de outubro de 1984, com 415kg aos 358 dias; e n° 925, Santa Gertrudis, de 9 de setembro de 1984, com 442kg aos 387 dias. □

GRAMÍNEA PERENE

A Estação Experimental de Lages/SC da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. (Empasc) distribui até dezembro mudas de hemártria, uma gramínea forrageira perene de verão. As mudas estão contidas em sacos com 800 unidades, permitindo o estabelecimento de 200 metros quadrados de viveiro. O preço de cada saco é de Cr\$ 3 mil. Estas mudas devem ser plantadas a uma distância de 50 centímetros uma da outra para que ocorra uma rápida cobertura do solo. Com o objetivo de atender o maior número possível de produtores, a quantidade de sacos ficou limitada em 10 por pecuarista. Pedidos devem ser enviados para o seguinte endereço: Estação Experimental de Lages, rua João José Godinhão, bairro Morro do Posto, caixa postal 181, Lages/SC.

A boa estréia do Umbu



Junco e Tellechea, no Umbu: início de mais de Cr\$ 3 bilhões

Com uma comercialização superior a Cr\$ 3 bilhões, o 1.º Remate do Local Umbu, recentemente realizado em Uruguaiana/RS, pode ser classificado de "excepcional" e se constitui no maior remate individual do Rio Grande do Sul. Promovido pelas famílias Bastos e Tellechea, da Junco Agricultura e Pecuária S/A. e da Agropecuária Tellechea Ltda., o remate coincidiu com a inauguração do Local Umbu, localizado a 25 quilômetros do centro de Uruguaiana, que fica a 634 quilômetros da capital, e se constitui nas mais confortáveis e amplas instalações para realização de leilões. De acordo com os organizadores, a estrutura em ferro, aço e alumínio, com acomodação para 650 pessoas, galpão específico para churrasco, exigiu investimentos da ordem de Cr\$ 3 bilhões, enquanto os bretes, mangueiras e poteiros quase automáticos custaram seguramente mais de Cr\$ 1 bilhão. Apesar do elevado valor alcançado pela comercialização, os promotores do remate acreditam que somente em três anos poderão recuperar os investimentos feitos com as instalações. Cumprindo o lema "Qualidade em Quantidade", os

realizadores do 1.º Remate Local Umbu, na fazenda de mesmo nome, permitiram que os leiloeiros do Escritório Trajano Silva trabalhassem com rapidez tão logo fossem alcançadas ofertas razoáveis e, embora mais de mil pessoas tivessem comparecido ao remate, o total de Cr\$ 3.258.330.000 foi atingido através de vendas a alguns poucos compradores. Exemplo disso foi a Andrade Lima Agricultura e Pecuária, de Jaguarão/RS, que adquiriu 20 lotes de ventres de Aberdeen-Angus e Red Angus. Além de bovinos destas duas raças, foram comercializados bovinos da raça Ibagé, eqüinos da raça Crioula e ovinos das raças Corriedale, Ideal e Ile de France.

Os cavalos Crioulos é que conseguiram as mais elevadas médias, na base de Cr\$ 26 milhões por macho e Cr\$ 28,2 milhões por fêmeas. Embora a maioria dos participantes do remate procedesse das redondezas de Uruguaiana, muitos produtos foram vendidos para criadores de fora do Rio Grande do Sul, procedentes de Santa Catarina, Mato Grosso, São Paulo, Goiás e, principalmente, do Paraná. □



□ Bela Ideal Laura Westering 59, ou simplesmente Laura, uma vaca da raça Holandesa preta e branca, seis anos de idade, foi eleita "Miss Leite B" no torneio leiteiro realizado no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, de cinco a oito de novembro, pela Associação Brasileira dos Produtores de Leite B. Laura, de propriedade de Raul Pinto e de Pedro Pinto Scarpa, da Fazenda Santa Marta, Itanhandu/MG, apresentou uma produção média diária de 58 quilos de leite. O prêmio foi um balde de ouro e um cheque de Cr\$ 10 milhões. Reunindo 26 vacas de vários estados, a competição premiou, ainda, Sonnenhof Vitória Vitalícia Telstar, do carioca Sérgio Luiz da Silva Porto, e Jobi Borboleta II Marquies Red, de propriedade do paulista Valmir Spinelli e irmãos, classificadas em segundo e terceiro lugares, com as médias de 53,680 e 53,130 quilos de leite por dia, respectivamente. Concluído o torneio, todas as vacas participaram de um leilão no próprio hotel, organizado pela empresa Programa Comercialização de Animais, com as vendas atingindo um total de Cr\$ 1 bilhão e 460 milhões. A média foi de Cr\$ 58,4 milhões. A principal venda registrada foi a da fêmea que ficou em segundo lugar no torneio, Sonnenhof Vitória Vitalícia Telstar, por Cr\$ 200 milhões. Os compradores foram a Paragon Agropecuária, de Franca/SP, e Arnaldo Mendes, de Marília/SP. A Bela Ideal Laura Westering 59 foi vendida à Expoagro Rio, do Rio de Janeiro, pela quantia de Cr\$ 168 milhões. Outro negócio de destaque foi a venda da Santa Esperança Elevation Crismaria Ayala,

do paulista Lázaro de Mello Brandão, à Fazenda Nossa Senhora Aparecida, também do estado de São Paulo, pelo lance de Cr\$ 124 milhões.

□ Recordes nacionais e animais de excelente linhagem e conformação foram características predominantes do "I Nelore Especial VR", realizado em quatro de novembro no Clube Paineiras do Morumby, em São Paulo. O total de vendas atingiu Cr\$ 5,11 bilhões (cerca de 40 por cento da comercialização da pecuária na VIII Expoiner, do Rio Grande do Sul, de Cr\$ 13,4 bilhões). O maior preço do leilão e recorde nacional da raça foi o macho Chengar POI, da Zebulândia VR, nascido em agosto de 1984, vendido por Torres Homem Rodrigues da Cunha à Companhia Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, de São Paulo, por Cr\$ 600 milhões, com pagamento em cinco prestações mensais. O recorde anterior pertencia a Rangarh do Brumado, comprado em julho, em Barretos/SP, por Cr\$ 300 milhões.

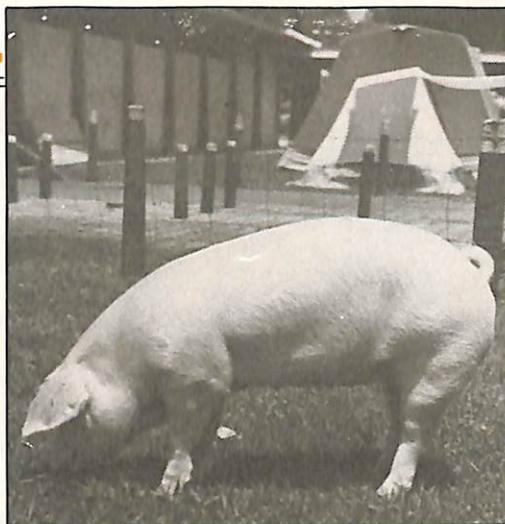
As fêmeas também participaram do leilão. Bânka POI, também da Zebulândia VR, nascida em maio de 1983 e do mesmo dono de Chengar, saiu por Cr\$ 500 milhões para José Olavo Borges Mendes, de Minas Gerais. Como Chengar, Bânka bateu o recorde nacional de fêmeas Nelore, que era de Cr\$ 260 milhões. Foram comercializados 19 machos POI por Cr\$ 1,9 bilhão (média de Cr\$ 105 milhões) e 26 machos PO por Cr\$ 1,2 bilhão (média de Cr\$ 46,1 milhões). Quatro fêmeas POI saíram por Cr\$ 930 milhões (média de Cr\$ 232,5 milhões) e 15 PO por Cr\$ 990 milhões (média de Cr\$ 66 milhões).

O I Nelore Especial foi promovido pela família Rodrigues da Cunha, representada por Torres Homem Rodrigues da Cunha (Chácara Zebulândia), Joaquim Vicente Prata Cunha (Rancho Verde), Vicente Rodrigues da Cunha (Fazenda Pontal), Torres Lincoln Prata Cunha (Fazenda Poty), José Carlos Prata Cunha (Fazenda Fortaleza) e José Olavo Borges Mendes (Fazenda Primavera). Participaram também cinco convidados (Agropecuária Bonfiglioli, Embra Agropecuária, Fazenda Morro Vermelho, Roberto Calmon de Barros Barreto e Werner Jost).



EXPOTIBA

Marcada para o período de sete a 15 de dezembro a 16ª Expotiba, Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, no Parque



de Exposições Castelo Branco, a 17 quilômetros de Curitiba, em Piraquara, com a participação de três mil animais: bovinos, bubalinos, suínos, ovinos, caprinos, eqüinos, coelhos e aves. Com previsão de comercialização ao redor de Cr\$ 1 bilhão nos diversos leilões, a Expotiba se constitui na principal mostra agropecuária do Paraná e numa das principais do País.

Paralelamente à exposição-feira de Curitiba, serão realizados dois eventos ligados à suinocultura: o 1º Seminário Brasileiro de Desenvolvimento da Suinocultura e a 2ª Exposição Sul-Americana de Suínos, ambos promovidos pela Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) e com o apoio da Associação Paranaense de Suinocultores (APS), Acarpa/Emater e Ministério da Agricultura. No programa do seminário, assuntos como: sanidade e melhoramento genético, administração rural, política de produção, comercialização, etiologia e organização rural. Além desta programação, o seminário terá um painel sobre política de produção de carne. Já a 2ª Exposição Sul-Americana de Suínos reunirá 200 animais do Brasil e Argentina, das raças Duroc e Spot, esta última originária da Inglaterra e uma das mais importantes na suinocultura mundial. Sua principal característica, segundo o presidente da APS, João Luís Seimertz, é o rápido ganho de peso, o que resulta em significativas vantagens ao produtor.

NELORE CINCO ESTRELAS

Marcado para dois de dezembro, segunda-feira, a partir das 20 horas, na av. Jamaris, 213, em São Paulo, o 2º Leilão Nelore Cinco Estrelas, quando serão oferecidos 15 machos POI, oito fêmeas POI, sete machos PO e 20 fêmeas PO. Os animais estarão expostos na V Expande, no Parque da Água Funda, São Paulo, a partir do dia 27 de novembro.

ALIMENTAÇÃO

De quatro a seis de dezembro, em Los Angeles, Califórnia (EUA), a 3ª Feira

Internacional de Alimentação, exposição anual que reúne indústrias de alimentos e bebidas. Deverão comparecer mais de 700 expositores de 20 nações. Maiores detalhes na Embaixada dos Estados Unidos em Brasília, av. das Nações, Lote 3, CEP 70200, fone (061) 226-3159.

BAHIA

3ª Exposição de Caprinos e Ovinos, de 28 de novembro a 1º de dezembro, em Conceição do Coité; 72ª Exposição de Cães Pastores Alemães, em Salvador, no dia primeiro; 3º Leilão de Animais, de 30 de novembro a 1º de dezembro, em Entre-Rios; 11ª Exposição-Feira de Ipiáú, de dois a nove; 2ª Exposição de Caprinos e Ovinos, em Casa Nova, de 13 a 17.

ESPÍRITO SANTO

XIX Agropecuária e Feira, em Cariacica, de 24 de novembro a 1º de dezembro.

MINAS GERAIS

Leilão de Bezerros de Corte, em Uberlândia no dia 1º de dezembro; 2ª Feira de Animais Recria e Engorda, em São Tiago, dias seis e sete de dezembro.

PARANÁ

XV Exposição-Feira Agropecuária e Industrial e II Expo-búfalos, em Loanda, de 23 de novembro a 1º de dezembro; IV Feira da Novilha, em Palmas, no dia primeiro; III Feira Exposição de Produtos Agropecuários e Industriais, de primeiro a oito, em Guaraci; XVI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados (Expotiba), em Piraquara, de sete a 15; III Feira de Bezerros, Novilhas e Bubalinos, dia oito, em Piraquara; V Leilão de Bovinos, em Santa Cruz do Monte Castelo, de 13 a 15.

RIO DE JANEIRO

1ª Exposição Agropecuária Industrial e Internacional do Rio de Janeiro (Expoagro Inter-Rio 85) e 1ª Exposição de Cães de Raça de Pedigree Elevados (Quinoshow), de seis a 15 de dezembro, no Riocentro.

RIO GRANDE DO SUL

XI Feira de Reprodutores Suínos, em Aratiba, de seis a oito; IV Exposição Agropecuária, em General Câmara, de nove a 11; VI Feira de Reprodutores Suínos, em Nova Araçá, de 13 a 15; V Feira de Búfalos, em General Câmara, de 13 a 15; II Exposição Agropecuária, em Getúlio Vargas, de 13 a 15; I Feira de Cordeiros, dias 19 e 20, em Santa Vitória do Palmar.

SANTA CATARINA

VI Remate de Bovinos, Bubalinos, Eqüinos e Ovinos, dia sete, em Lages.

SÃO PAULO

Leilão Nelore, dia primeiro, em São Paulo; I Leilão das Árábias, dias primeiro e dois, em São Paulo; XXI Leilão Oficial da Raça Mangalarga, dias sete e oito, em São Paulo; XXI Exposição Agropecuária de Avaré (Emapa) e IV Leilão de Sela e Tração, dias 14 e 15, em São Paulo.

PARANÁ 85



A partir de 1962 a soja começou a ocupar os espaços do café (foto menor), com lucro aos produtores e problemas para a terra

Café, soja. E agora?

Agricultura do Paraná sofreu um repentino processo de modernização a partir do início da década de 70, quando a cultura da soja expandiu-se na região Norte, até então quase totalmente ocupada com extensas plantações de café.

Na verdade, o cultivo de café no Paraná apresenta uma tendência decrescente desde o ano de 1962, com o acúmulo de adversidades climáticas de intensidades variáveis, que determinaram grandes prejuízos a muitos produtores, e o aumento do risco potencial da cultura. Ao lado da instabilidade cada vez maior da cafeicultura, começaram a surgir outras culturas concorrentes que ofereciam riscos bem menores e, sobretudo, menor demanda de trabalho humano. A partir de então, o quadro ficou desfavorável para o cultivo de café, implicando na substituição do café pelo algodão, soja e pecuária, mais recentemente.

Segundo o Anuário Estatístico, editado pelo Instituto Brasileiro do Café - IBC, em 1977, foi na safra referente ao ano agrícola de 1946/47 que o Paraná ultrapassou a barreira de 1 milhão de sacas (enquanto São Paulo mantinha uma média

As transformações na agricultura do Paraná são rápidas, observa o jornalista Ivan Schmidt. E o futuro está na Nova República.

de 10 milhões de sacas anuais), vindo a alcançar produções expressivas em 52/53 (5 milhões de sacas), 55/56 (6,3 milhões) e 58/59 (8,6 milhões). As maiores produções, porém, foram registradas em 59/60, com 20,7 milhões de sacas, 62/63 (18 milhões), 65/66 (21 milhões), época em que o Paraná ultrapassou São Paulo na produção de café, ensejando todo o surto de progresso econômico-social da região Norte, na qual surgiram inúmeras novas cidades.

A rigor, as últimas duas grandes safras de café no Paraná ocorreram em 1974 e 1975, com 11,5 e 11,7 milhões de sacas, respectivamente.

Em função da geadas de 1975, as safras subsequentes despencaram sensivelmente, porque milhões de cafeeiros foram destruídos, e extensas lavouras erradicadas. Contudo, a renovação da lavoura cafeeira, com o plantio executado em áreas não-susceptíveis à geadas, propiciou o surgimento de uma cafeicultura mais racional, segundo alguns, mas incapaz de repetir as safras exuberantes que o estado obteve nos anos 60.

Diante de um quadro de riscos cada vez maiores para o desenvolvimento da cultura e mesmo do comprometimento de seu desempenho econômico, os tradicionais produtores de café, aos poucos, foram desistindo da atividade e cedendo cada vez maiores espaços para a soja.

Depois do café, a soja — Assim sendo, fica demonstrado que as crises que começaram a assolar a cafeicultura no meio dos anos 60 e, ainda, as tentativas feitas para racionalizar a produção, contribuíram para a diminuição da área plantada de café no Paraná, atualmente estabilizada em torno de 420 mil hectares.

Mas foi exatamente essa modificação drástica no panorama da cafeicultura paranaense que trouxe a desestruturação do chamado colonato, ▽

Furamizol Solúvel. A opção solúvel contra DCR e Diarréia das aves.



FURAMIZOL SOLÚVEL

- Possui o mais eficaz dos nitrofuranos contra a maioria dos microrganismos.
- É de solubilidade rápida e total.
- Eficiente na prevenção e combate de infecções sub-clínicas devendo ser usado em épocas estressantes ou de queda da resistência.

FATEC QUÍMICA INDUSTRIAL S.A.
Associada a TAKEDA, desde 1976

TAKEDA CHEMICAL INDUSTRIES LTD.,
Liderança da indústria farmacêutica do Japão

Fábrica: Av. Fatec, 1300 - Arujá (SP) - Escritório e Vendas: Pç. da Liberdade, 130 - 10º a. - c/ 1003
Fone (PABX) 37-7161 - C. Postal 2500 - CEP 01051 - SÃO PAULO - SP



bem como o desaparecimento das culturas intercalares (aquelas plantadas entre as linhas dos cafezais), que representavam a fonte de renda de muitos, mas essencialmente eram as culturas de subsistência para os colonos e suas famílias, produzindo não raro algum excedente para o mercado local. A cafeicultura exigia que todos os trabalhadores nela envolvidos fossem residentes no próprio local de trabalho, já que eles tinham tarefas durante todo o ano.

Este quadro também se inverteu com a entrada do cultivo da soja, que por ser uma lavoura altamente tecnicizada passou a liberar amplos contingentes de antigos colonos, que foram reforçar, obviamente, o crescente exército de bóias-frias e trabalhadores sem terra.

No período de 1962 a 1967, segundo apontamentos feitos pelos estudiosos da atividade cafeeira no estado, deu-se a erradicação de 250 milhões de pés de café, que, somados aos 220 milhões de pés abandonados por vários motivos, alcançam um total de 470 milhões de cafeeiros, liberando uma área equivalente a 627 mil hectares. Dessa área, a maior parte se transformou em pastagem (45 por cento), sendo o restante ocupado principalmente com milho, arroz, algodão, feijão, cana-de-açúcar e outros produtos.

Depois de assumir, por volta de 1962, a posição de primeiro produtor nacional de café, o Paraná conseguiu manter tal posição até o ano de 1975, quando ocorreu uma fortíssima geadada que marca, na verdade, o declínio dessa atividade no estado. A tendência de substituição do café por culturas mais rentáveis e menos expostas às intempéries, no entanto, já era visível em anos anteriores dado o desestímulo causado pela queda dos preços e pelos planos de erradicação e diversificação da agricultura brasileira.

A sobrecarga dos prejuízos na atividade cafeeira em função das geadas de 1953 e 1955, a relativa elevação da produção de feijão e os bons preços da soja no mercado internacional contribuíram concretamente para que esta oleaginosa ganhasse uma expansão lenta, mas segura, no Paraná, especialmente na região cafeeira.

Como expandiu-se a soja — Em meados de 1966, a sojicultura já era uma atividade agrícola destacada, acusando a produção estadual em torno de 44 mil toneladas. Até então, a soja era cultivada em áreas reduzidas, visando a obtenção de alimentação para animais (principalmente suínos) no Oeste e Sudoeste, mas também pela colônia japonesa da região Norte, para a elaboração de pratos típicos.

Na região dos Campos Gerais, ao sul, a introdução da soja foi condicionada ao aproveitamento das áreas antes ocupadas pelo arroz de sequeiro. Esta região dos Campos Gerais, que tem em Ponta Grossa o seu pólo principal, estrategicamente localizada no antigo caminho das tropas, foi inicialmente ocupada por criadores tradicionais. Ao redor de 1950 começaram a surgir as lavouras de arroz, pois esta espécie, por ser pouco exigente em fertilidade de solo e tolerante ao alumínio, mas exigente em água, adaptou-se bem às disponibilidades edafoclimáticas dos Campos Gerais, de modo que em poucos anos grandes áreas de campos nativos se transformaram rapidamente em lavouras de arroz.

Ainda com relação ao avanço da cultura da so-



A área plantada com café está estabilizada e a produção racionalizada

ja na região Norte, em 1967, a produção estadual bateu a casa das 100 mil toneladas. Uma verificação da série histórica da evolução da área e produção de soja no Paraná, produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, mostra que a cultura cresceu com rapidez a partir de então, atingindo já em 1973 uma produção equivalente a 1 milhão de toneladas, ou seja, 37 por cento da produção brasileira. A maior produção de soja no Paraná foi conseguida em 1980 (5,4 milhões de toneladas), caindo, porém, a partir daí, pela diminuição da área plantada, hoje em redor de 2,1 milhões de hectares.

A real importância econômica e social da soja no Paraná — segundo os pesquisadores — começou a ocorrer nos anos 70, porque o avanço da cultura acarretou mudanças tanto nas relações quanto na divisão social do trabalho, propiciando, entre outras coisas, o aumento da produtividade do trabalho e a crescente acumulação e expansão do capital no campo. Mais especificamente, isto se deu pela incorporação da propriedade da terra e da tecnologia por parte de produtores rurais privilegiados via crédito subsidiado.

A revisão do ciclo da soja no Paraná evidencia que o período 1968/77 marcou uma época amplamente benéfica para alguns produtos de exportação, entre eles a soja, favorecida pela política de minidesvalorização do cruzeiro a partir de 1968 e os preços internacionais da soja, que estiveram em alta no período, principalmente até 1965. Talvez estas informações expliquem em parte o fim da grande expansão da soja verificada no ano agrícola 1975/76, e que marca o ciclo expansionista desta cultura, quando a área plantada pulou de 1,6 milhão de hectares para 2 milhões. Já em 1977, a produção de soja paranaense cresceu apenas 5,6 por cento em relação ao ano anterior, ficando para o biênio 1973/74 o maior crescimento relativo da cultura na década de 70. A área plantada evoluiu de 817 mil para 1,34 milhão de hectares, e a produção de 1,33 milhão para 2,6 milhões de toneladas. Após 1980, o plantio de soja apresenta uma tendência de que-

da, variando a área conforme as políticas introduzidas no setor agrícola pelo governo federal, tais como o VBC, preços mínimos, taxas de juro, financiamentos e outros.

Uma constatação óbvia é que, normalmente, a variação da área da soja está relacionada também com os preços recebidos pelos produtores na safra anterior e com os resultados proporcionados por outras culturas, particularmente o milho, que é o produto que mais de perto sofre a influência da soja, quanto à dimensão da superfície de plantio.

Industrialização — A demanda do farelo de soja no mercado internacional (Mercado Comum Europeu) e a produção de óleos vegetais impulsionaram o cultivo da soja no início dos anos 70. Nessa época, as indústrias multinacionais já instaladas no Paraná estavam em condições de absorver boa quantidade de matéria-prima, figurando como um dos fatores de sustentação do rápido desenvolvimento da soja.

A indústria de óleos vegetais no Paraná passou a ter na soja parte de sua matéria-prima para obtenção de óleo a partir de 1954. Entretanto, sua importância como fonte de matéria-prima para a exportação de óleos vegetais cresce depois de 1960, e o que também ajuda a explicar o crescimento da produção de soja.

De 1964 a meados da década de 70, o número de unidades esmagadoras cresceu 257 por cento, passando a existir no estado cerca de 18 empresas, sendo quatro delas exclusivamente voltadas para a industrialização da soja. No período 1971/76, o crescimento da produção da soja sempre se antecipou ao aumento da capacidade industrial de esmagamento. Em 1980, era 20 o número das unidades esmagadoras, sendo que 11 encontravam-se com suas atividades paralisadas, uma vez que tornaram-se inviáveis do ponto de vista econômico, sobretudo, diante dos grandes complexos agroindustriais instalados no País. Entre 1973 a 1980, ocorreu um acréscimo de 227 por cento na oferta de matéria-prima para obtenção de óleos vegetais, com destaque para a parti- ▶

MERIDIONAL

UM NOVO BANCO PARA UM NOVO BRASIL



Está com você o Banco Meridional do Brasil. Um novo banco para um novo tempo. Na medida do bom atendimento que você espera, com a garantia e a força da União Federal.

O Banco Meridional já nasce grande: são 378 agências e 42 postos de serviços em todo o Brasil. Totalmente dimensionado para dar

crédito ao nosso povo, ao desenvolvimento do nosso país. Abra uma conta no Meridional.

MERIDIONAL

BANCO MERIDIONAL DO BRASIL S.A.

COM A GARANTIA DA UNIÃO FEDERAL

cipação da soja, que, em 1980, passava a representar 93 por cento do total da matéria-prima destinada ao fabrico de óleos, seguido do caroço do algodão, com 5,7 por cento, e do amendoim, com 1,1 por cento.

A indústria de óleos vegetais no Paraná está basicamente localizada junto às regiões Norte e na região de Ponta Grossa, cuja localização estratégica no entroncamento viário das regiões produtoras da oleaginosa e centros consumidores do produto elaborado fez com que a capacidade industrial da região evoluísse rapidamente. Em 1980, a indústria de óleos vegetais no Paraná, segundo dados do Banco de Desenvolvimento Econômico do Paraná - Badep, tinha a capacidade instalada (total no estado) de 21 mil 510 toneladas/24 horas. Atualmente, o eixo Ponta Grossa-Curitiba detém mais de 50 por cento de toda a capacidade de esmagamento instalada no Paraná.

Hora das transformações — Para ser melhor entendida, a questão agrária paranaense precisa ser observada também sob o prisma das transformações operadas na estrutura fundiária do estado em anos mais recentes. Esta estrutura apresenta uma dicotomia bastante clara, pois se na década de 60 deu-se um processo de retalhamento intenso do solo e uma efetiva ocupação do território, ocasionando o surgimento de expressivo número de pequenas propriedades, já no início da década posterior este processo passou a sofrer uma regressão com a gradativa redução do número de propriedades e, sobretudo, o crescimento da área média por propriedade.

Em 1960, o Paraná contava com 269.146 propriedades, com área total de 11.384.934 hectares, sendo a área média de 42,3 hectares. Deste universo, 93,8 por cento dos estabelecimentos achavam-se no estrato fundiário menor do que 100 hectares, respondendo com 42,6 por cento da área, enquanto que os 6,2 por cento dos estabelecimentos maiores que 100 hectares concentravam 53,8 por cento da área total.

No início da década seguinte — a de 1970 —, o estado passou a contar com 554.488 estabelecimentos agrícolas e 14.625.529 hectares de área ocupada, com acréscimos de 106 por cento e 28 por cento, respectivamente, com relação a 1960, registrando-se a média anual de dez por cento no aumento do número de estabelecimentos. De outro lado, a incorporação de área deu-se mais lentamente. A área média de estabelecimentos em 1970 caiu para 26,4 hectares, seguindo a tendência de sua ocupação inicial à pequena propriedade.

Já os dados referentes a 1975 mostram que houve uma diminuição do número de estabelecimentos e um pequeno acréscimo da área em relação a 1970, elevando-se a área média por estabelecimento para 32,6 hectares. Este quadro ilustra que até 1970 a ocupação do solo paranaense caracterizou-se pela predominância de estabelecimentos até 100 hectares, tanto em número quanto em área. Contudo, em 1975, passava-se a se notar a inversão dessa tendência, com a maior concentração de área nos estratos superiores a 100 hectares, apesar do predomínio da quantidade de estabelecimento dessa faixa.

No final dos anos 70, várias instituições públicas do Paraná, entre as quais o Instituto de Ter-

Discriminação	Área	
	ha	%
Cobertura vegetal	1.260.000	6,4
Águas internas, hidrelétricas e represas	403.000	2,0
Águas inaproveitáveis	1.500.000	7,7
Culturas temporárias	6.250.000	32,0
Culturas permanentes	1.100.000	5,6
Pastagem (natural e formada)	6.350.000	32,4
Hortifrutigranjeiros	75.000	0,4
Áreas aproveitáveis	1.693.000	8,7
Linhas de transmissão	83.000	0,5
Estradas	260.000	1,3
Urbana	580.000	3,0
Total	19.554.000	100,0



Resultado do milho influencia a soja

ras, Cartografia e Florestas - ITCF, órgão vinculado à Secretaria da Agricultura, deram a conhecer o panorama da ocupação do solo no estado, pelo qual observa-se que 70 por cento da área estavam ocupadas com atividades agropecuárias, ressaltando-se a participação das culturas temporárias com 32 por cento e das pastagens com 32,4 por cento. O trabalho, concluído em 1979, nos leva aos dados constantes no Quadro 1.

Reversão de expectativa — Quando os produtores de soja do Paraná estavam fazendo os planos para a implantação da safra referente a 1984/85, não contavam com o estímulo representado sempre pelos preços favoráveis. Além disso, houve também mudanças no crédito rural (com a elevação dos encargos financeiros) e a fixação do VBC abaixo das reais necessidades, fatos que determinavam uma diminuição da área plantada de cerca de dez mil hectares, em relação a 1983/84.

Naquele ano agrícola, a área plantada de soja no Paraná foi de 2.178.336 hectares, para uma produção de 4.121.000 toneladas. Na safra de 1984/85, a área plantada foi de 2.170.000 para uma produção de 4.450.000 toneladas. Com a decisão já anunciada pelo governo federal de desestimular as culturas de exportação, certamente a área de soja no Paraná deverá manter-se em patamar não superior a 2,1 milhões de hectares.

Mas, a mesma tendência deve ser observada com relação aos demais produtos de verão (milho, arroz, feijão e algodão), de acordo com o Departamento de Economia Rural - Deral, da Secretaria da Agricultura. Mas o próprio Deral

admite que a cultura do milho venha a ter uma expansão de área de até dez por cento, "em função de que os produtores de soja, ao reduzirem suas áreas, tentarão completá-las com milho, já que este produto terá um custo relativamente mais baixo do que a soja".

No que diz respeito à cultura de feijão, do qual o Paraná é o maior produtor brasileiro, a prolongada estiagem de agosto, setembro e outubro causou muito prejuízo em termos de produção e produtividade da lavoura, já podendo-se antever escassez desse produto no próximo ano.

Comportamento econômico — No ano agrícola correspondente a 1984/85, o Paraná mais uma vez cumpriu seu papel de produtor de grãos, garantindo cerca de 24,4 por cento da produção brasileira no período, acusando um valor bruto equivalente a 16 trilhões de cruzeiros.

Na safra anterior, o Paraná produziu 20 por cento da produção nacional de feijão, 26,3 por cento do milho, 24,1 por cento da soja, 37,8 por cento do algodão e 3,3 por cento do arroz. O grande destaque da produção paranaense em 1985 foi obtido na cultura do trigo, com 2,5 milhões de toneladas, ou seja, 64,1 por cento do total conseguido no País. Esta produção inédita no Paraná (e no Brasil) corresponde a uma economia de 200 milhões de dólares no volume de importações deste cereal tão importante na dieta alimentar dos brasileiros.

Hora da revisão — Com as mudanças havidas na agricultura paranaense, especialmente nos últimos dez anos, e um provável estancamento da produção de soja, a maior responsável pela chamada modernização agrícola operada no Paraná, é chegado o momento em que os rumos do setor primário da economia reclamam uma revisão bastante séria. Sobretudo para tentar recompor o equilíbrio da agricultura estadual, que sofreu grandes perdas em face do aprofundamento do êxodo rural, da devastação do meio ambiente, da erosão e, conseqüentemente, da perda da fertilidade do solo.

Os impactos vegetativos do modelo agrícola que vigoram no País nos últimos anos são de tal sorte visíveis e deletérios que a agricultura brasileira chegou a um impasse. A Nova República está tratando de consertar os equívocos cometidos até recentemente, realizando um esforço já por todos sentido de redirecionar os caminhos do setor agropecuário, fazendo com que esta atividade venha de encontro aos legítimos interesses da população brasileira. □

Escolha a Ideal para você.



1170

1175

Exclusivo Sistema de Retrilha Independente:

maior produtividade e menor quebra de grãos.

Sistema de Separação e

Limpeza: grãos

absolutamente limpos, com maior rapidez e com o mínimo de perdas.

Conjunto Mecânico: motor, caixa de câmbio e freios formam um conjunto robusto e perfeitamente adaptado às características das máquinas.

Plataforma do Operador:

coluna de direção ajustável,

fácil acesso a todos os comandos e visibilidade perfeita garantem conforto total para muitas horas de trabalho.

Cilindro e Côncavo:

dimensionados para processar com perfeição todo o cereal colhido pela plataforma de corte, com barras serrilhadas ou dentes extremamente resistentes. Côncavo com regulagem independente de entrada e saída.

Plataformas de Corte: Nas versões flexível e rígida, de

projeto avançado e desenvolvido especificamente para as condições brasileiras, proporcionam uma alimentação constante e uniforme às colheitadeiras Ideal com um mínimo de perdas.



**INDÚSTRIA
DE MÁQUINAS
AGRÍCOLAS
IDEAL S.A.**

Santa Rosa-RS

Aumento da estocagem na propriedade e comunidade é a alternativa do futuro

O Paraná, segundo a Cibrazem (Cadastro Nacional de Armazenagem, de dois de abril de 1984), possui 15.160.126 toneladas de capacidade estática instalada em 3.475 unidades armazenadoras, assim distribuídas:

- 1) Armazéns convencionais — 2.942 unidades com 6.873.526 toneladas.
- 2) Armazéns graneleiros — 533 unidades com 6.790.300 toneladas.
- 3) Silos de concreto — 307 unidades com 1.124.546 toneladas.
- 4) Silos metálicos (baterias) — 114 unidades com 371.754 toneladas.

A distribuição por proprietário é a seguinte:

- a) Oficial — 153 unidades com 2.657.091 toneladas, igual a 17,53 por cento.
- b) Cooperativas — 592 unidades com 4.872.480 toneladas, igual a 32,14 por cento.
- c) Particulares — 2.730 unidades com 7.630.555 toneladas, igual a 50,33 por cento.

Apesar de o Paraná ter a segunda maior capacidade estática e a primeira em número de unidades armazenadoras do País, sentimos uma defasagem acentuada no setor, com graves pontos de estrangulamento no aspecto quanti-qualitativo e



O trigo chega aos silos

distribuição espacial no estado, o que bem caracteriza que o setor não tem acompanhado o avanço das novas fronteiras agrícolas do Paraná. E a falta de grandes complexos armazenadores nas regiões de produção e consumo — para dar garantia ao produtor e assegurar o abastecimento regular nos grandes centros consumidores — tem determinado sérios transtornos no estado.

A baixa capacidade de estocagem em nível de propriedade e comunidades deve merecer atenção especial, e, neste particular, o governo do Paraná está investindo cerca de 30 bilhões de cruzeiros na região mais carente em armazenagem, construindo 21 novas unidades armazenadoras, atingindo 62 municípios e beneficiando 7.000 produtores, através de cooperativas e associações locais.

É fundamental investimentos nos grandes complexos armazenadores e na ampliação de unidades em nível comunitário e de propriedades, bem como na expansão emergencial da rede armazenadora a frio destinada à estocagem de maçã. Por decisão do governo do estado, a Copasa já concluiu sua primeira unidade do estado no município de Palmas, com investimentos de 30 bilhões, para uma capacidade estática de 7.000 toneladas, 4.500 toneladas de batatas e 2.500 toneladas de maçã. Outro investimento já autorizado na área a frio é a Unidade de Guarapuava, região Central do Paraná, cuja capacidade será de 5.000 toneladas, destinada à estocagem de maçã, com recursos do Tesouro do Estado. Mas a Região Metropolitana de Curitiba continuará descoberta neste setor de armazenagem, com demanda atual de 5.000 toneladas.

O Paraná, a despeito da sua grande rede armazenadora, apresenta fadiga e esgotamento no setor; a produção e produtividade têm aumentado significativamente, e os investimentos na área de estocagem não têm acompanhado a dinâmica da nossa agricultura. Se novos investimentos não forem feitos em caráter emergencial, assistiremos já na próxima safra a graves prejuízos econômicos, sociais e políticos, no estado que produz um quarto da produção de cereais do País. □

ESTÂNCIA BELO VALE

PARIQUERA-AÇU - SP
15 km da BR 116 - Km 463
Proprietário

**CARLOS DA ROCHA
CAVALCANTI
SELEÇÃO DE BÚFALOS
MURRAH POI**



Ofício 261 do Belo Vale - Box 2137

**GRANDE CAMPEÃO E
CAMPEÃO SÊNIOR DA
8ª EXPOINTER**

Conquistamos 11 prêmios com 7 animais, o que comprova o alto grau de seleção do nosso plantel Murrah POI

Endereço para correspondência:
Rua Baltazar da Veiga, 589 - ap. 86
Fone: (011) 533.8657
CEP 04510 - São Paulo - SP

Há seis anos era o "elefante branco"

Quem esteve em Guarapuava nos dias ensolarados e secos de outubro assistiu a uma cena incomum. Dezenas de caminhões carregados de trigo à espera do descarregamento. E a carga nem chegava a ir para os silos da Companhia Paranaense de Silos e Armazéns (Copasa). Ia direto para os vagões da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), encarregados de levar o trigo para o porto de Paranaguá, porque somente lá ainda havia capacidade de armazenamento.

O fenômeno demonstra a fragilidade da rede armazenadora do Paraná em relação às crescentes safras de grãos, mas demonstra, também, o esforço dos paranaenses em produzir, armazenar e beneficiar sua produção. Para diminuir a espera de 48 horas entre a chegada e o descarregamento, Antonio Leal, gerente da Copasa em Guarapuava, pôs seus homens trabalhando de dez a 12 horas no transbordo das cargas para os vagões. O silo de Guarapuava é uma das 25 unidades armazenadoras oficiais existentes no Paraná e mantidas pela Copasa. Tem capacidade para 56.880 toneladas, sendo formada por células de concreto armado e silos metálicos. Abarrotada de grãos, a unidade ti-

nha guardadas 55 mil toneladas de grãos em outubro, 80 por cento das quais de trigo da última safra e 20 por cento de milho da safra entre abril e junho de 85. A unidade compreende o núcleo regional que atende a dez municípios: Guarapuava, Prudentópolis, Inácio Martins, Pinhão, Laranjeiras do Sul, Quedas do Iguaçu, Pitanga, Palmítal, Canta Galo e Turvo. Na região abrangida pelo núcleo, o estado detém uma capacidade armazenadora na ordem de 60 mil toneladas, as cooperativas 317 mil toneladas e os particulares, 141 mil toneladas. De uns três anos para cá, a Cooperativa Agropecuária Mista Guarapuava (Coamig) construiu novas unidades armazenadoras em Canta Galo e Cândói, com uma capacidade total de 6.300 toneladas. Em Inácio Martins, a Copasa constrói, em comodato com a Coamig, um armazém para mil e duzentas toneladas. Para 86, a Copasa vai construir uma unidade frigorificada para maçãs com capacidade de cinco mil toneladas. O curioso, conforme contou o gerente Antonio Leal, é que há até seis anos o silo de Guarapuava era chamado de "elefante branco", porque na época tinha capacidade ociosa. Os que assim pensavam certamente não imaginavam que hoje a capacidade de quase 57 mil toneladas é insuficiente, e os trabalhadores têm que fazer o transbordo direto para os vagões da RFFSA. O antigo "elefante branco" tornou-se pequeno diante da super-safra paranaense de trigo. □

SÓ COBRA MATA SOZINHO AS PRINCIPAIS INVASORAS DE FOLHAS LARGAS DA SOJA. E FAZ VOCÊ GANHAR EM CHEIO.

Cobra é o novo pós-emergente seletivo para a cultura de soja. Moderno na formulação, e inédito em propriedades. Resultado da mais avançada pesquisa tecnológica em herbicidas nos EUA, Cobra foi descoberto e desenvolvido pela PPG Industries Inc. que, junto com a Hoechst, o aperfeiçoou no Brasil. Cobra tem um espectro de ação superior ao de qualquer outro herbicida. E veio resolver o que você queria: o controle simultâneo de diversas folhas largas com o custo de um só produto; sem misturas. E tem mais: aplicado até uma hora antes da chuva, não perde o efeito. Mude para Cobra. A soja e o lucro aparecem bem mais depressa.



COBRA[®]
HERBICIDA

O mais avançado pós-emergente da agricultura moderna.

Com a segurança

Hoechst



Copasa armazenou 250 mil toneladas de grãos e de sacos na última safra

Constituída em agosto de 1956, a Companhia Paranaense de Silos e Armazéns (Copasa) começou a implantar sua rede de armazéns a partir dos anos 60 com o objetivo de "sanar os graves problemas de armazenagem do estado do Paraná". Depois dos primeiros sete armazéns graneleiros, a Copasa pôs em funcionamento cinco unidades armazenadoras em zonas produtoras do estado, tais como Ivaiporã, Congoinhas, Santa Cruz do Monte Castelo, Cruzeiro do Oeste e Paranavai. Embora acompanhasse a expansão da fronteira agrícola, na década de 70 a rede armazenadora do Paraná tornou-se insuficiente para estocar toda a produção devido a um novo impulso na produção de grãos no estado.

Diretrizes — Tendo como fim o produtor rural, a Copasa pratica uma filosofia de proteção ao pequeno e médio produtores, através de suas três funções básicas: 1) venda de espaços de armazenagem, buscando maior índice de rotação e ocupação de suas unidades armazenadoras, com o fim de atingir uma rentabilidade suficiente para a cobertura, com recursos próprios, dos seus custos operacionais e de manutenção de suas bases físicas e instalações; 2) articulação do estabelecimento de uma política estadual de armazenagem, em consonância com as necessidades do Paraná e atendendo as diretrizes do governo federal, e coordenação e execução da Política Estadual de Armazenagem; 3) como funções sociais, a Copasa procura facilitar a armazenagem coletiva nas regiões carentes e, também, facilitar a comercialização de produtos agrícolas, principal-

mente aqueles de mais baixa renda.

Atividades — Para atingir seus objetivos, a Copasa mantém, além de um programa permanente de aperfeiçoamento profissional de seu quadro de pessoal, as seguintes atividades: 1) formação de estoques reguladores e transbordo; 2) capacitação de recursos humanos, através do desenvolvimento de programas de treinamento em armazenagem para pessoal do setor público e privado; 3) participação em regiões carentes, pois, quando identificadas situações emergenciais, a Copasa provoca meios para a coleta da produção em regiões carentes de infra-estrutura; 4) prestação de assistência técnica em armazenagem, principalmente às cooperativas, através de repasse de tecnologia; 5) introdução a novas tecnologias, através do desenvolvimento de novas técnicas sobre armazenagem e conservação de produtos agrícolas, para posteriormente repassá-las.

Serviços — São os seguintes os principais serviços executados e prestados pela Copasa: recepção de produtos, que compreende a pesagem, conferência, amostragem e análise de laboratório. Através da pesagem, se determina o peso correto do produto recebido na unidade armazenadora. Conferência consiste na verificação das condições da qualidade do produto recebido.

Amostragem é a obtenção de porção que represente um lote ou partida de grãos. A análise de laboratório é feita a partir da amostra obtida e consiste na homogeneização, determinação do teor de umidade, determinação de impurezas. As fases seguintes à recepção do produto são a pré-limpeza, secagem, limpeza, armazenamento e tratamento: expurgo ou fumigação, pulverização e nebulização. A pré-limpeza serve para a retirada de parte das impurezas que vêm da lavoura, como torrões, tocos, sabugos, pedras, pedaços de madeira, metal e outros materiais. A secagem é a retirada do excesso de umidade do produto quando chega da lavoura. A limpeza é o processo de retirada de impurezas que ainda permanecem no produto. Armazenamento é o ato de resguardar o produto do calor, umidade e infestação de insetos e roedores. O tratamento dos grãos visa manter o seu valor comercial e é feito através de expurgo ou fumigação, que é a aplicação de defensivos fumigantes; pulverização é a aplicação de inseticida líquido puro ou diluído em água; e nebulização é a conversão da mistura de inseticida com óleo diesel em densa neblina.

Rede — Para atender a armazenagem de produtos ensacados, a Copasa conta com armazéns convencionais, infláveis e estruturados. Para absorver o grande volume de produção a granel, dispõe de armazéns graneleiros e silos de concreto e metálicos. A rede armazenadora atual conta com uma capacidade estática de 246.370 toneladas, sendo 141.080 toneladas (57,3 por cento) para granel e 105.290 (42,7 por cento) para sacaria. □

Central de Fretes, um banco de cargas

São três da tarde e alguns homens robustos conversam na salinha da Central de Informações de Fretes junto à entrada de Ponta Grossa. Entre informações sobre cargas, produtos agropecuários, distâncias e preços, contam histórias de assaltos, acidentes, estragos, aventuras e recordações da família distante. São camioneiros em busca de carga e de trabalho. Naquela tarde quente de outubro, quem teve mais sorte foi Cláudio Horst, de Brusque/SC, que em dois minutos conseguiu uma carga de 25 toneladas de trigo para Itajaí, bem perto de casa. Uma semana antes ele havia trazido trigo da safra anterior de Assis Chateaubriand/PR, próximo a Toledo, consertara a jamanta e estava ali disputando um frete. Outro que saiu sem queixas foi Lenoir da Silva Correia, da Garuva, também em Santa



Narciso: menos "de leve"

Catarina, que pelo telefone conseguiu um frete de 25 toneladas de farelo de soja para Criciúma/SC, pelo qual ganhou bruto Cr\$ 1,5 milhão.

Narciso Barreto Ramos, um experiente funcionário público nascido em Francisco Beltrão/PR, explicou que este serviço de informações de cargas para camioneiros se constitui num trabalho oferecido pela Secretaria de Estado dos Transportes do Paraná e que também existe em Santa Catarina. No Rio Grande do Sul, tem um posto só, em Caxias do Sul, e, igualmente ao que existe em São Paulo e no Rio, o serviço é executado por conta da federação das empresas transportadoras.

No Paraná, o Governo do Estado mantém sete centrais de informações de fretes, em Curitiba, Cascavel, Londrina, Maringá, Guarapuava e Francisco Beltrão, além da de Ponta Grossa.

Em Curitiba, funciona a central geral, que reúne todas as informações e mantém uma bolsa de fretes, de forma que cada central saiba sobre cada uma de todas as cargas passíveis de serem transportadas no estado. Além do objetivo social, acrescenta Narciso, o serviço proporciona uma grande economia de combustível, porque o camioneiro não precisa rodar vazio, ou "de leve", como costumam dizer por aquela região. Para se ter uma idéia da efetividade deste serviço, bastaria verificar que a central de Ponta Grossa atende uma média de 70 motoristas de caminhão por dia. Metade dos quais saem com autorização para carga. Trabalho duro para os camioneiros. E para os funcionários que os ajudam, mas que ainda têm tempo para brincar. À observação de que o funcionalismo paranaense é muito bem pago, um deles responde que não, e que ainda vai reclamar "direto para o Richa", o governador. □



Será mesmo que
a galinha do vizinho é
mais gorda do que a nossa?

O Banestado
paga pra ver.

Se você prestar atenção nas reportagens sobre o Paraná, vai ver que ele é mais do que o novo "Celeiro do Brasil". Vai ver que, por trás dos impressionantes números da produção agrícola e pecuária, existe uma gente firme, determinada, trabalhadora. Gente que dá valor ao que é seu. Que abre caminho no campo, planta com carinho e colhe com amor. Gente que sabe a terra que tem.

O Banestado banca o trabalho dessa gente. Com financiamentos de máquinas e implementos agrícolas, crédito rural, crédito pessoal, seguro, leasing, caderneta de poupança, open market,

câmbio, letras de câmbio. E, o que é mais importante, com a reaplicação aqui mesmo, no Paraná, dos recursos arrecadados. Porque o Banestado é o banco oficial do Paraná. O banco que participa da vida de cada município ajudando a construir obras comunitárias de grande valia. O paranaense sabe o valor da terra que tem. E o Banestado ajuda a cuidar bem dela. Muito bem.



BANESTADO
O Banco do Paraná

GOVERNO
PARANÁ
JOSE RICHA
Secretaria das Finanças

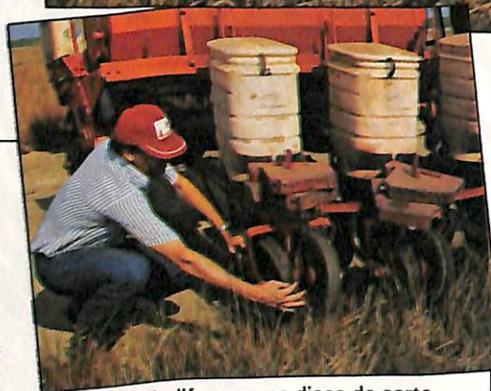
“Tem muita gente que ainda não está fazendo o verdadeiro plantio direto”

O sistema de plantio direto expandiu-se pelo Paraná, nestes últimos doze meses, mas foi em Santa Catarina que atingiu médios e pequenos produtores, graças a um trabalho integrado entre governo, pesquisa e extensão rural e agricultores. Também no Mato Grosso do Sul o plantio direto está bem adiantado, mas no Paraná, berço do novo sistema, os técnicos encontram algumas dificuldades. Acusam os órgãos oficiais de encararem o sistema como elitista e, por isso, destinado preferencialmente aos grandes produtores, pois no Programa de Manejo Integrado do Solo, dirigido mais aos médios e pequenos agricultores, o plantio direto aparece como quarta alternativa, depois de providências como terraceamento e rotação de culturas.

Analisando o Encontro Nacional sobre Plantio Direto realizado no início do ano, em Ponta Grossa/PR, um dos promotores e técnicos da Fundação ABC (Fundação ABC para Assistência e Divulgação Técnica Agropecuária), Maury Sade, disse que o evento trouxe aos seus participantes “uma conscientização de que muitas coisas em termos de plantio direto devem ser agiliza-



Condição fundamental: solo deve ser mantido coberto



Pavei: diferença no disco de corte

Castrolanda vai bem, obrigado

A Sociedade Cooperativa Castrolanda Ltda., situada no município de Castro/PR, apresenta o maior índice de plantio direto no estado: 85 por cento da área cultivada pelos seus associados. Enquanto outras cooperativas apresentam dificuldades financeiras, tanto no Paraná como no Rio Grande do Sul, a Castrolanda se orgulha de se manter estável e rentável. E de funcionar como um banco para seus associados, já que completa os recursos de custeio. Quem recebe 60 por cento de financiamento oficial, ganha da cooperativa os 40 por cento que faltam. A fórmula para tal resultado: eficiência administrativa e empresarial e diversificação na produção. A Castrolanda opera com milho, trigo, arroz, feijão, soja e uma dezena de forrageiras, além de leite, ovos, aves, suínos e pecuária de corte, entregando os resultados desta última à Cooperativa Central.

Jan Haastes é um dos associados da Castrolanda. Holandês de nascimento, Jan está radicado no Paraná há dez anos, onde produz milho, soja, arroz de sequeiro, feijão, aveia, trigo, centeio, cevada, azevém e suínos. O agricultor destina toda sua área de cultivo ao plantio direto e, numa área de 130 a 140 hectares de

baixada, na Granja Capão Alto, em Castro/PR, está cultivando soja. O plantio, já realizado, foi executado com dois tratores Massey Ferguson e duas plantadeiras Semeato, adaptadas àquele sistema. De acordo com o agrônomo Josué Nelson Pavei, do Departamento Agrícola da Castrolanda, uma das diferenças na máquina entre o plantio direto e o convencional está no disco de corte, que é adaptado com rodas compactadoras, cujo peso serve para dar maior profundidade.

Quanto à correção do solo, esclareceu que só é executada a aração depois que uma análise, de amostras retiradas em diversas profundidades, indicar deficiência de cálcio e magnésio na profundidade. Como tais substâncias têm baixa mobilidade — acrescentou —, se houver deficiências se faz necessário a aplicação de cálcio e magnésio, pelo calcário, através da incorporação. O técnico disse que existe a possibilidade de se incorporar cálcio e magnésio através de gesso químico. Observou, porém, “que a técnica é nova e requer estudos mais detalhados”.

das, e outras modificadas, principalmente a metodologia empregada: tem muita gente não fazendo o verdadeiro plantio direto”. Ele entende também que “ficou claro que as condições de difusão do sistema são ainda precárias, e que é flagrante a necessidade de levar a notícia desta técnica para novas regiões, como aos Cerrados, onde, em que pesem as dificuldades de cobertura, há a necessidade extrema de manter o solo coberto”.

Maury Sade acrescentou que foi verificada a necessidade de uma integração de primeira linha entre a pesquisa, a extensão rural e o produtor, e se queixou da falta de pessoal para executar a tarefa da extensão: “temos a conscientização desta carência no serviço de extensão, por ser este o difusor do que a pesquisa tem, mas não chega como deveria chegar até o produtor”, enfatizou o técnico. E prosseguiu, lembrando que em Santa Catarina o plantio direto está sendo praticado por médios e pequenos produtores, porque lá o sistema não é visto de forma elitista: “o que existe é um resultado muito grande desta maior proximidade com a extensão. Em Santa Catarina funciona o tripé governo, pesquisa e extensão, e produtor; o governo se interessa e os indivíduos também”.

Examinando a questão do plantio direto no Paraná, Maury disse que existe um programa visando o manejo de culturas, rotação e fertilidade do solo, mas ele “não está sendo desenvolvido por falta de pessoal; os técnicos estão saindo do Paraná ao invés de virem para cá, e a área particular tem alertado o setor oficial, mas falta uma decisão política para contratar técnicos e destinar recursos para o plantio direto”. Quanto à extensão, o técnico reconhece que há o interesse do extensionista, mas, infelizmente, “não há uma diretoria das lideranças políticas”. Exemplo disso, ▷

Planta, Brasil.



Bamerindus. O banco que financia a agricultura o ano inteiro.

*Você tem pressa de plantar.
Nós temos pressa em ajudar com recursos.*

O Brasil tem pressa, sede e fome de alimentos.

Não podemos mais esperar.

Vamos, vá hoje mesmo falar com o Gerente Bamerindus e comece a plantar a maior safra brasileira de todos os tempos.

Com o Bamerindus você se entende.

É um banco da terra falando com o homem da terra.

Vamos, nós precisamos produzir.

 **BAMERINDUS**

O banco do homem da terra.

906 agências em todo o Brasil.

*Custeio
Agrogiro
Agroestoque
Pré-plantio
Pré-colheita
Pré-comercialização*



Hans Peeten



Maury Sade

citou o plano de manejo integrado do solo vigente no Paraná, no qual, "pela primeira vez, o plantio direto ganha uma colher-de-chá, embora tenha sido incluído só como complemento".

Sobre o agricultor paranaense, Maury Sade afirmou que ele está vivendo uma fase de transição e que está se tornando cada vez mais exigente. "Uma parcela que já pratica o plantio direto — disse — vê os resultados e exige cada vez mais. Mas, também, há uma parcela que resolveu reformular seu sistema por tê-lo iniciado errado, e volta ao plantio convencional para se recompor, para recomeçar". Por fim, o técnico apontou uma terceira parcela de produtores que até agora não está motivada para o sistema: "são aqueles produtores mais conservadores, que, por exemplo, não admitem cobertura de palha, não admitem rotação no verão, mas precisam mudar de hábitos, como também muitos produtores do Rio Grande do Sul".

Produtividade — Coube ao agrônomo Hans Peeten analisar as vantagens obtidas em produtividade com o sistema de plantio direto na região dos Campos Gerais do Paraná. Disse que 70 por cento da área da região já está sendo cultivada sob o regime de plantio direto, na área de abrangência das três cooperativas — Arapoti, Batavo e Castrolanda —, que mantêm a Fundação ABC.

— No verão passado, conseguimos um índice de produtividade jamais atingindo até então, que foi a média de 2.400kg de soja por hectare e 6.000kg de milho por hectare. A produção total no verão foi em 66 mil hectares.

Ele acrescentou que no inverno, apesar da seca, os resultados obtidos foram surpreendentes e que a estiagem terminou dando "uma tremenda aula sobre o plantio direto". A fertilidade do solo é crucial — prossegue —, "pois pode se ter uma variedade certificada e boa, mas é a fertilidade do solo que cada vez mais define os resultados que se poderá obter". O técnico da Fundação ABC, em Carambei/PR, explicou que neste ano foi aplicada nova tecnologia para a correção do solo: o alumínio foi substituído por uma saturação de bases, uma nova tecnologia de calagem. Ele observou que quando os produtores começaram a implantar o plantio direto, fizeram-no em solos insuficientemente corrigidos, mas agora esta correção melhorou porque está sendo feita em maior profundidade, e "isto dá segurança para uma produtividade maior", concluiu.

Hans Peeten revelou também que os produtores estão tendo maior interesse pela irrigação, que permitiu alcançar uma produtividade de 8.000kg/ha em Carambei, e que em Arapoti já são cultivados de quatro a cinco mil hectares irrigados. "Assim — enfatizou —, os produtores confiam que com tecnologia bem aplicada se consegue produzir mais e melhor, mas, infelizmente, esta tecnologia mais avançada não está ao

alcance de todo mundo", lamentou. Por fim, o técnico da Fundação ABC observou que cada vez mais o produtor depende do técnico, pois "precisa decidir junto com ele". Defendeu também um sistema de plantio direto racional, implantado devagar e bem assistido pelos técnicos, inclusive pelo próprio pesquisador, e não apenas pelo extensionista.

Maury Sade informou que no momento não é possível dar um quadro exato da prática do plantio direto na região dos Campos Gerais, mas lembrou que já foi formado um grupo de trabalho, envolvendo inclusive representantes das firmas particulares fornecedoras de insumos, máquinas e implementos, que estuda agora dois tipos de ação para conhecer com exatidão o plantio direto em nível nacional. Em primeiro lugar, este grupo pretende fazer uma real estatística de área, pois

hoje fala-se tanto em um milhão como em 500 mil hectares sob o sistema de plantio direto no Brasil. Em segundo lugar, o grupo de trabalho vem executando avaliações a campo para chegar a uma idéia real sobre os resultados em produtividade. Para isso, integrantes do grupo executarão uma avaliação no Centro-Sul, fazendo visitas a todos os produtores de plantio direto num período de uma semana, para chegar a um fichário, um histórico de tudo. Maury sugeriu que técnicos interessados de outras regiões também façam levantamentos para anexar com precisão as áreas destinadas ao plantio direto. Anunciou, por fim, que este mês serão lançados os Anais do 3º Encontro Nacional de Plantio Direto, e que ainda restam alguns exemplares dos anais do segundo encontro (as duas publicações se complementam). □

Técnica dos índios da América do Sul

O plantio direto ou cultivo mínimo é a técnica de colocação da semente em sulco ou cova em solo não-revolvido, com largura e profundidade suficientes para obter uma adequada cobertura e contato da semente com a terra. Com este sistema, ficam eliminadas as operações de aração, gradagens, escarificações e outros métodos convencionais de preparo do solo. Os inços são controlados pelo uso de produtos específicos (herbicidas), sendo que a semeadura é realizada em solo coberto por camada residual da cultura anterior e por resíduos de plantas mortas por herbicidas dessecantes.

Esta é uma definição do que em última análise resume o plantio direto, uma prática que associa o uso de modernos herbicidas com o antigo método utilizado pelos índios da América de introduzir a semente de milho sem movimentar o solo. Como toda técnica que se preza, suscita debates. Os pesquisadores enumeram muitas vantagens, benefícios para quem a utiliza. Mas na outra ponta existem também desvantagens ou, como preferem os técnicos, "alguns pontos que necessitam evoluir para uma completa adequação do sistema".

Usado inicialmente como mais uma prática de recuperação do solo e combate à erosão, os efeitos do plantio direto não devem ser generalizados, pois cada tipo de solo responde diferentemente à sua ação. Além disso, as características físicas da terra são modificadas de acordo com o tipo de utilização e cultivo a que ela está submetida. De qualquer forma, estas duas vantagens são evidentes na maioria dos solos tratados com esta técnica, em conjunto com outras práticas de conservação.

A cobertura morta sobre o solo serve como uma camada isolante, protegendo-o das variações de temperatura diurna (quando faz calor a temperatura é menor e quando faz frio é maior). As gotas de chuva, por exemplo, se pulverizam ao cair sobre a palha, evitando o impacto direto com a terra, o que poderia causar a desagregação e compactação, vedando os poros. A palha difi-

culta e impede também que a água vá gradativamente aumentando a sua velocidade, lavando o terreno e dando início ao processo erosivo.

As restegas e resíduos de ervas daninhas geram outros benefícios, como a redução da evaporação, mantendo os terrenos úmidos mesmo durante longos períodos de estiagem, e o próprio enriquecimento do solo em matéria orgânica, além do que, com maior umidade no solo, há disponibilidade de nutrientes e maior abundância de vida biológica.

Produtividade — A maior vantagem, porém, parece estar na relação custo-benefício, após a implantação do sistema. O rendimento das culturas, segundo os produtores, eleva-se 35 por cento, enquanto os gastos caem 30 por cento. A redução das despesas teria como base o preparo mais barato e rápido do solo pela eliminação das operações já citadas e pela própria diminuição no uso de adubos, pois a preservação da matéria orgânica sobre o solo aumenta o seu pH. No cultivo mínimo, o plantio é 2,5 vezes mais rápido que no convencional, e o crescimento das plantas é mais homogêneo e a maturação uniforme.

Ainda sob o ponto de vista econômico, esta técnica reduz os custos dos terraços, diminui os riscos de uma eventual queda de produtividade em anos adversos, elimina o replantio após chuvas pesadas, proporciona elevadas taxas de germinação, o uso de fertilizantes e nutrientes é menor, e há sensível economia de combustível quando do preparo da terra.

O cultivo mínimo é considerado também uma prática ecológica, pois o ar e os rios, e conseqüentemente os pássaros e os peixes, se livram do fantasma dos agrotóxicos, fonte de poluição da flora e fauna no campo. E neste rastro de boas coisas que o sistema trouxe é que reside uma das desvantagens da sua implantação: o alto consumo inicial de herbicidas.

Os gastos com estes produtos são variáveis de cultura para cultura, mas em média o consumo numa lavoura inicial com plantio direto consome de duas a três vezes mais herbicidas que na convencional. Com o passar do tempo, entretanto, há uma gradativa redução no uso e, após três ou quatro anos, o índice de utilização pode cair em torno de 33 por cento, como já vem sendo observado em lavouras de arroz. □



Uma comunidade que tem 110 mil famílias e está com os pés no chão. Sem milagres, mas com determinação, estão fazendo o melhor negócio da terra: trabalhar a própria terra.

São produtores de fumo arregaçando as mangas em cerca de 400 municípios da região sul. Eles

comercializaram na última safra, Cr\$ 1,2 trilhão com sua produção de fumo. Além disso, plantam milho, feijão, batata, mandioca e outros produtos.

ESSE PESSOAL FAZ O MELHOR NEGÓCIO DA TERRA.

Souza Cruz 

Viu só? Não é a toa que eles não querem sair do campo. Pois geram riquezas para suas famílias, comunidade, enfim, para o país.

NOSSA GENTE, NOSSO ORGULHO.

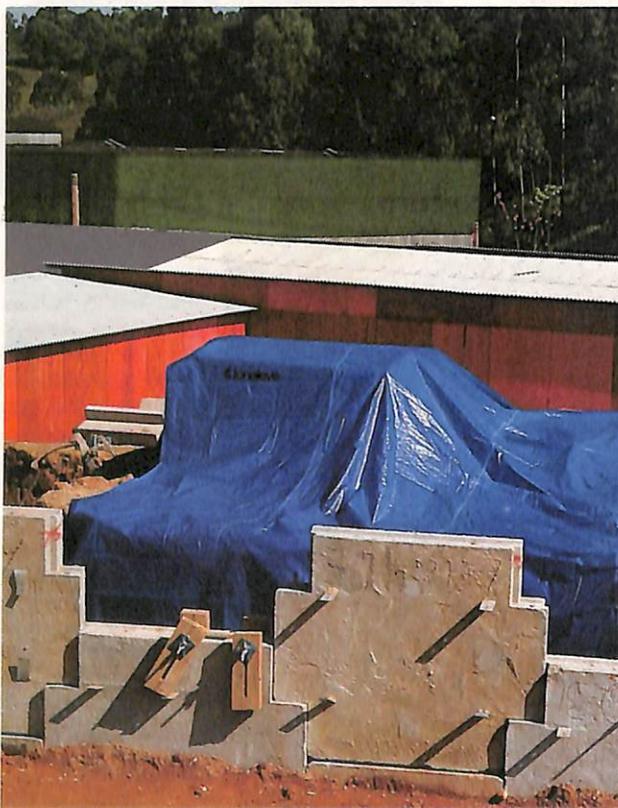
LONALEVE. MAIS UMA ALTERNATIVA



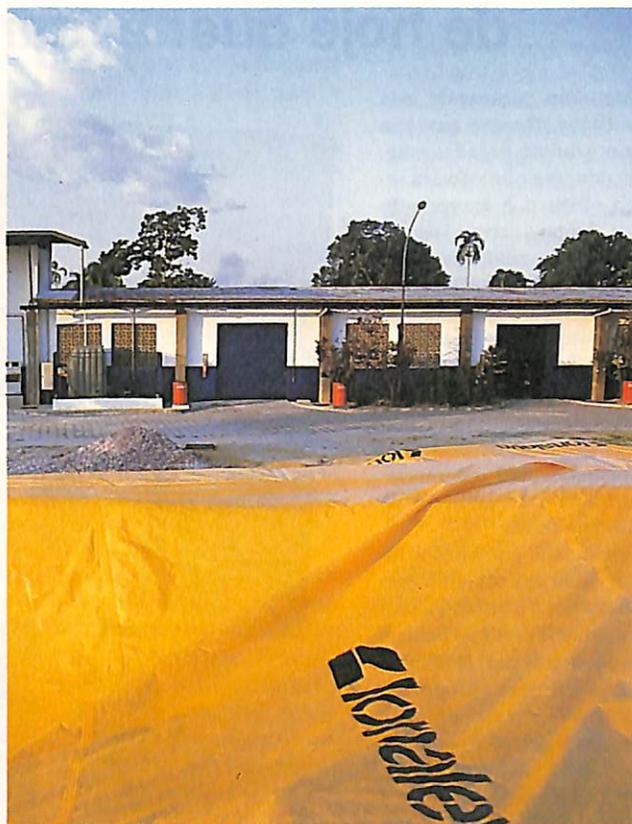
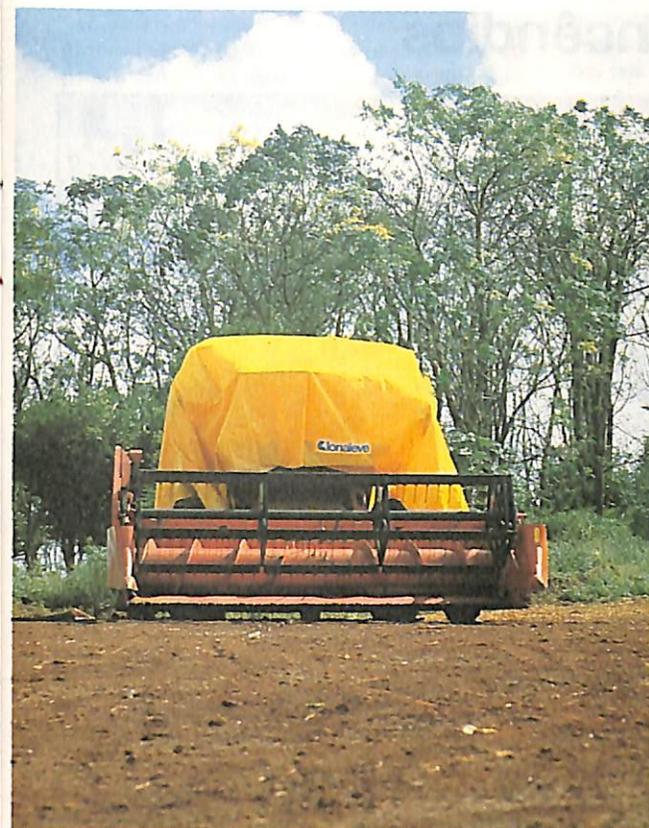
A partir de agora o nome Lonaleve tem um sobrenome muito importante: Alpargatas. E juntos, Lonaleve e Alpargatas, oferecem ao agricultor toda a cobertura que ele precisa.

Lonaleve é uma lona sintética que, como o próprio nome diz, respeita quem tem que pegar no pesado todos os dias: sendo mais leve que as lonas de algodão, ela é mais fácil de manusear e lidar. E além de leve, por ser produzida com uma técnica de reforço especial, Lonaleve é também muito mais resistente que os chamados "filmes plásticos". Dura muito mais tempo e, em caso de algum furo ou rasgo, pode ser reparada sem problemas.

Lonaleve é a melhor alternativa para cobrir a sua safra ou o seu adubo; proteger máquinas



ALPARGATAS PARA A AGRICULTURA.

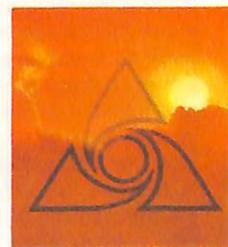


como o trator, a colheitadeira, a ceifadeira; fazer silo-trincheira; e até cobrir a carga em caminhões basculantes. E, depois de usada, pode ser guardada sem problemas até molhada, porque nunca mofa.

Com tudo isso Lonaleve acaba sendo a alternativa mais barata e prática em lonas para a agricultura. E com uma vantagem que não tem preço: Lonaleve dá toda a cobertura ao agricultor e a qualidade Alpargatas dá toda a cobertura a Lonaleve.



ALTERNATIVAS ALPARGATAS



GRANDES IDEIAS
FEITAS DE LONA.

lonaleve

A pesquisa de ontem apagava incêndios. A pesquisa de hoje quer evitar incêndios

A pesquisa agropecuária paranaense está mudando de enfoque. De uma pesquisa que valorizava o produto isoladamente, está passando para uma pesquisa que valoriza sobretudo o homem: "o objetivo é a produção agrícola entendendo o homem como agente maior dentro desta produção", conforme acentuou o coordenador de pesquisa da Fundação Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Osmar Muzilli. Neste novo enfoque, uma prioridade é a pequena e média propriedade, não como a soma de atividades estanques, mas vista como um todo, um conjunto que deve permitir não só a subsistência da família, mas a produção de excedentes que tornem esta propriedade viável economicamente e, sobretudo, propiciem a realização do homem com seu trabalho na terra.

Outras prioridades apontadas por Muzilli foram a questão da preservação ambiental, a preservação dos recursos naturais, a questão da produção de alimentos básicos, a fixação do homem no campo, a melhoria das condições de vida da população rural e a ênfase à pequena propriedade:

— Isso são as prioridades; agora, a organização do trabalho, no sentido de fazer render estas prioridades, é o novo enfoque em que se busca a visão da propriedade no seu todo, onde o produto é um meio de produção e não um fim em si mesmo. O que a gente vê no desenvolvimento da pesquisa agropecuária é que o produto tem sido a finalidade em si mesmo: aumentar a produtividade, aumentar a produção, a fobia pela melhoria genética, quando tudo isto aí, na verdade, são os meios de produção. Meios para que a agricultura seja um bom negócio para o produtor, para que o homem encontre o seu progresso e o seu bem-estar na atividade agrícola. Então, esta é a grande mudança na filosofia da pesquisa agropecuária.

Depois de observar que esta mudança é resultante de uma reflexão interna pautada em mudanças externas, Osmar Muzilli justificou que "nós vivemos um momento de mudanças políticas, sociais, econômicas profundas. Acho que o Brasil está numa dinâmica de mudanças muito acentuada", acrescentando "que a agricultura, como atividade principal no País, está também numa dinâmica de mudanças muito grande. E a partir do momento em que você começa a refletir a respeito destas mudanças e inserir neste contexto o trabalho de uma instituição de pesquisa como o Iapar, você vê a necessidade de a instituição estar participando da mudança, se inserindo nela, buscando novas formas. A gente concluiu que o nosso trabalho de pesquisa estava muito de caráter reativo, quer dizer, correndo atrás dos problemas, apagando o incêndio".

O coordenador de pesquisa do Iapar explicou, então, que é necessário uma pesquisa pró-ativa, que se antecipe aos problemas. Questionado sobre o exemplo do bicudo no algodão, disse que a praga é consequência do modelo de agricultura



Muzilli: objetivo da pesquisa do Iapar passou a ser o homem



pautado na monocultura extensiva, que provoca o enfraquecimento do solo e das plantas, favorecendo o surgimento de pragas e ervas daninhas. Mas, se o modelo mudar para a diversificação de culturas, por exemplo, permitirá que a pesquisa se antecipe a eventuais problemas: "a pesquisa tem que estar na frente, tem que evitar o incêndio e não apagar o fogo depois, atacar as causas e não os efeitos." Ainda sobre a diversificação, Muzilli reconheceu que sua prática depende de decisão política, do estabelecimento de uma política agrícola que a favoreça e acrescentou que os órgãos oficiais de pesquisa e extensão não decidem, mas são instrumentos que o governo pode usar para implementar suas diretrizes. No entanto, influem um pouco nas decisões: "a pesquisa não decide a política agrícola de um país, mas ela contribui para melhorar esta política, desde que os homens responsáveis pelo gerenciamento da política agrícola passem a ouvir e a acreditar nela", afirmou.

Sobre as acusações de alguns técnicos de que existem muitos agricultores conservadores, arremidos a novas tecnologias, o coordenador de pesquisa disse que uma análise feita dentro do Iapar levou à conclusão de que muitas tecnologias geradas pela pesquisa não são adequadas às circunstâncias do agricultor e por isso ele não as adota: "não é porque a extensão é ineficiente e nem porque o produtor é conservador; ele não

adota porque aquela tecnologia proposta não se adapta às circunstâncias do produtor. Acontece que o produtor é gerente do seu negócio e joga com variáveis internas e externas. Variáveis de âmbito econômico, político, social, cultural e tecnológico. Quanto aos fatores que influem na decisão de um produtor, você pode chamá-los de agroecológicos e sócio-econômicos. No primeiro grupo, os fatores são o clima, o solo, as pragas e doenças e, destes, o mais influente é o clima. Nos fatores sócio-econômicos, você tem uma política agrícola que define a ação e o trabalho da pesquisa, do ensino, da extensão, mas tem, também, a questão de preços, mercado, de crédito e ainda o fator meta do produtor: se ele está produzindo alimentos ou produtos para exportar. Assim como o clima é o que mais influencia o produtor a tomar uma decisão, os fatores financeiro, de mercado e de crédito são, sem dúvida, os fatores sócio-econômicos mais influentes." Osmar Muzilli lamentou que o produtor tenha abandonado diversos produtos por falta de mercado, inclusive citou a mamona, a amêndoa, o rami e a colza. Mas lembrou o novo enfoque da pesquisa: "se eu sei de antemão que o mercado para determinado produto é instável, então não vamos oferecer tecnologia daquele produto ao agricultor". Acrescentou que os pesquisadores vão procurar equilibrar as atividades em nível de propriedade de forma que dêem a maior segurança possível e

perguntou:

— Por que é que a pequena propriedade, que não tem crédito, que não tem tido o atendimento que merece, se mantém?

E ele próprio respondeu: “porque ela é uma propriedade diversificada, que produz alimento para a família, produz excedentes de alimento para comercialização e tem animais como fonte de renda e capital para qualquer eventualidade. Então, o produtor se equilibra através da diversificação. E por que a agricultura baseada na monocultura é instável? Porque assim que o preço desse produto for por água abaixo, o produtor vai junto, como aconteceu este ano com a soja”.

No entanto, Muzilli não acredita que a nova postura da pesquisa venha decretar o abandono ao cultivo da soja: “esta nova postura vai se contrapor à atividade da soja em larga escala, extensiva como ela é. A soja é um produto importante que o Brasil deve continuar produzindo. Mas, a forma de produzir soja é onde a pesquisa acha que deve haver mudança. A soja deve estar inserida no contexto de uma propriedade diversificada e combinada com outras atividades. O produtor que planta soja pode diversificar com o milho, por exemplo. Pode diversificar com o feijão. Pode diversificar com a pecuária”.

No entanto, o pesquisador chamou a atenção para a necessidade de equilibrar os componentes da uma diversificação de culturas de acordo com as circunstâncias da propriedade para chegar a uma rotação adequada: “ao propor uma rotação de soja com mandioca, por exemplo, eu posso estar exigindo do produtor um investimento em

instrumentos que ele não dispõe, e ele provavelmente vai resistir”. Muzilli citou ainda a diferença entre a antiga pesquisa e a nova no que diz respeito à verificação dos resultados. Antes, o pesquisador simplesmente entregava uma nova opção tecnológica como um pacote pronto e acabado, sem verificar depois sequer se deu resultado ou não. Agora, pelo novo enfoque da pesquisa, o técnico somente repassa uma nova tecnologia através da extensão depois de fazer o que chamou de “teste de validação da tecnologia”, que consiste na obtenção do aval do produtor àquela nova opção.

O pesquisador contestou seus colegas da Fundação ABC, segundo os quais os órgãos oficiais não têm dado o apoio necessário ao sistema de plantio direto. Muzilli disse que desde 1976 os técnicos do Iapar têm trabalhado junto às comunidades de produtores ligados às cooperativas do ABC, mas salientou que realmente o sistema foi introduzido no Brasil através dos grandes produtores, porque exigia investimentos em grandes máquinas e muitos insumos, e só os grandes puderam fazer estas compras e investimentos porque tiveram crédito para tanto, enquanto que o “pequeno nunca teve crédito”. Acrescentou que a pesquisa defende o sistema de plantio direto, porque vê nele uma saída para resolver o problema da conservação do solo. Inclusive, o Iapar já desenvolveu e difundiu método de controle de ervas daninhas onde não se usa herbicida e se obtém uma redução de 90 por cento no gasto com herbicida. Citou, também, o desenvolvimento de pesquisas no sentido de aperfeiçoar e incrementar o uso de tração animal e um método de rota-

ção de culturas dirigido ao sistema de plantio direto e indicado para pequenas propriedades de topografia acidentada nas regiões Sul, Sudoeste, Norte e Oeste do Paraná:

— Acontece — enfatizou — é que temos nestas cooperativas produtores de elite que estão na ponta do sistema de plantio direto e exigem detalhes de aperfeiçoamento, enquanto que a grande maioria dos produtores rurais ainda não chegou ao nível em que eles estão e querem ainda as primeiras informações para conhecer e avançar no sistema. Então, ou nós descemos às filigranas para atender a alguns poucos que estão na ponta ou trabalhamos no grosso do problema para os 90 por cento que ainda estão na base. Nossa clientela não se limita a determinadas cooperativas; nossa clientela são os produtores do Paraná. E nós temos que dar atendimento a todos, indistintamente, advertiu.

Osmar Muzilli observou ainda que quem dispõe de recursos deve investí-los para melhorar suas culturas, acrescentando que os técnicos do Iapar se constituem “no recurso para os que não têm recursos”. Por fim, examinou a questão da reforma agrária e suas implicações na pesquisa, afirmando que no caso se reforça a necessidade de gerar tecnologias indicadas para a pequena propriedade. Mas, antecipando a falta de recursos e lembrando que o pequeno produtor dispõe dos dois outros elementos que fecham o tripé recursos, trabalho, terra, disse que “a pesquisa precisa oferecer às famílias que estão sendo assentadas tecnologias poupadoras de capital que maximizem os fatores terra e trabalho”. □

VALETADEIRA RIPP-CAMILOTTI É “NOVIDADE” NA EXPOINTER



Orélio Camilotti & Cia. Ltda., fabricante das já consagradas plataformas colhedoras de milho “Daniel II”, lança no mercado uma máquina versátil que vem preencher uma lacuna na área de valetadeiras para várzeas de qualquer natureza: é a VALETADEIRA RIPP-CAMILOTTI.

A VALETADEIRA RIPP-CAMILOTTI foi idealizada para a abertura de canais de drenagem e irrigação em qualquer tipo de solo, turfoso, pantanoso e mesmo semi-alagado, com o máximo de eficiência e um custo muito baixo. Com 10 litros de óleo diesel, abre 200 metros de valeta com 1 metro de profundidade por 1 metro de largura, em dez horas de trabalho. Sua capacidade máxima em profundidade é de três metros e a largura de dois metros. Todo o trabalho que culminou com a criação da VALETADEIRA RIPP-CAMILOTTI foi reconhecido e bem referendado. É o que se pode dizer quando a Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul concede o prêmio “Novidade de Máquinas e Implementos Agrícolas”, conquistado na VIII Expointer.



ENTRE EM CONTATO CONOSCO, PARA MAIORES DETALHES.



ORÉLIO CAMILOTTI & CIA. LTDA.

COLHEDORA DE MILHO “DANIEL II”

Escritório: Rua Tenente Antônio João, 2715 - Bom Retiro

Fone: (0474) 22.3723 - TELEX (0474) 280 - ORCA

Cx. Postal 262 - 89200 - Joinville - Santa Catarina

A geada pegou o café. Aí chegou a vez da soja enriquecer os produtores

A soja foi introduzida no Paraná com objetivos iniciais bem definidos. Por volta de 1936, agricultores vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que se estabeleceram nas regiões Oeste e Sudoeste do estado, trouxeram consigo a soja com a finalidade de utilizar suas folhas, ramos e grãos na alimentação de suínos, base principal de sua atividade. Por outro lado, na região Norte do estado ocorreram severas geadas nos anos de 1953 e 1955. Os cafezais foram dizimados, e os cafeicultores, com o objetivo de equilibrar o custo da recuperação do café, passaram a usar, como cultura intercalar, entre outras, a soja.

Desenvolvimento da cultura — A resposta do Paraná ao cultivo da soja foi imediata. De 58 hectares plantados na safra de 1954/55, passou para 1.922 no ano seguinte. Dois anos depois, o estado assumiu a posição de segundo produtor nacional, lugar que ocupa até agora. A partir de então, a área cultivada foi crescendo, atingindo o máximo de 2.410.800 hectares colhidos em 1980. Mas foi na década de 70 que a cultura experimentou o mais acelerado ritmo de desenvolvimento. De uma produção de 461.746 toneladas na safra de 1970/71, passou para 5.400.192 toneladas em 1979/80. Isto representou um incremento da ordem de 1.069 por cento. No mesmo período, a área colhida cresceu em 574 por cento.

A partir da safra de 1980/81 a área começou a decrescer. A redução, até 1982/83, foi de 388.800 hectares colhidos. Voltou a crescer a partir de 1983/84, ficando, no entanto, em nível inferior ao alcançado em 1979/80. Na última safra, 1984/85, o estado produziu 4.414 mil toneladas, representando 25 por cento da produção brasileira. A área colhida equivaleu a 22 por cento da área nacional.

O Paraná tem se destacado por conseguir alta produtividade média de soja, desde que a cultura começou a ter expressão econômica. Na última safra, a produtividade média da soja paranaense foi 13,4 por cento superior a média nacional. Entre os principais produtos agrícolas do estado, a soja também ocupa um lugar de destaque em termos de produtividade. Nos dados da Tabela 1, vê-se que o rendimento de grãos da soja, por área, só é superado pelo do milho, embora a diferença, na média dos 11 anos considerados, tenha sido de apenas 68 quilos por hectare a favor deste.

Modificações da estrutura — No Paraná, como em outros estados, a rápida expansão da soja ocorreu determinando profundas modificações no complexo produtivo. O Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, estimou que no período de máximo crescimento, 1976 a 1979, a soja no Paraná ocupou 2.204 mil hectares destinados a outros produtos.

Embora esta substituição não tenha necessariamente representado efetiva redução de área cultivada de todos os demais produtos, signifi-

Há 30 anos
as primeiras
lavouras:
58 hectares
ao todo

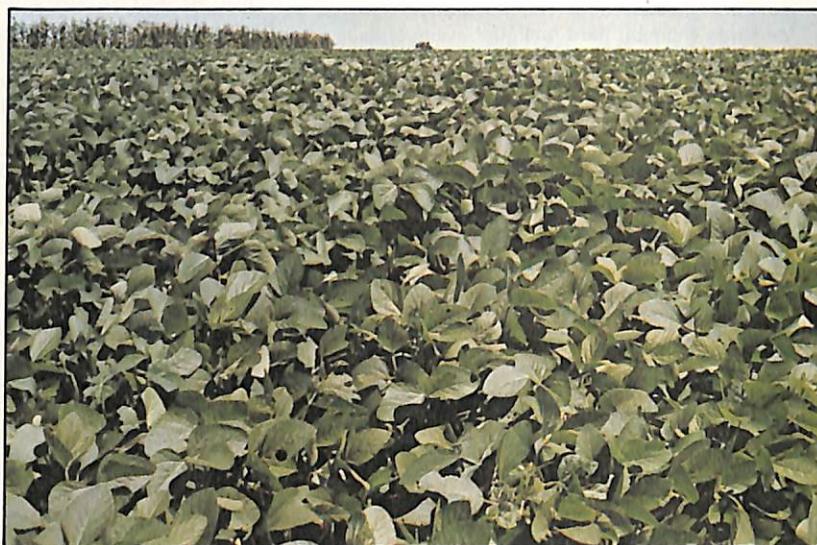


Tabela 1 — Evolução da produtividade média das principais culturas no estado do Paraná, no período agrícola de 1973/74 a 1983/84.

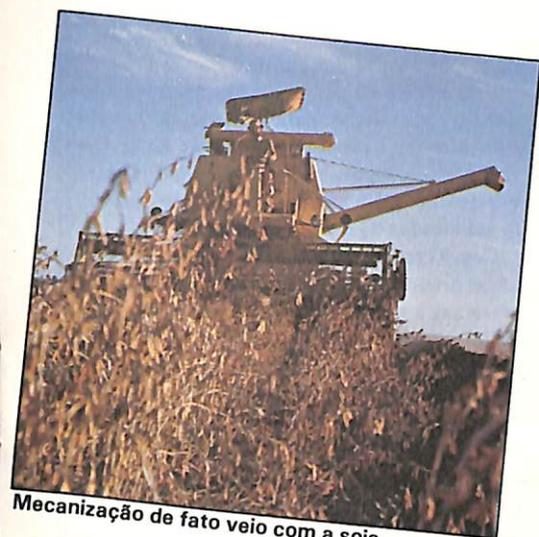
Safra	kg/ha					
	Soja	Milho	Algodão	Arroz	Trigo	Feijão (das águas)
1973/74	1.932	1.684	1.550	1.344	1.386	671
1974/75	2.221	1.983	1.415	1.726	555	826
1975/76	2.160	2.207	1.548	1.751	930	762
1976/77	2.136	2.155	1.434	1.604	899	769
1977/78	1.341	1.284	1.067	548	780	736
1978/79	1.709	1.968	1.635	885	1.098	700
1979/80	2.240	2.535	1.671	1.634	938	565
1980/81	2.200	2.485	1.900	1.878	1.166	700
1981/82	2.000	2.385	1.997	1.260	872	781
1982/83	2.134	1.827	1.582	1.704	1.187	500
1983/84	1.892	2.207	1.901	1.234	1.311	690
Média 11 anos	1.997	2.065	1.609	1.415	1.011	700

Fonte: IBGE/DERAL-PR.

cou uma inibição da tendência normal de crescimento das outras culturas no ritmo do desenvolvimento do complexo como um todo. As culturas que mais contribuíram com a expansão da soja, segundo a estimativa, foram: o café, com 49,4 por cento da área ocupada pela soja; o arroz, com 15,0 por cento; o feijão, com 14,3 por cento; o algodão, com 6,9 por cento; a mandioca, com 6,3 por cento; o amendoim, com 3,3 por cento; o milho, com 3,0 por cento; e outras com 1,1 por cento. Apesar das limitações metodológicas do estudo e das estimativas tenderem a superestimar o efeito da soja sobre as demais culturas, em razão da não-inclusão de todos os produtos agrícolas, como pastagens, por exemplo, fornecem uma idéia do efeito da expansão da soja sobre a estrutura agrícola do estado.

Via de regra, o primeiro aspecto considerado, quando são analisadas as causas do rápido crescimento da cultura da soja, é o incentivo dado às culturas ditas de exportação, em detrimento daquelas de consumo doméstico. A análise das políticas voltadas ao setor primário, durante o período da expansão da soja no estado, não revela estímulos diferenciados entre os produtos, que possam justificar tal expansão.

O preço mínimo é o mecanismo utilizado para incentivar a produção de determinado produto de interesse. Através da evolução deste mecanismo, não se consegue identificar políticas diferenciadas para os produtos de consumo interno e os de exportação. Novamente é o Instituto Brasileiro de Economia quem mostra que, no período de 1968/69 e 1979/80, os preços mínimos para a so-



Mecanização de fato veio com a soja

ja, em valores de junho de 1980, foram os que menos cresceram. Enquanto que o crescimento real do preço mínimo foi de 4,13 por cento para o algodão, de 3,25 por cento para o feijão, de 1,97 por cento para o de amendoim, de 1,36 por cento para o do arroz, de 1,25 por cento para o da mandioca e de 1,20 por cento para o do milho — o de soja cresceu apenas 1,07 por cento. Para a soja, o preço mínimo serviu, até 1983/84, apenas como referencial para a concessão do crédito, uma vez que o preço interno, determinado pelo mercado internacional, foi sempre superior. O limite de crédito subsidiado por unidade de área também não revela uma diretriz de benefício à soja que possa explicar o seu vertiginoso crescimento.

Os benefícios apropriados pela soja foram, na verdade, indiretos. Beneficiou-se das políticas específicas destinadas a incentivar as exportações de bens industrializados. O estabelecimento de benefícios à exportação, como linhas especiais de crédito a juros subsidiados, a concessão de créditos-prêmios, as isenções tributárias, entre outros, foram originalmente destinados às unidades processadoras de matérias-primas. Com isto, o processamento de soja, no estado, como em outros, expandiu-se em ritmo mais acelerado que o crescimento da oferta de matéria-prima. Como a indústria passou a operar com capacidade ociosa, estabeleceu-se uma concorrência, o que manteve os preços internos em níveis compensadores. Além disso, foram organizados sistemas de compra antecipada, contratando a soja já na época de seu plantio, e, não raras vezes, com adiantamento de parte do pagamento. Entretanto, esses benefícios, por si só, não são suficientes para explicar o rápido crescimento da cultura.

A grande vantagem que teve a soja foi, sem dúvida, a sua rentabilidade. A boa produtividade, especialmente no Paraná, e os preços praticados propiciaram excelentes ganhos aos produtores, especialmente na década de 70. A maior rentabilidade manteve-se à medida em que o País, em sua luta contra a elevação dos preços internos, não teve condições de equiparar o lucro da produção dos demais produtos ao da soja. Nem mesmo as taxações sobre a soja conseguiram equilibrar o diferencial de rentabilidade.

O produtor, como qualquer empresário, não vacilou na escolha de sua atividade principal.

Não só passou a investir mais na produtividade da soja, como a ela destinou as melhores terras. A área de soja no Paraná começou a decrescer no momento em que a rentabilidade na sua exploração foi diminuindo. Estudos mostram que, no período de 1977/78 a 1980/81, os custos de produção cresceram, em valores reais, em 20,7 por cento, enquanto que o preço pago ao produtor diminuiu em 24,6 por cento. Embora essas taxas se refiram a dados colhidos no Rio Grande do Sul, em linhas gerais, são válidas para demonstrar a descapitalização a que foi submetido, também, o sojicultor do Paraná. Apesar desta descapitalização ter sido iniciada por volta de 1979, a Secretaria da Agricultura paranaense mostra que a soja continuou garantindo bom retorno pelo menos até 1984. Mais do que altas taxas de rentabilidade, os dados mostram um retorno altamente estável através dos anos, encontrando similaridade apenas na cultura do arroz.

A rentabilidade não só explica, em quase toda sua dimensão, o estupendo crescimento da soja, mas também a grande segurança que sempre proporcionou ao sojicultor na busca dos recursos oferecidos pelo programa de crédito rural.

Suporte tecnológico — A pesquisa tem oferecido importante suporte à soja paranaense, garantindo-lhe excelentes produtividade e rentabilidade. Até 1968 esta pesquisa foi desenvolvida pelo Instituto de Pesquisas e Experimentações Agropecuárias do Sul, através de suas Estações Experimentais de Ponta Grossa, Londrina e Maringá. Em 1968, foi criado o Instituto de Pesquisas Experimentais Agropecuárias Meridional, também

**É TEMPO DE CONTROLAR
AS PRAGAS DO MILHO.
EM VEZ DE FICAR VERMELHO DE RAIVA,
DISQUE TELEFONE VERDE.**



Pelo Telefone Verde você colhe qualquer informação sobre o milho. A ligação e a informação são gratuitas, 24 horas por dia, todos os dias. É mais um serviço exclusivo da Stauffer para você.



Um nome com raízes na terra.

Stauffer Produtos Químicos Ltda.

São Paulo: Av. Eng. Faria Lima, 2000 - 13º andar - CEP 01452 - Tel. (011) 210-8633
Porto Alegre: Praça Dom Feliciano, 39 - Conj. 802 - CEP 90000 - Tel. (051) 21-7488
Londrina: Av. Paraná, 453 - Conj. 401 - CEP 86100 - Tel. (0432) 23-1234

Estando em São Paulo, Capital, ligue para 872-3323.

do Ministério da Agricultura, que incorporou os estudos realizados pelas mesmas Estações Experimentais. Em 1974, a Fundação Instituto Agrônômico do Paraná, da Secretaria da Agricultura, iniciou seu programa. Em 1975, foi criado o Centro Nacional de Pesquisa de Soja, da Embrapa, com sede em Londrina. Em 1976, o Centro assumiu a responsabilidade da pesquisa oficial com soja no estado. Hoje, atuam também em pesquisa com soja, no estado, a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná e duas empresas privadas.

Inúmeras foram as tecnologias desenvolvidas por essas instituições ao longo dos anos. Neste

trabalho, porém, serão destacadas apenas algumas das mais recentes. O desenvolvimento e a recomendação de novos cultivares é um dos mais eficientes mecanismos para garantir melhores produtividades. Dos 16 cultivares recomendados para o Paraná na safra 1978/79 (Paraná, Campos Gerais, Bragg, Davis, Pérola, Sant'Ana, Flórida, Bossier, Viçoja, Santa Rosa, Hardee, Mineira, IAC-4, São Luiz, Andrews e UFV-1), apenas dois constam entre os 23 indicados como preferenciais para a safra de 1985/86. Entre os 14 recomendados como tolerados para a próxima safra, dez eram considerados como preferenciais em 1978/79, sendo que quatro deles deverão sair

da recomendação a partir da safra de 1987/88.

Este esforço da pesquisa não representou apenas a recomendação, para o estado, de 24 novos cultivares mais produtivos, em sete anos. Com eles, abriu-se a possibilidade do produtor antecipar o plantio para meados de setembro e estendê-lo até meados de dezembro.

Com a crescente perda da rentabilidade, tecnologias destinadas a reduzir os custos de produção passaram a merecer maior atenção. A pesquisa de soja no Paraná tem sido pioneira em várias tecnologias ditas "poupadoras de insumos" e "preservadoras do ambiente". O já consagrado "Programa de Manejo de Pragas da Soja" possi-

Se seca deixar, mais batata e tomate

Enquanto a falta de chuvas na região Norte do estado provocou uma redução de 30 por cento na área de feijão, devendo provocar também uma redução de área plantada com o algodão, as condições climáticas no Sul do estado têm sido favoráveis para a batata. Segundo Nair Corrêa de Campos, do Deral, caso persistam as atuais condições de clima, o Paraná poderá produzir mais de 350 mil toneladas de batata, ou seja, um volume igual ou até maior que o obtido na safra passada, das águas.

A manutenção e até aumento da produção é garantido pela região de Curitiba, que nas últimas três safras deteve 75 por cento da área e 65 por cento da produção da safra das águas, e que terá um acréscimo de cinco por cento de área. Deverá ter, também, uma produtividade superior, resultante da melhoria de tecnologia de produção. As primeiras previsões indicam uma produção de até 360 mil toneladas nos 25.069 hectares a serem plantados. Na safra

84/85, a produção da safra das águas chegou a 353.708, em 24.888 hectares plantados.

Batata — Da produção anual, cerca de 60 por cento são ofertados entre dezembro a março. No Paraná, devido as condições adversas de clima na época de plantio (falta de chuvas em julho e agosto), a colheita poderá ser atrasada e concentrada no mês de janeiro, o que, segundo Nair, poderá provocar baixa nos preços. A expectativa quanto aos preços depende das quantidades a serem produzidas nos outros estados — como Minas Gerais e São Paulo, que são os dois maiores produtores nacionais — e também do preço dos produtos alternativos, como o feijão, arroz, trigo e outros tubérculos.

Atualmente, conforme previsões já feitas, os preços do produto vêm caindo. Porém, na segunda quinzena de novembro deverá ocorrer uma reação positiva de preços, mas que não atingirão os altos níveis a que chegaram em agosto e setembro. Isto porque, diz Nair, está ocorrendo uma aceleração das colheitas da safra de inverno em São Paulo e Minas, aumentando a oferta do produto agora.

Nos últimos anos, tem-se observado uma tendência de melhoria na tecnologia de produção na região do Núcleo Regional de Curitiba, com a introdução de variedades novas, como

Elvira, Achatt e até Bintje. O Paraná, que já foi o primeiro produtor de batata do País até a safra 79/80, dificilmente voltará a ocupar este lugar, perdendo para Minas e São Paulo, que têm aumentado suas produções via produtividade e aumento de área. Na safra 84/85, o Paraná participou com 29,4 por cento da produção nacional na safra das águas e 18,2 por cento na safra da seca.

Tomate — Com a cultura do tomate também deverá ocorrer um aumento da área plantada, da ordem de 6,7 por cento em relação a igual safra anterior. A produção prevista é de 44.000 toneladas em 960 hectares contra 37.518 toneladas obtidas na safra passada em 900 hectares.

Nos últimos anos, a produção de tomate no Paraná cresceu, embora o estado ainda se caracterize como importador líquido de outros estados. Normalmente, de dezembro a março há excesso de produção no estado e de junho a novembro ocorrem as maiores importações.

O tomate é cultivado em todo o estado, mas a maior produção é concentrada na região do Núcleo Regional de Curitiba, que nas últimas três safras contribuiu com cerca de 48 por cento da produção estadual, seguido de Jacarezinho, com 16 por cento; Londrina, 15 por cento; Ivaiporã, 11 por cento; e Maringá, cinco por cento. □

O JEITINHO BRASILEIRO DE VOCÊ OBTER MAIORES LUCROS-TORNO ND 325 CE.

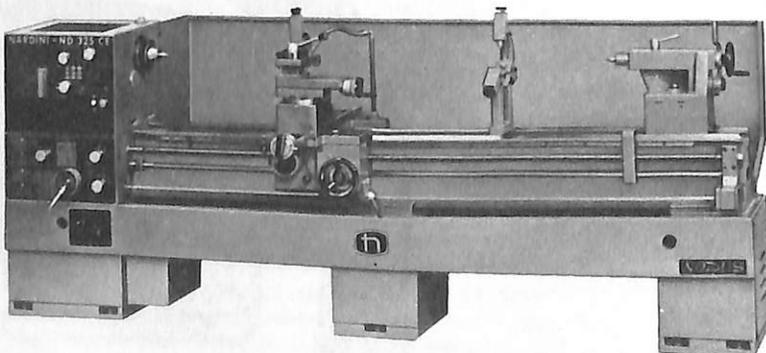
Você já pensou no lucro e tempo perdido cada vez que quebra uma peça do seu arado, trator, ou qualquer outro de seus equipamentos agrícolas? Prejuízo para o seu bolso, tempo gasto para consertar ou comprar peça na cidade mais próxima (que nem sempre fica próxima).

— Agora, porém, a Nardini coloca à sua disposição um Torno versátil, de baixo custo e fácil manuseio, ideal para reduzir seus custos de manutenção. Com ele você refaz as peças quebradas e não perde mais tempo. Nem dinheiro.



NARDINI

Av. Francisco Matarazzo, 999 - CEP: 05001 - S. PAULO - SP
Tel. (011) 864-5333 ou DISQUE
DDD GRATUITO (011) 800-8970 Telex: (011) 23007 INNA BR





Caminhão-graneleiro: da terra para a indústria ou porto

bilita reduzir em cerca de 75 por cento a quantidade de inseticidas normalmente utilizados em cada safra. Este sistema tem tido significativa contribuição na melhoria da rentabilidade da cultura. Recomendado em 1976, foi imediatamente adotado por grande parte dos sojicultores. Segundo a Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná, o número médio de aplicações de inseticidas no estado, que era de 5,8 em 1976/77, foi reduzido para 4,2 em 1979/78, 3,8 em 1978/79 e 2,4 em 1979/80.

O sistema de manejo de pragas foi aperfeiçoado com os estudos sobre o controle biológico. A partir da safra 1982/83, o controle da lagarta-da-soja passou a independe dos agrotóxicos. O controle pode ser feito através de uma única aplicação do *Baculovirus anticarsia*. A multiplicação e a manutenção do vírus pode ser feita de maneira simples, em nível de propriedade. O custo do controle torna-se irrisório para o produtor.

Outra tecnologia de impacto sobre a produtividade e a rentabilidade da cultura é a racionalização da adubação. Foram estabelecidos critérios que possibilitam eliminar o uso do nitrogênio químico e um melhor balanceamento dos nutrientes fósforo e potássio. Assim, as quantidades de fertilizantes foram reduzidas, mantendo, ou, em certos casos, até melhorando a produtividade.

As técnicas para reduzir as perdas na colheita têm tido um grande significado para o Paraná. Através delas, o estado pode deixar de perder, em média, 100 quilos por hectare de soja. Com base na área cultivada na última safra, o ganho pode chegar a 219.600 toneladas por ano. Outras inovações tecnológicas, como controle integrado de plantas daninhas, manejo adequado do solo, rotação de culturas, entre outras, têm sido, e continuam sendo, fundamentais para a obtenção de altas produtividades e rentabilidade da soja paranaense.

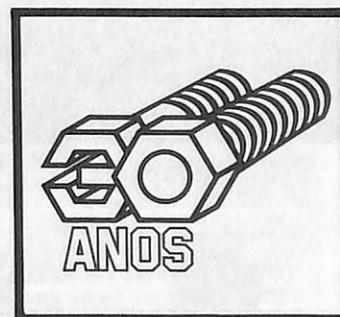
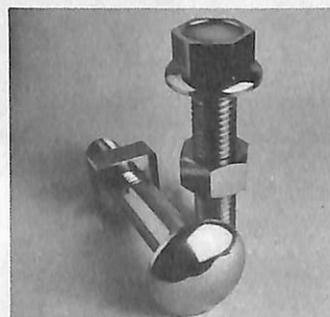
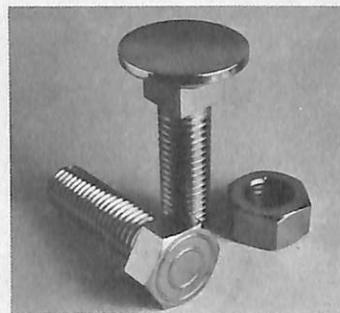
Perspectivas — Apesar da produtividade da soja ser uma das melhores dentro da agricultura paranaense, observa-se que está praticamente estabilizada desde 1975. A rentabilidade, como foi visto, também tem sido achatada nos últimos anos. Evidencia-se, pois, a necessidade, para a própria soja, que seja processada uma maior diversificação agrícola no estado. Sistemas de rotação de culturas, além de possibilitarem ganhos em produtividade dos produtos que incorporam o sistema, possibilitam minimizar os custos de produção, através das melhorias do solo, do melhor aproveitamento dos fertilizantes residuais, da redução da população de plantas daninhas e do inóculo de doenças, entre outros. A diversificação agrícola, por outro lado, é um imperativo da própria estabilidade econômica do estado. A própria redução da rentabilidade da soja deverá facilitar o estabelecimento de uma agricultura mais diversificada. Assim, a área cultivada com soja no Paraná deverá, a médio prazo, ser estabilizada em nível inferior ao atual. □

AJUSTE SEU PROGRAMA AGRÍCOLA

SEGURE O LUCRO

Todo mundo quer transformar sua terra numa máquina de produção e lucratividade. Você alguma vez já parou para pensar no quanto deixa de ganhar por causa de peças de equipamentos soltos?

Com porcas, arruelas e parafusos de qualidade você mantém o lucro perto de você.



Arber

ARNO BERNARDES IND. E COM. LTDA

MATRIZ: Rua Almirante Barroso, 1159 - 89100 Blumenau - Santa Catarina - Caixa Postal 615
Fone: (0473) 23-1500 (PABX) - Telex (0473) 366
Escritório Regional: Av. Paes de Barros, 411
7º andar - s/76 - Moóca - 03115 - São Paulo - SP
Fone: (011) 93-0085/93-0059 - Telex (011) 32142

SCRIBA

VOCÊ JÁ CONHECE A FORÇA AGORA MULTIPLI



MF 235 Estreito



MF 235



MF 265



MF 275



MF 290



MF 295



Se a Massey Ferguson já estava na frente em qualidade e tecnologia, imagine agora com a mais completa linha com tração nas quatro rodas. Ninguém segura.

Um Massey encara de frente qualquer terreno e ainda sai pisando firme. É força na frente, atrás, pra

todo lado. E o mais emocionante fica por sua conta: o comando. Como é fácil! A Linha Massey 85 vem com câmbio de 12 marchas. Um sistema hidráulico perfeito com maior capacidade de levantar e controle remoto duplo para acionar os mais variados implementos.

Você vai ter maior rendimento por hora de trabalho, o que resulta em menor custo por ha. Assim você ganha mais em economia.

Outros pontos fortes da Linha 85: o menor raio de giro do mercado, único com bloqueio dianteiro do diferencial para maior aproveitamento de

A DA MASSEY FERGUSON. QUE ISTO POR 4.



MF 296



MF 290-4



MF 295-4



MF 296-4

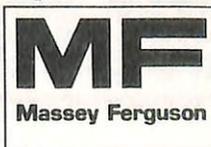


potência, painel mais bonito, faróis retangulares que proporcionam melhor iluminação, maior peso dianteiro e acessórios que já vêm de fábrica: caixa de ferramentas e bomba de engraxar.

Tudo isso com a cobertura de uma rede de assistência técnica também

com força multiplicada: são 320 unidades espalhadas por aí. A maior do país.

Conheça a nova Linha Massey Ferguson 85 e faça uma prova de força.



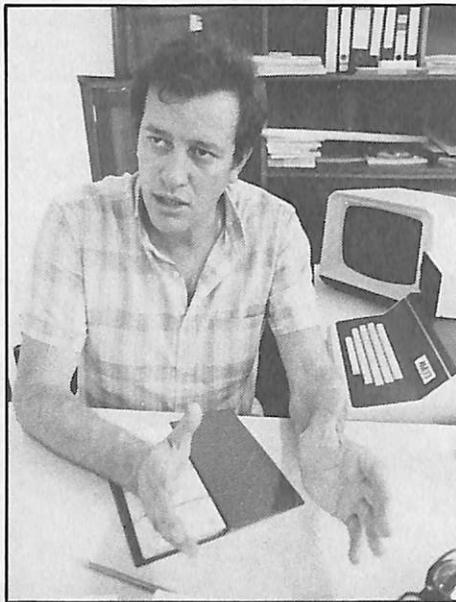
MULTIPLICAÇÃO DA FORÇA

Informática: faltam programas para redução de custos nas propriedades paranaenses

Quarenta dos 300 minicomputadores utilizados no Brasil por produtores agropecuários estão no Paraná, conforme estatística do agrônomo Derli Dossa, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, em Curitiba. Acontece — esclareceu — que o Paraná experimentou um avanço na área de informática nos últimos dois anos. Inicialmente com o primeiro encontro nacional sobre o uso do computador no meio rural, onde “muitos dos que participaram perceberam quais os caminhos que tinham a percorrer para introduzir o computador em suas propriedades”.

O pesquisador salientou, também, o que classificou de “esforço da Embrapa”, que designou um técnico para as cooperativas Batavo, Arapoti e Castrolanda, a fim de que desenvolvessem programas de interesse regional:

— Com isso — acrescentou Dossa —, alguns programas destinados a pequenos, médios e grandes proprietários já estão em andamento, como por exemplo os programas de fertilidade dos solos, sobre receituário agrônomico e o de



Dossa: Cr\$ 20 milhões para entrar

acompanhamento dos sistemas de produção.

Detalhando estes três programas, o técnico da Embrapa explicou que o primeiro parte das análises de solo para fazer a recomendação das doses ótimas de fertilização a serem usadas pelos produtores da região. O segundo, também destinado aos técnicos, permite que estes apenas se limitem a uma verificação final dos dados levantados e registrados pelo computador, de forma que o agrônomo necessite apenas assinar a receita para uso de defensivos, ganhando, conseqüentemente, tempo para estar efetivamente no campo. O terceiro programa desenvolvido nas cooperativas do Paraná parte de uma análise da produção nas propriedades para chegar a conclusões sobre os tipos de atividades mais adequadas para a região. Além disso, permite que um segundo técnico, enquanto o que acompanha a propriedade estiver viajando, por exemplo, prossiga assistindo o produtor, porque o programa funciona como um banco de dados, independente da presença do agrônomo ou veterinário.

Derli Dossa classificou de “bom” o momento ▽

JUNTE A TV AO SEU REBANHO

ADMINISTRE SUA FAZENDA, SEM PERDER SEU PROGRAMA PREFERIDO.



Os sistemas de recepção de sinais de TV, via satélite, permitem a você acompanhar além da programação nacional, os melhores noticiários econômicos do mundo, assim como outras opções, através das TV's internacionais.

A LINEAR leva o mundo, via satélite, até você com perfeita qualidade de som e

imagem, mesmo às localidades mais distantes.

Adquira um sistema LINEAR e leve com você a garantia de mais de 800 sistemas instalados e em operação, em todo o Brasil e em algumas das principais capitais da América Latina.



LINEAR
EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS LTDA.

FÁBRICA: R. Cincinato Marques Pereira, s/n.º - (035) 631-1311 - Telex 312222 LEEL - CEP 37540 - Santa Rita do Sapucaí - MG
DEPTO COMERCIAL: R. Said Aiach, 132 - (011) 884-3122 - Telex 1137345 LEEL - CEP 04003 - São Paulo - SP
DEPTO COMERCIAL: R. Timóteo, 371 - sala 301 - (0512) 22-5695 - CEP 90000 - Porto Alegre - RS

GUAÍRA PALACE HOTEL



No centro de Curitiba um hotel de categoria internacional.



**GUAÍRA
PALACE HOTEL**

Praça Rui Barbosa, 537
Informações pelo telefone:
232-9911 - Telex: 0415212
CURITIBA - PARANÁ

atual vivido pela informática no Paraná, porque os produtores que se interessaram pelo sistema superaram o estágio de desconhecimento sobre informática: "ao contrário de antes — observou —, todos os produtores que adquiriram minicomputadores têm conhecimento não só do funcionamento de seu equipamento, mas dos programas que estão à sua disposição". Enumerou, em seguida, as quatro empresas que entende serem as mais conhecidas no Sul: Ruraltec, de Campinas/SP; J.L. Associados e CNCP - Cia. Nacional de Consulta e Planejamento, ambas de São Paulo; e PBC Assessoria e Sistemas, de Porto Alegre/RS.

O técnico da Embrapa ainda esclareceu que a maior parte dos minicomputadores do Brasil está sendo utilizada na pecuária, principalmente aplicando os seguintes programas:

- contas a pagar e receber,
- controle de estoques,
- folha de pagamento,
- emissão de cartas (mala-direta),
- controle genealógico (bovinos e suínos),
- ração de custo mínimo,
- prô-fazenda (planejamento e apoio à decisão no campo).

Depois de revelar que este último tem sido o programa mais solicitado pelos produtores, Derli

Dossa reconheceu que o grande problema da informática brasileira continua sendo a falta de programas que mostrem como diminuir os custos na atividade agropecuária, de forma a que o produtor chegue a uma otimização da propriedade. Por fim, revelou ainda que acredita que o maior uso do computador no segmento primário de produção obedece à seguinte ordem: São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraná. Mas, como o custo era uma informação que não poderia faltar aos prováveis interessados em utilizar a informática no campo, confessou: "com 20 milhões de cruzeiros, o produtor pode entrar na computação". □

Correção do solo em poucos segundos

A Fundação ABC para Assistência e Divulgação Técnica Agropecuária, que atende os produtores das cooperativas Arapoti, Batavo e Castrolanda, é a primeira entidade particular do País a colocar o serviço de informática à disposição dos produtores associados, através de programas a serem utilizados na propriedade rural. Acontece que não é mais novidade as grandes cooperativas de pro-

dução utilizarem a computação para a sua contabilidade e cadastro dos associados, que, por isso, são beneficiados indiretamente pela informática. No entanto, a Fundação ABC é o primeiro organismo não-oficial a desenvolver dois programas de interesse direto dos produtores da região dos Campos Gerais. O primeiro é o fornecimento de análises de solos, para que o produtor saiba o nível de fertilidade da terra em sua propriedade e possa fazer as correções necessárias com o máximo de exatidão. O segundo programa que está sendo desenvolvido pelos técnicos da Fundação ABC é o receituário agrônomo. Ocorre que o agrônomo perde muito tempo fazendo cálculos para chegar a uma receita adequada para o emprego de defensivos agrícolas. Pelo computador, o técnico se limitará a uma revisão do resultado e à assi-

natura da receita, totalmente calculada pelo aparelho previamente programado e alimentado com as informações necessárias. Estas dizem respeito ao histórico de ocorrência de pragas, nível de incidência destas, área cultivada e área atingida, produto do mercado preferido pelo produtor associado, enfim, todas aquelas informações relativas à lavoura e sua infestação. Alimentado com estes dados, o computador fornece, em segundos, uma meia dúzia de formulações indicadas para cada caso. Inclui-se, se o produtor quiser acompanhar detalhadamente seus níveis de economia possível, o computador fornece as formulações correspondentes a diferentes produtos oferecidos no mercado, o que, considerados os preços destes produtos, permite uma comparação exata de custos entre as diversas marcas. □

MARCHIGIANA

- a raça gigante ideal para cruzamentos

RECORDE BRASILEIRO DE PESO AOS 2 ANOS



Zico da Centaurus, fotografado ao fazer dois anos de idade com 989kgs.

Vendas de Sêmen

FUNDAÇÃO BRADESCO
PECPLAN

Matriz - Cidade de Deus - Vila Yara - Osasco - SP - Tel.: (011) 801.9152 ou 804.3311 - Ramal 5926
Central de Tec. de Sêmen - MG - BR 050 - Km 195 - Faz. Sto. Ignácio Rod. SP-Brasília - Tel.: (034) 332.3331 - CEP 38100
Central de Rosário do Sul - RS - BR 158 - Km 468 - Caixa Postal 129 Tel.: (055) 231-2301 - CEP 97590

Um quarto do trigo colhido no Brasil este ano saiu das lavouras do Oeste do Paraná



Todo mundo teve motivos para sorrir, este ano, no Oeste do Paraná. Os agricultores, principalmente, comerciantes, industriais e gerentes de banco — afinal, entraram em circulação bilhões de cruzeiros resultantes da colheita da maior safra de trigo da história do Paraná. E do Brasil, também. 2,4 milhões de toneladas, que representam quase 150 milhões de dólares, e 25 por cento do total produzido no País.

Os anos passados ensinam que trigo é uma espécie de loteria: quando menos se espera, dá. Este ano, parece ter havido uma conjugação de todos os fatores que influenciam a produção, a começar pelo governo federal, que estabeleceu um VBC estimulante. O tempo influiu decisivamente, ainda mais para quem plantou na época certa: as chuvas vieram na medida e na hora e o inverno foi ameno.

As sementes germinaram em quase cem por cento, coisa rara, e aí começou o ciclo que permitiu uma produtividade média de 2.800 quilos por hectare (a média nacional é de 900 quilos por hectare). Em algumas propriedades, o índice esteve perto de cinco mil quilos por hectare. Enfim, o resultado financeiro bruto de todo o trigo colhido ficou ao redor de Cr\$ 3,5 trilhões, gerando apenas em ICM uma receita de aproximadamente Cr\$ 440 bilhões.

Custo — A rentabilidade líquida de cada hectare do cereal foi superior a 21 por cento. Segundo a Secretaria da Agricultura do estado, o produtor gastou Cr\$ 84.997 para produzir uma saca de 60 quilos. Quanto à qualidade do trigo colhi-



Dois momentos da maior safra de trigo da história do País

do, basta dizer que as boas lavouras, com tecnologia moderna e boas sementes, produziram em média 120 grãos por cacho, com ph 82 (cada tonelada rende 820 quilos de farinha).

Armazenagem — A safra inesperada trouxe, contudo, um problema: onde armazenar a superprodução. Uma das soluções encontradas, quando não havia mais espaço útil nos silos e armazéns, foi retirar outros produtos, como calcário, os quais foram cobertos com lonas. Em Guaruapuava, por exemplo, os caminhões-graneleiros descarregavam direto em vagões ferroviários, e o trigo seguia para Paranaguá, para aproveitar áreas de armazenagem.

Preocupados, dirigentes das principais cooperativas estiveram em Brasília solicitando do governo que os embarques de trigo importado fossem adiados. Afinal, de outubro a fevereiro, o Paraná precisa escoar 1,2 milhão de toneladas. O presidente da Organização das Cooperativas do Paraná, Guntolf van Kaick, lembra que os moinhos paranaenses com registro na Sunab absorvem apenas 500 mil toneladas anuais. Ao mesmo tempo, a estocagem da Copasa, Cibrazem e iniciativa privada terá que armazenar, a partir de fevereiro, as safras de soja e de milho, estimadas em, respectivamente, 4,5 milhões e 5,5 milhões. □



DIVISÃO
MAQUIGERAL
IRRIGAÇÃO



TURBOMAQ[®]
A CHUVA NO MOMENTO CERTO

Funcionamento seguro
enrolamento automático simultâneo à irrigação



O tubo PEAD é facilmente desenrolado do carretel com o auxílio de um trator médio, deixando-o esticado conforme as linhas de operação, existindo um mecanismo direcionador que evita o serpentear do tubo PEAD.



O carretel é apoiado em quatro roletes que faz girar o conjunto superior sobre a base inferior fixa, sendo por esta razão virado facilmente para o sentido que se deseja irrigar, ou para o transporte após o final da faixa irrigada. O TURBOMAQ possui alimentação de água em ambos os lados, evitando com isto o traslado da tubulação de alimentação, quando for girado o carretel em 180° para nova operação. Uma série de orifícios na base inferior a cada 60° permite regular a saída do tubo PEAD em várias direções.

Vantagens a mais

- Dispensa o uso de cabos de aço ou qualquer outro tipo de amarras durante o funcionamento.
- O carro aspersor quando em funcionamento não prejudica a cultura devido ao sistema de regulação da distância entre as rodas.
- Facilmente deslocado de uma área para outra, necessitando para isto apenas um trator de médio porte.
- O transporte do TURBOMAQ é simples e rápido, podendo o mesmo ser feito em um caminhão de médio porte.



Bavesa

Empresa do Conglomerado Battistella

BR-116 - Km 400, nº 7484 - Alto Cajuru - Fone (041) 262-4323 - Telex (041) 6534 - Curitiba - PR - CEP 80000

As sementes que o Paraná plantou

Os cultivares recomendados pelo Iapar para a safra recorde de 1985, para as zonas D e F (Centro-Sul do Paraná, em solos com mais de cinco por cento de saturação de alumínio, foram o CEP 7672, CEP 11, Trigo BR 8, Sulino, CEP 7780, Minuano 82, OCEPAR 10 Garça, Trigo BR 14, CEP 13-Guaíba, IAC 5-Maringá, CNT 8 e IAS 57, em ordem decrescente. Os cultivares situados nas primeiras colocações são os que oferecem as maiores probabilidades de produzirem bons rendimentos nos próximos anos.

CEP 7672 — Este cultivar, na média dos últimos três anos, produziu 2.200 quilos por hectare, o que representa 30 por cento a mais que o IAC 5-Maringá. É muito resistente ao oídio e ferrugem-da-folha, mas um pouco mais suscetível às manchas foliares de espiga causadas por helmintosporiose, septorioses e giberela que o IAC 5-Maringá. É menos suscetível ao acamamento e também tem maior tolerância à geada que o IAC 5-Maringá. Em condições normais de clima, não é necessário aplicar fungicidas para controle do oídio e ferrugem-da-folha.

CEP 11 — Nos testes realizados nos últimos quatro anos no Centro-Sul do Paraná, tem apresentado 2.170 quilos por hectare em média, colocando-se entre os cultivares de trigo mais produtivos no período. Como característica vantajosa em relação ao IAC 5-Maringá, apresenta maior resistência ao acamamento, tem boa resistência ao oídio, ferrugem-da-folha, manchas foliares e moléstias da espiga causada por septorioses e helmintosporiose. É moderadamente suscetível à giberela. A característica mais vulnerável talvez seja sua suscetibilidade à ferrugem-do-colmo. É um pouco menos suscetível à geada que o IAC 5-Maringá, e quando o agricultor for semear os dois cultivares deve antes fazê-lo com CEP 11.

Trigo BR 8 — Caracteriza-se por apresentar

boa estabilidade de rendimento em anos não muito favoráveis à cultura do trigo, sendo o cultivar, ao lado do Cotiporã, que apresenta os maiores pesos hectolítricos. Sua produtividade média tem se situado em pouco mais de 20 por cento superior à apresentada pelo IAC 5-Maringá. É muito resistente à ferrugem-do-colmo e doenças de espiga, moderadamente suscetível à ferrugem-da-folha e oídio. Pela sua boa resistência às doenças, em condições normais produz relativamente bem, sem necessidade de aplicar fungicidas. O maior problema com esse cultivar é a vulnerabilidade ao acamamento, além de ser bastante suscetível aos danos por geadas tardias.

Sulino — É um cultivar irmão do CEP 7672 e tem comportamento em relação às doenças idêntico a esse cultivar. Embora com uma diferença muito pequena, apresentou menor tolerância às geadas tardias que o CEP 7672.

CEP 7780 — Tem características semelhantes as do CEP 11. As geadas tardias verificadas em 1984 parecem ter afetado em grau ligeiramente superior a esse cultivar comparado com o CEP 11, e parece ser também um pouco mais suscetível à ferrugem-do-colmo que este.

Minuano 82 — Apresenta bom rendimento (1.970 quilos por hectare na média dos últimos quatro anos), é bastante rústico, porém, é o de porte mais alto entre os recomendados no Centro-Sul do Paraná (117 centímetros em média), o que o torna muito suscetível ao acama-



Silos e Armazens

DE BAIXO CUSTO

SILOPLANO

é armazenador e secador ao mesmo tempo. O sistema de secagem por aeração também efetua a descarga do cereal. Esta dupla função dos mecanismos baixa o custo operacional. Secagem lenta, a razão de 5% em 10 dias, protege o grão e evita a quebra.

solicite nosso projeto sem onus para V.S.

• SILOMOVEL

faz de qualquer armazém convencional um silo graneleiro! Sua estrutura é montada através de colunas e cintas de aço zincado, que são simplesmente encaixadas, tornando a montagem uma facilidade.

Os componentes padronizados do SILOMOVEL permitem montar qualquer tamanho de silo. As paredes são de madeira ou LONIL. Secagem por aeração é opcional. Carga e descarga é realizada com rosca ou elevador.

A SOLUÇÃO IMEDIATA

FERROFORMA S.A.

Rua Marinho de Carvalho, 285
Tel. (011) 445-3722 - Diadema - SP

A MAIS COMPLETA LINHA DE SERINGAS DO BRASIL

B3/B5 - Seringa simples de 30 ou 50ml com doses reguláveis. Tem bico dosificador opcional.

B7 Injetora tipo Pistola. Capacidade 50ml com doses reguláveis de 1 a 5ml. Tem bico dosificador opcional.

B4 - Seringa injetora e dosificador automático de 10ml, doses reguláveis de 1 a 10ml. Tem depósito de 750ml e prolongadores opcionais.

Ganchos aplicadores - Bebedouros p/suínos - Mochadores - Luvas veterinárias - Prolongadores

biomatic

Rua Cel. Massot, 1241
Fone: (0512) 49.2710
Porto Alegre - RS

mento. É bastante resistente à ferrugem-da-folha, a doenças de espiga e moderadamente suscetível à ferrugem-do-colmo. É menos tolerante a geadas tardias que CNT 8 e OCEPAR 10-Garça.

IAC 5-Maringá — Foi recomendado para cultivo no Paraná a partir de 1972. Suas características de rusticidade, estabilidade de rendimento e ciclo/custo tornaram-no o cultivar preferido por parte dos agricultores da região e há cerca de dez anos é o mais cultivado no Centro-Sul. É considerado um cultivar precoce, apresentando um ciclo de 78 dias em média, da emergência ao espigamento e 136 dias da emergência à maturação. Apresenta em média 112 centímetros de altura. A produção em média dos experimentos conduzidos no Centro-Sul nos últimos quatro anos foi de 1.696 quilos por hectare. É suscetível ao oídio, ferrugem-da-folha e ferrugem-do-colmo. Apresenta moderada suscetibilidade à giberela e outras doenças de espiga. Em condições adversas de ambiente, as manchas foliares causadas por helmintosporioses e septorioses causam prejuízos a este cultivar. Por ser um cultivar de porte alto, é suscetível ao acamamento, sendo também mais sensível aos danos causados por geadas tardias, recomendando-se, assim, quando possível, escalonar o plantio durante a época recomendada e, quando plantar mais de um cultivar, iniciar sempre o mais tolerante às geadas tardias. □

Outro que não faz negócio com banco

Quem conhece Curitiba talvez não imagine que bem perto dali, nos arrabaldes, 32 famílias de japoneses cultivam hortigranjeiros para alimentar boa parte da população da cidade. Um destes produtores é o neto de imigrante Eurico Ishikawa, que desde 1967 cultiva alface, cenoura e outras hortaliças junto com dois irmãos. São três alqueires que dão muito trabalho, mas garantem cinco safras de alface e três de cenoura anuais.

Eurico é neto de um imigrante que morreu com mais de 90 anos de idade e que deixou de ser garçom no Japão para transformar-se em agricultor no norte do Paraná. Também lá viveu o pai de Eurico, que veio com ele para São José dos Pinhais e que até hoje sente "saudades" do algodão que cultivava no norte.

Comercialmente, Eurico e seus irmãos vendem direto a produção no Mercado do Produtor e no Mercado Municipal, utilizando uma Kombi e trabalhando por comissão com os intermediários. Eles usam sementes importadas, mas neste ano, pela primeira vez, estão experimentando a produção de sementes de cenoura na propriedade. Adubo, utilizam duas vezes no plantio e na cobertura, somando químico com



orgânico (esterco de galinha), pelo qual pagam Cr\$ 80.000 o metro cúbico. Eurico justifica o emprego do adubo orgânico: "é mais barato, produz melhor e tem mais durabilidade". O adubo químico ele compra da Cooperativa de Cotia, embora não tenha demonstrado entusiasmo em se associar a ela. Para garantir a colheita de verduras viçosas e de alto valor no mercado, Eurico instalou um sistema de irrigação por aspersão cujo bombeamento será feito através de energia elétrica.

— Cada semana de diesel custa o mesmo que um mês de eletricidade.

O diesel vai ficar apenas para mover o mini-trator de Eurico, cujo trabalho é mais manual que mecanizado. Inclusive, o produtor está se tecnificando gradativamente. Como no caso da rede de irrigação, que aumenta aos poucos para poder pagar à vista: "com estes juros, não dá para fazer negócio com banco", finalizou. □

A máquina do tempo

A tecnologia sueca coloca em suas mãos a mais avançada moto-serra do mundo: Husqvarna. Compare a qualidade e as vantagens exclusivas e comprove: somente no futuro as outras serão iguais à moto-serra Husqvarna de hoje.

Moto-serra Husqvarna: o futuro, já!

Moto-serra Husqvarna: o futuro, já!

1. ignição eletrônica / 2. mais rápida no corte / 3. potência ideal em relação ao peso / 4. a mais leve / 5. menor ruído / 6. maior durabilidade e resistência / 7. maior rotação, com menor consumo / 8. menor número de peças e menor desgaste / 9. menor vibração / 10. é a única com trava automática de segurança.



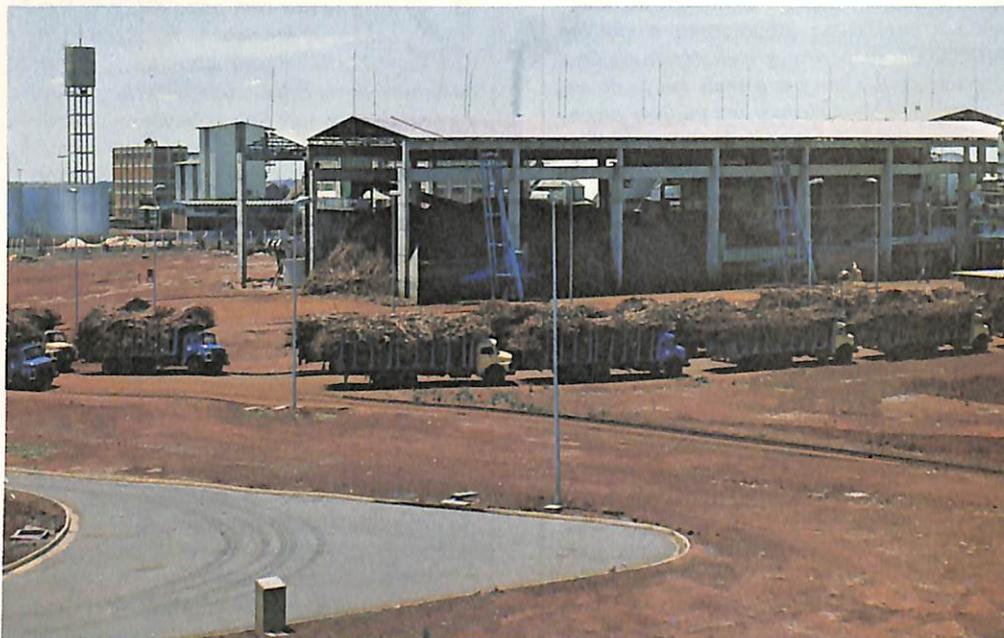
Husqvarna
A lera das moto-serras

A HUSQVARNA OFERECE ASSISTÊNCIA TÉCNICA, REPOSIÇÃO DE PEÇAS E ACESSÓRIOS EM TODO O BRASIL.

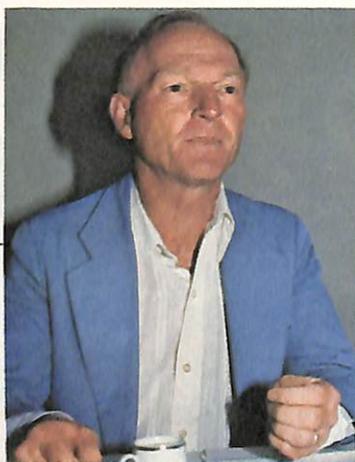
O segredo da Cooperativa de Campo Mourão é um só: "nunca esquecer do associado"

Considerada a segunda maior cooperativa do País — só perderia para a Cotia, de São Paulo — a Cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda. (Coamo) foi recentemente indicada como a 65ª maior empresa do País. Um desempenho que, segundo o presidente José Aroldo Gallassini, se deve a diversos fatores, desde a eficiência empresarial, participação efetiva dos associados na vida da cooperativa, assistência técnica e social, até uma bem administrada isenção político-partidária: "eu costumo dizer que aqui sou PMDB, lá em Mangui-nha sou PDS, e assim por diante", revelou o presidente. Gallassini admitiu ter suas preferências políticas, seus candidatos preferidos, mas acrescentou que não gosta de identificá-los. Quanto ao relacionamento com os políticos, procura se dar bem com todos em função do interesse do município em questão: "trabalhamos junto, sem distinção — observou — e então convivemos bem com a classe política, não temos tido atrito".

Explicando o bom desempenho econômico da cooperativa, seu presidente lembrou que a Coamo existe há 15 anos — completados agora em 28 de novembro —, e desde sua fundação a diretoria vem realizando um trabalho único: "nunca tivemos crises, nem administrativas, nem financeiras e nem com o quadro social". Procedente da extensão rural, Gallassini assegura que o êxito da Coamo se deve, também, a nunca ter descuidado da preparação do homem do campo:



Fila para entrega de cana-de-açúcar na usina da Coamo



Van Kaick: governo usou cooperativismo

— Somos uma cooperativa grande, mas a Coamo nunca voltou as costas para o produtor. É um risco que as grandes cooperativas correm. Na medida em que passam a industrializar os produtos entregues pelos associados, às vezes esquecem do produtor. Nós nunca esquecemos do associado.

Este ano, a Coamo pretende atingir um fatura- ▶

Crise do sistema começou em 1981

O cooperativismo paranaense é responsável por 61 por cento do PIB (Produto Interno Bruto) da agropecuária do estado, mas, a exemplo do sistema de outros estados, enfrenta dificuldades, admitidas tanto pelo presidente da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná, Guntolf van Kaick, quanto por seu assessor, Eloy Olindo Setti.

O presidente da Ocepar entende que "a crise que assola o cooperativismo tem uma raiz que data de 1981", quando o Banco Central baixou a carta-circular 666, "inviabilizando as cooperativas de continuar se capitalizando permanentemente através do financiamento das quotas-partes". Além disso, acrescentou, o Banco Central baixou a Portaria 706, desobrigando os agricultores de utilizarem insumos

modernos, que eram comercializados pelas cooperativas. Depois de observar que houve outros atos e medidas em prejuízo do cooperativista, Guntolf van Kaick reconheceu que o sistema se constituiu num "instrumento que o governo usou para organizar a comunidade agrícola". Por isso, ele entende que "não se pode culpar os agricultores e nem as cooperativas pelo que aconteceu. O cooperativismo fez o que fez para poder sobreviver", justificou.

Para o assessor Eloy Setti, no entanto, não foi só o governo que prejudicou o cooperativismo, que no Paraná hoje completa 15 anos de atividade expressiva. Ele admitiu que o "excesso de centralismo nas decisões, aliado à não-participação dos associados, afetou a eficiência empresarial das cooperativas". Reconheceu, também, que é a Cooperativa Central de Agro-

pecuária do Paraná — Cocap — a que tem maiores dificuldades, devido a alguns investimentos maldirigidos. Trabalhando basicamente com café, soja e trigo, a Cocap tem 32 cooperativas filiadas, das quais apenas seis apresentam problemas. As outras quatro centrais do Paraná, Cotriguaçu, Sudcoop, Coopersul e CCLPL não têm maiores dificuldades. Principalmente a última, estável desde que foi fundada, porque reúne os colonizadores alemães e holandeses, que trabalham principalmente com leite e um pouco com suínos e aves.

Como resolver o problema do cooperativismo? Para o presidente da Ocepar, o sistema tem que se independentizar do governo e, também, dos bancos. Para conquistar o primeiro item, o cooperativismo deve se autogerir e se autofiscalizar. Para se independentizar dos altos juros bancários, observou Guntolf, "a nossa luta hoje é pela montagem de um sistema de cooperativas de crédito rural". Inclusive, os agricultores cooperativados do Paraná dispõem hoje de 14 cooperativas singulares de crédito rural e esperam para breve a autorização para funcionamento, pelo Banco Central, da central destas cooperativas. □

Qualidade tecnologia e precisão um compromisso de honra da

SEMEATO

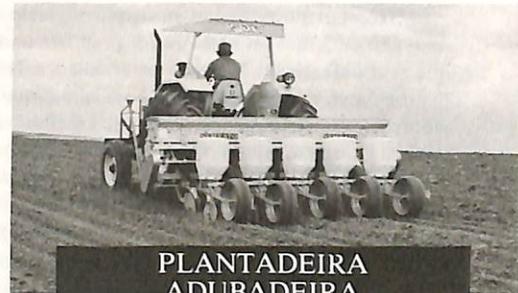
ANO 20



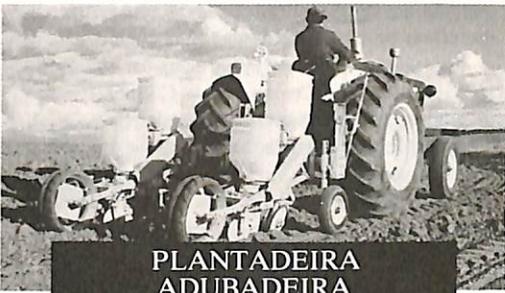
SEMEADEIRA ADUBADEIRA
PARA PLANTIO DIRETO
TD 300



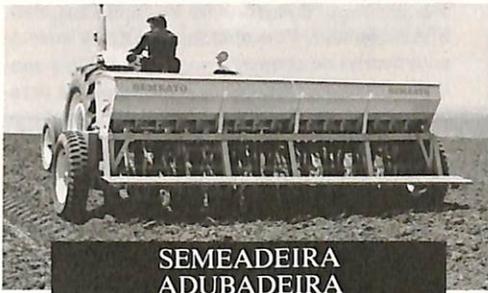
PLANTADEIRA DE
PRECISÃO
PS-6



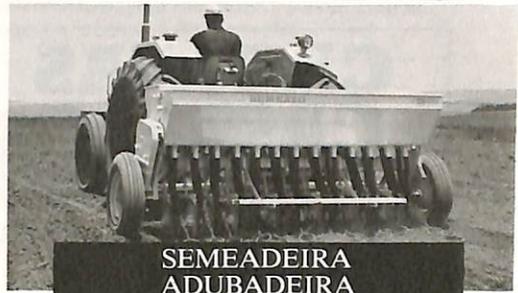
PLANTADEIRA
ADUBADEIRA
PH-2700



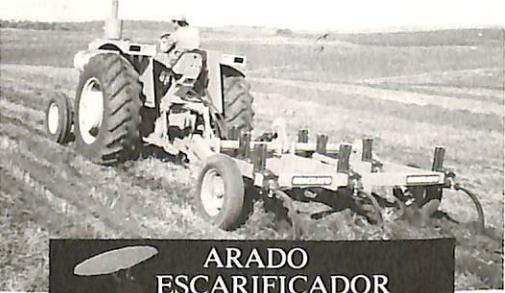
PLANTADEIRA
ADUBADEIRA
PL-3000



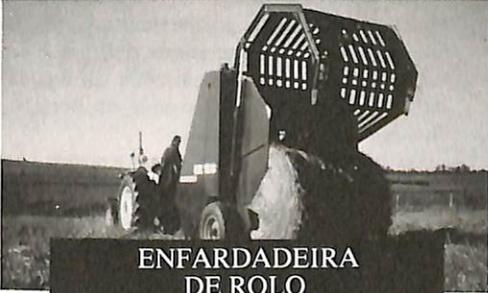
SEMEADEIRA
ADUBADEIRA
SG-17D



SEMEADEIRA
ADUBADEIRA
SH 13D



ARADO
ESCARIFICADOR
AECR 215



ENFARDADEIRA
DE ROLO
ROL 1518



COLHEITADEIRA
DE MILHO REBOCADA
CMR 1E



Nossa
propaganda
é feita
por quem
tem Semeato.

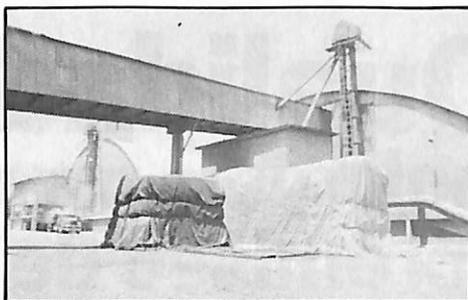


SEMEATO S.A. IND. COM.
Av. Presidente Vargas, 3800 - Fone: (054) 313-1144
Telex: 0543855 - Caixa Postal 559
CEP 99.100 - Passo Fundo - RS - Brasil

mento na ordem de Cr\$ 2 trilhões, talvez um pouco mais que isso. Foram recebidos pela cooperativa 8.300.000 sacos de soja, 4.300.000 arrobas de algodão, mais de 5.000.000 de sacas de milho, 4.200.000 sacos de trigo (a maior safra de todos os tempos), o que deve resultar em um total de 19 milhões de sacos de grãos. No início, a Coamo começou recebendo trigo, depois soja, mas, de acordo com Gallassini, "vimos que seis meses ia bem e seis meses ia mal; então, nós entramos no feijão e depois partimos para o algodão. Com aquele problema do governo querer fixar o homem no campo — acrescentou —, o algodão é um produto indicado, porque exige muita mão-de-obra. Nós, então, estamos nos organizando para o beneficiamento, a industrialização do algodão".

Outro fator citado pelo presidente da cooperativa como impulsionador é a eficiência empresarial:

— Nós partimos de um princípio segundo o qual não podemos ter nada que dê prejuízo, nada que seja deficitário. Nada de paternalismo. Nós distinguimos muito bem o que é social e o que é empresa. No social, procuramos dar a melhor assistência técnica, ajudamos o associado na melhoria de seu nível de vida, mas naquilo que diz respeito a dinheiro, tanto na compra como na venda, nós temos que ser eficientes. Muito eficientes. Então, nós superamos a fase em que recebíamos 15 produtos, inclusive alguns que davam prejuízo. Nós não podemos comprometer toda uma infra-estrutura em função de um asso-



Na safra, solução é armazenar ao ar livre

ciado que, por exemplo, produziu uns 20 quilos de alho.

Inclusive, Gallassini reconhece que não é somente o idealismo que mantém o associado junto e dentro da cooperativa: "se ele não encontrar aqui bom preço para o seu produto e alguma vantagem na compra do insumo ele deixa a cooperativa", advertiu.

Citou, em seguida, a fábrica de óleo de soja ▽

Cooperação iniciou no século passado, com os imigrantes

Holandeses, alemães, japoneses, migrantes descendentes de italianos que vieram do Rio Grande do Sul e poloneses compõem, com características próprias, o cooperativismo paranaense. Os primeiros imigrantes aqui chegaram a partir de 1877, vindos da Europa, e já trouxeram o espírito de cooperação. Os poloneses, que em 1878 se instalaram na comunidade de Murici, a 30km de Curitiba, no município de São José dos Pinhais, fundaram, em 1902, a primeira sociedade cooperativa de que se tem notícia, enfrentando todas as dificuldades da época.

Os ucranianos, em 1920, fundaram em União da Vitória a Sociedade Cooperativa Svitlo (Luz), sob inspiração do agrônomo Valentin Cuts, também ucraniano. Cuts ajudou a constituir mais de uma dezena de cooperativas de produção e consumo junto aos migrantes, principalmente ucranianos e poloneses, nas primeiras décadas do século XX.

As cooperativas do princípio do século eram ligadas à extração e comercialização da erva-mate e da madeira. Em 1940, havia 40 cooperativas reunidas em torno da Federação das Cooperativas do Mate Ltda. — Agromate —, que se mantiveram solidamente no negócio até que os problemas de mercado advindos com a Segunda Guerra Mundial causaram um grande transtorno econômico. Sem mercado, sem preços, e com grandes estoques, as cooperativas entraram em liquidação, e a Agromate transformou-se em Ruralsul, diversificando suas atividades.

Do café à diversificação — Após a madeira e o mate, ganha força econômica o café, fazendo surgir diversas cooperativas. A primeira delas foi junto à colônia japonesa em Assaí, em 1939: Cooperativa Agrícola Três Barras Ltda., que em 1951 tinha 877 associados. O auge do cooperativismo ligado ao café foi no ano de 1963, com 33 cooperativas, das quais hoje sobrevivem apenas nove, que diversificaram suas atividades.

O atual cooperativismo existe em função de uma grande reestruturação a partir dos últimos anos da década de 60, quando o movimento se expandia no Sudoeste e Oeste, colonizado notadamente por gaúchos e catarinenses. O governo do estado, através do Departamento de Assuntos Cooperativistas, da Secretaria da Agricultura e do Serviço de Extensão Rural (Acarpa), com o apoio do Incra, passa a se preocupar com a organização do sistema. Assim, nasce em 1971 o Projeto Iguazu de Cooperativismo, que abrange 13

cooperativas do Oeste e Sudoeste.

Também em 1971 nasce a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná - Ocepar —, que participa ativamente da reorganização do sistema a partir de então. Em 1974, nasce o Projeto de Cooperativismo Norte do Paraná, que reúne as cooperativas ligadas ao café e que estavam se diversificando para outras atividades, com 22 cooperativas. Os objetivos dos projetos eram de, através de uma série de decisões e ações, propiciar o desenvolvimento das cooperativas. Importante seria a partir de então o respeito pela área de ação de cada cooperativa. Ao mesmo tempo, o governo entrava com auxílio de assistência técnica onde havia necessidade. Sem competição em áreas definidas previamente, as cooperativas poderiam se desenvolver melhor.

O último projeto de integração foi concluído em 1976: Projeto Centro-Sul de Cooperativismo — Sulcop, com 23 cooperativas do Centro-Sul. Os projetos de integração foram vitais para o fortalecimento do cooperativismo no estado, e a sua efetivação coincidiu com a abertura das últimas fronteiras agrícolas e com a introdução da soja na agricultura no estado.

A partir dessa reorganização, favorecida pelo crédito fácil e generoso e com bons negócios efetivados com soja, as cooperativas se desenvolveram e se organizaram em torno de centrais, federação e confederação.

Função da Ocepar — É importante frisar que a Ocepar — Organização das Cooperativas do Estado do Paraná, criada por decisão das cooperativas em 1971, teve uma função vital na reorganização do sistema a partir de então. Até esse ano, existia a União das Cooperativas Paranaenses, que participava do processo.

A Ocepar nasce com o objetivo de organizar, defender o sistema e incentivar o seu desenvolvimento, tarefa que vem desempenhando desde então. Foi sob sua liderança e com o apoio de áreas do governo que foram criadas as centrais e federações, não apenas entre as cooperativas de produção, mas também nos demais segmentos do cooperativismo.

Atualmente, a Ocepar está empenhada na defesa de uma política real voltada para a agropecuária e na solução dos problemas econômicos de algumas entidades. O cooperativismo está se solidificando através da agroindustrialização, que tem permitido a agregação de capital junto aos agricultores e às comunidades onde estão instaladas. □

CABINAS CASTELO

UM DIREITO HUMANO DO HOMEM DO CAMPO.



PRODUTIVIDADE, SEGURANÇA E CONFORTO

Para produzir mais e ter mais conforto e segurança durante a preparação, plantio e colheita, instale uma CABINA CASTELO em suas colheitadeiras e tratores. Você estará adquirindo a segurança de uma boa compra.

CABINAS castelo

METALURGICA CASTELO - Ind. e Com. Ltda.

CABINAS E TOLDOS PARA TRATORES, AUTOMOTRIZES, MÁQUINAS RODOVIÁRIAS, PONTES ROLANTES E GUINDASTES

Rua Bento Gonçalves, 321/335 - Fone (0512) 93 16 99 - Cx. P. 75
End. Teleg. "Castelo" - 93.300 - Novo Hamburgo - RS

que opera há quatro anos, "com sucesso", e, também, a recente indústria de álcool, que começou a operar há pouco e já produz 215 mil litros por dia, embora sua capacidade nominal seja de 150 mil litros por dia. Na fiação do algodão — acrescentou —, está sendo terminada a construção civil e se espera que ela possa começar a funcionar em maio de 86 com uma capacidade de beneficiamento de 220 quilos por mês, o equivalente a 2.200 toneladas por ano.

Quanto à briga das cooperativas de produção com o comércio na medida em que montam grandes supermercados, o presidente da Coamo diz que tem um ponto de vista um pouco diferente de seus colegas gaúchos. Embora reconheça que é uma meta fornecer aos associados 100 por cento dos bens de produção, Gallassini não vê necessidade de montar uma rede de supermercados, porque, além de criar uma briga muito grande com o comércio local para fazer uma pequena economia, acredita que criaria problema entre os próprios associados: "é difícil se meter em supermercados uma cooperativa que tem associados em 27 municípios. Teríamos que construir pelo menos 27 supermercados", observou.

No entanto, ele deseja participar cada vez mais no fornecimento de insumos aos associados, inclusive gostaria de atingir insumos maiores, como máquinas e implementos agrícolas. Outro ponto defendido por ele é a industrialização do máximo da produção entregue pelos associados à cooperativa, porque deseja a distribuição de renda através do sistema cooperativista, embora admita que na medida em que industrialize cada vez



Gallassini: mais recursos do governo este ano

mais, uma cooperativa "cria atrito, porque mexe no bolso de alguém".

Quanto à mudança que vem se registrando na política agrícola do País, José Aroldo Gallassini reconheceu que houve uma grande melhoria no fornecimento de recursos para a atividade agrícola: "em termos de recursos, tem melhorado muito. Se nós compararmos com o ano passado, então, foi do dia para a noite, porque no ano passado foi um desastre, uma luta, um desgaste total para nós. Este ano, não. O governo realmente colocou os recursos à disposição e não teve aquele negócio de cortar o dinheiro de uma hora para outra e você não ter o que fazer..." Opinando sobre a reforma agrária, o presidente da Coamo disse ser favorável a uma modificação fundiária: "nós achamos que deverá haver a re-

forma agrária, somos favoráveis a distribuição de terras e tudo o mais, mas não a invasão de terras, que começou a tumultuar neste aspecto e dar muita preocupação".

Por fim, Gallassini examinou a questão do quadro social da cooperativa. Revelou que a Coamo tem hoje 29 mil associados, organizados através de comitês educativos, que se constituem em núcleos de cooperativados com seus representantes. Eles participam ativamente das assembleias, se reúnem frequentemente com a diretoria, que muitas vezes vai até os núcleos de associados e realiza verdadeiras miniassembleias. No quadro social, 87 por cento são pequenos produtores, o que dá uma estabilidade segura à cooperativa. E todos estão classificados em faixas que vão de A a D. Esta classificação obedece critérios de fidelidade do associado para com a cooperativa. O associado tipo A é aquele que não precisa nem de avalista, tem crédito aberto e permanente. Já o cooperado tipo B tem que fazer tudo documentado, e com o D a Coamo prefere negociar somente à vista. Quanto à melhoria do trabalho e das condições de vida dos associados, a cooperativa põe à disposição 70 técnicos — que dão permanente assistência à produção — e realiza atividades, como a SIC, Semana de Integração Comunitária, que se constitui em ciclos de palestras de especialistas sobre saúde, higiene, alimentação. Nos fins de semana, é praticado lazer, com disputas de jogos inclusive entre os velhos, tudo dentro do espírito de integrar a comunidade e, sobretudo, companheiros que estão juntos numa mesma cooperativa de produção. □

O BOM PRODUTOR ESCOLHE SILOGRANNEL, O SILO GARANTIDO PELO GRUPO SOMA.

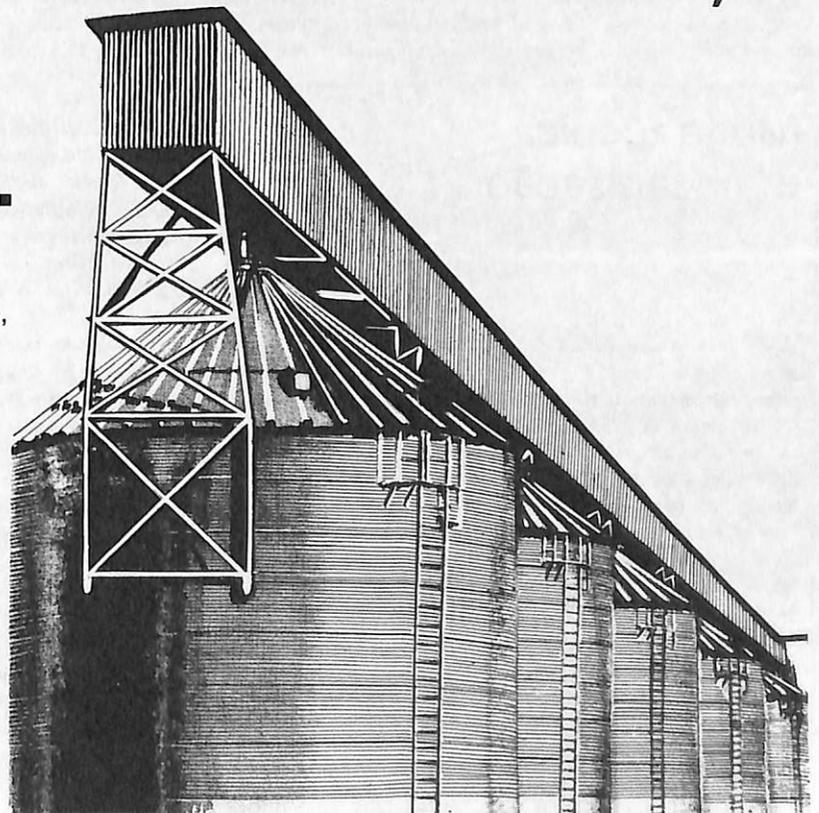
Todo bom produtor sabe que para garantir sua safra e seus lucros durante o ano todo é preciso ter um bom silo. Para ser mais correto, um Silogrannel, que além de armazenar sua safra com toda segurança, conta agora com a garantia de ter uma empresa como a SOMA por trás. Com Silogrannel e a SOMA, você e a sua safra podem ficar tranquilos o ano todo. Porque aqui o seu lucro está bem guardado.



SILOGRANNEL

Indústria e Comércio de Silos
e Implementos Agrícolas Ltda.

Uma empresa do Grupo



Sede, Administração Geral, Vendas e Fábrica II: Parque Industrial Mariano Ferraz
Av. Soma, 700 - Sumaré - SP - Tels.: (0192) 73-1000 (PABX)
Fábrica I: Rua Tavares de Lira, 4444 - São José dos Pinhais - PR

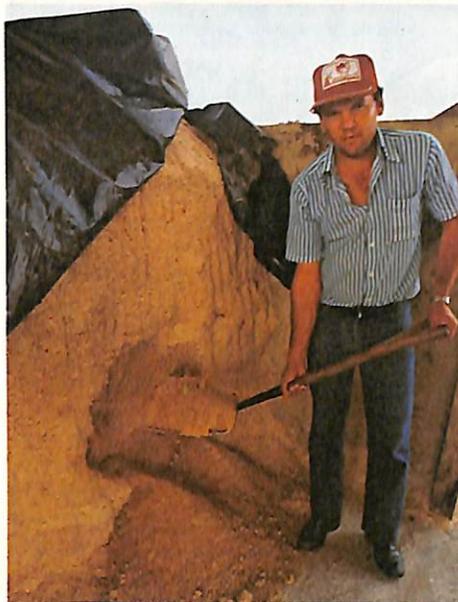
Experimente esta novidade: silagem de milho úmido

Agricultores integrados às cooperativas Batavo, Castrolanda, Capal, Latisul e Central de Laticínios, na região de Castro, no Paraná, estão utilizando uma técnica estrangeira na alimentação do gado leiteiro e suínos: silagem de milho úmido. Esta técnica, oriunda da Europa e Estados Unidos, pode substituir a ração industrial. Segundo informações de Joseph Kramer, gerente do departamento zootécnico da Cooperativa Central de Laticínios, de Castrolanda, o sistema da silagem de milho úmido é semelhante ao sistema tradicional de ensilagem de milho.

Além de o teor protéico da silagem de milho úmido ser superior ao do sistema tradicional, o plantio não tem segredo. Joseph Kramer observa, no entanto, que o milho deve ser colhido antecipadamente, quando atinge uma umidade de 25 a 30 por cento, geralmente duas ou três semanas antes da colheita normal. Esse período depende muito do clima, durante o desenvolvimento vegetativo da planta.

Preparo — O preparo da silagem de milho úmido inicia após a colheita das espigas, com colheitadeira ou manual. Após a colheita, o milho é moído em um moinho adaptado pela maioria dos produtores, com capacidade de trituração de dez a 15 toneladas por hora. Joseph Kramer destaca que para a alimentação de suínos a espiga é triturada quando o sabugo atinge dez por cento de seu tamanho. Para o gado leiteiro, o sabugo pode ter até 20 por cento do seu tamanho normal.

O técnico de Castrolanda revelou que quando o sabugo está no início de sua formação possui um alto valor protéico, ao contrário de quando



Ensilagem: milho úmido e concentrado

atinge seu tamanho normal. Após a moagem do milho, a massa é colocada no silo. Este silo não é diferente do trincheira ou outro qualquer utilizado pelos agricultores. Após o depósito de toda a massa no silo, é feito o pisoteio, para retirada do ar que pode ocasionar a criação de alguns fungos e apodrecimento da silagem.

Utilização — A silagem de milho úmido, para ser utilizada na alimentação do gado leiteiro ou suínos, precisa ser enriquecida com uma certa quantidade de concentrado, específico para a es-

pécie que será alimentada. Joseph Kramer acrescentou que esta silagem pode substituir a ração, por constituir-se praticamente em uma ração caseira. Ao contrário da silagem utilizada tradicionalmente, considerada como forrageira, a silagem de milho úmido é considerada uma ração.

A mistura de concentrado e sais minerais serve para o enriquecimento do valor protéico da ração. A silagem de milho moído compõe-se de 50 a 75 por cento dos nutrientes da ração caseira. Segundo cálculos feitos pela Central de Laticínios, a ração industrial representa 25 por cento do custo de produção do leite. Com o uso da ração com silagem de milho úmido, esse custo representa de 20 a 22 por cento. Quanto ao consumo, observou Joseph Kramer, não foram registrados problemas de rejeição. Pelo contrário, os técnicos informaram que a aceitação foi melhor que a ração seca. A ração composta pela silagem de milho úmido, segundo Joseph Kramer, tem aroma do ácido láctico, apreciado pelos animais. Esse aroma do ácido láctico serve também para comprovar que a silagem foi bem feita.

Umidade — Outra vantagem deste sistema de silagem é que o milho não precisa ser secado. Sua umidade pode estar entre 25 e 30 por cento. Também não há necessidade de transportar o milho da propriedade até a cooperativa e, posteriormente, trazê-lo novamente em forma de ração.

A desvantagem da utilização do milho como silagem úmida é a questão financeira. Muitos produtores fazem financiamentos da lavoura que vencem geralmente em junho. Como a colheita é feita em maio, o capital tem de sair de outra fonte. Geralmente, o financiamento é pago com a venda do milho. Esse fato, inclusive, está evitando que novos produtores utilizem esse sistema. Atualmente, de 26 a 30 produtores de leite e suínos vêm ministrando a ração caseira composta com silagem de milho úmido, considerada pelos técnicos mais saudável para o gado de leite e bezerras. No caso de bezerras, eles apontam uma vantagem extra: diminui as diarreias. □

Muita técnica e mecanização

Com muita técnica e mecanização. Somente assim é que o gerente da Fazenda Santo Antônio, a seis quilômetros do centro de Floresta/PR, entende o cultivo do milho na grande propriedade. Ele e seu patrão José Sanches Segura foram pioneiros na tecnificação da lavoura de milho há oito anos, mas hoje são mais de 30 agricultores no município de Floresta que mecanizaram suas culturas de milho. O capataz Lindolfo Jacinto Júnior contou que dos 460 hectares cultivados na propriedade, 410 são com milho e apenas 50 hectares são destinados à soja. No milho, seu trabalho começa por um bom preparo do solo, constituído de uma aração, duas gradeações, preparo para plantio, uma aplicação de herbicida pré-emergente na base de oito litros por

hectare, uma aplicação de inseticida e, junto com o plantio, a adubação química, na base de 250kg/ha de uma fórmula de 5x25x25 + ZN. Para este trabalho, Lindolfo Jacinto Júnior e seus peões empregam seis tratores médios de até 80Hp, três plantadeiras Turbo Max, um pulverizador Columbia e duas colhedeiças Claissom 40x40.

A produtividade no milho tem sido entre 100 e 110 sacas por hectare e em fevereiro último o pessoal da Fazenda Santo Antônio ainda cultivou a safrinha em 70 hectares, cujo resultado foi de 70 sacas por hectare, pois foi favorecida pela chuva necessária.

Lindolfo Jacinto Júnior prefere não comparar o preço e o desempenho do milho e a soja, mas enfatiza que, com uma produtividade no milho em torno de 100 sacas por hectare, "o lucro é muito bom". Acrescenta, em seguida, que havia esquecido de citar a adubação de cobertura entre as providências ligadas ao plantio, o que considera "ponto fundamental" para o êxito na colheita: "são duas adubações e cobertura à base de 200kg de uréia em cada aplicação". Acrescentou também que um bom

resultado na colheita passa pela semente certificada, pois não acredita na "semente de paiol". Este ano, ele estava utilizando sementes das marcas Agroceres e Cargill, mas observou que "tem outras marcas que são boas também".

Junto à tecnificação, o capataz defende a rotação de culturas, como forma de preservar a fertilidade do solo. Apoiado pelo técnico Valdir Frias, da Acarpa/PR, informa que na região os agricultores estão preferindo uma rotação que inicia com trevo, sucedido por milho, pelo trigo, pela soja e pelo milho. Por fim, elogia o proprietário da Fazenda Santo Antônio, porque se constituiu num dos desbravadores na região. Comprou a propriedade ainda em 1947, da empresa colonizadora Cia. Melhoramentos e, desde então, vem produzindo através da agricultura.

Floresta é um pequeno município localizado entre Maringá e Campo Mourão, onde os agricultores cultivam principalmente o milho, o trigo e a soja, além de culturas de subsistência, como o feijão e o arroz. E, segundo o técnico Valdir Frias, são muito conscientes da necessidade de conservação da fertilidade do solo.

POR FALAR EM GARANTIAS, AQUI ESTÁ A MAIOR.



No momento em que o agricultor vai escolher o fertilizante para sua plantação, surgem muitas garantias. Quando se trata de adubos e corretivos de solo, garantir não é favor. É obrigação.

Há mais de cinquenta anos, ADUBOS TREVO garante seus produtos com a sua marca. E se orgulha disso. Pois foi assim que conquistou a confiança de milhares de agricultores e se tornou o maior fornecedor de fertilizantes e corretivos do Brasil.

São dez fábricas, mais de cinquenta pontos de distribuição, estrategicamente localizados em todo o País, a mais alta tecnologia e os melhores serviços que seus engenheiros agrônomos e perto de dois mil representantes levam aos agricultores brasileiros. Só uma organização desse porte tem todas as condições para oferecer aos agricultores as garantias que eles precisam: melhores produtos, orientação técnica permanente e a certeza da entrega. Por isso, quando se falar em garantias, fique com a maior.

ADUBOS TREVO
ADUBOS TREVO S.A. - GRUPO LUXMA

Em cada migrante que deixa o Paraná, uma história de coragem e esperança

“**T**odos os dias o aeroporto em frente me dava lições de partir”, escreveu um dia o poeta Manoel Bandeira. Todos os dias, a rodoviária de Cascavel, a “Capital do Oeste Paranaense”, dá lições de partir. São três, quatro, cinco viagens diárias de ônibus em direção ao norte do País. Não só agricultores. São levas de garçons, carpinteiros, bancários, pequenos comerciantes, escriturários, uma gama variada de profissionais sem emprego e produtores sem terra que sobem em direção ao Mato Grosso e Rondônia. Não em busca de um novo Eldorado, mas da simples sobrevivência. Diariamente, saem da rodoviária três ônibus da linha Cascavel-Porto Velho, em Rondônia. Frequentemente, são cinco ou mais por dia, contando os extras. A passagem custa Cr\$ 252.300, e o tempo de viagem, para percorrer 3.700 quilômetros, é de 48 horas. Os ônibus só aceitam embarques de passageiros em Cascavel e Maringá e começam a despejar os migrantes em Cuiabá, capital do Mato Grosso. Depois, fazem seis outras paradas para desembarque, todas em Rondônia: Vilhena, Pimenta, Bueno, Caco Alto, Ji-Paraná, Ariquilmes e a capital, Porto Velho. Há até uma época para o aumento do número de passageiros, conforme contou o motorista Osvaldo Vieira dos Santos, que citou o período entre dezembro e maio como o de maior movimento. Mas, mesmo agora, o movimento é intenso.

Num ônibus que partiu às nove da manhã, viajaram a contabilista Aida Regina Jacini e o bancário Ivo Apel, este com mulher e dois filhos pequenos. Aida é órfã de pai, solteira, tem 26 anos e trabalha com contabilidade. Há oito anos foi para Campo Grande/MT, trabalhou e morou com o cunhado Vitalino Guedes. Há poucos dias, quando embarcava para o Mato Grosso, contou que ia dar um pulo lá só para se despedir do pessoal e que voltaria à São Gabriel/RS, sua terra natal, para fazer companhia para sua mãe. Isso apesar de reconhecer que preferia mesmo morar em Campo Grande: “muito melhor para os solteiros do que São Gabriel”. Diversamente dela, Ivo Apel foi para o Norte definitivamente. Veio para Cascavel apenas para visitar alguns parentes, mas faz quatro anos que trabalha na agência do Banco do Brasil em Cuiabá. No Sul, não tivera a oportunidade de ser bancário. Nasceu em Itapiranga/SC, tentou serviço inclusive na



Rodoviária de Cascavel: linha diária para o Norte



Aida: Campo Grande é melhor para solteiros

capital gaúcha, mas foi na capital do Mato Grosso que ele conseguiu aprovação em concurso e vaga na agência do BB.

Mas, é Wilson Dresch que sintetiza o tipo de pioneiro que deixa o Sul em direção ao Norte. Filho de um casal de passo-fundenses criados no Rio Grande do Sul, Wilson tem 22 anos e 14 irmãos. Espalhados pelo mundo, porque os pais têm só 17 hectares em Realeza, no Paraná. Três irmãos estão em Curitiba (um bancário, uma irmã casada e outra doméstica); quatro estão em Rondônia; dois em Cerejeira e outros dois em

Rolim de Moura, que é para onde Wilson foi plantar soja e ajudar como camioneiro. Na sua história consta uma passagem pelo Paraguai, onde seu pai tentou a agricultura. Hoje, com duas filhas que permanecem em casa, uma de 18 e outra de 14 anos de idade, Pedro Dresch cultiva soja, milho, arroz e feijão e mantém pequena criação. Durante os sete meses em que esteve no Paraguai, o velho Pedro pôde contar com a ajuda de Wilson, que inclusive conheceu lá sua namorada Zenaide. De quem teve que se separar, por causa dessa viagem à Rondônia.



SEMEADEIRAS FANKHAUSER

Precisão, qualidade, durabilidade.

Semeadeiras de plantio direto ou convencional de 9 a 19 linhas para trigo, soja e milho.

INDÚSTRIA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS FANKHAUSER LTDA.

Tuparendi/RS - Fone: (055) 543-1108 • Cascavel/PR - Fone: (0452) 23-9043

Projeto para zonar a cana

Foi o deputado Paulo Cesar Furiatti (PMDB/PR) quem apresentou na Assembleia Legislativa do Paraná um projeto de lei instituindo o zoneamento agrícola, com o objetivo de organizar a produção primária no estado. Acontece — explicou — que a cana-de-açúcar penetrou há muito tempo em regiões do estado: inicialmente para o simples fabrico do açúcar e, mais recentemente, devido à incrementação do Proálcool. No entanto, nesta investida, a cana começou a ocupar áreas férteis do Norte do Paraná, antes destinadas à produção de produtos alimentares, pois, acoplado ao Proálcool, o governo do estado havia criado um programa incentivando o estabelecimento de microdestilarias, com a produção de até cinco mil litros de álcool produzido por dia, objetivando a instalação de mil microdestilarias no estado.

Isso trouxe uma preocupação com aquelas áreas que não só não eram as mais indicadas para o cultivo da cana como com aquelas não-aptas para o produto, como o Sudoeste do Paraná. Então, junto à Associação dos Agrônomos e do Sindicato de Trabalhadores Rurais, o parlamentar procurou discutir o problema para chegar a um projeto que define o zoneamento agrícola para a cana-de-açúcar, pioneiro em nível nacional e que define a competência do governo estadual para executar este zoneamento.

O projeto parte de algumas premissas importantes, como a verificação da viabilidade econômica e como o respeito às condições ecológicas da região e da propriedade em questão. Mas, conforme o próprio deputado Paulo Furiatti revelou, a maior preocupação foi a de evitar o que chamou de "perigo da monocultura": se a soja complicou a vida dos grandes produtores na medida em que se tornou monocultura — observou —, há um risco muito maior nas pequenas propriedades em relação a qualquer monocultura, "e não queremos que o pequeno produtor continue desaparecendo". Na verdade, uma verificação superficial do que tem se registrado no Paraná revela que em 1984 foram vendidas 44 mil pequenas propriedades, que simplesmente deixaram de existir e seus donos trocaram de atividade, mais provavelmente engrossando as periferias das grandes cidades. Um entrave atrasou a aprovação do projeto apresentado por Paulo Furiatti: o secretário da Indústria e Comércio do Paraná, Francisco Simião, recusou a proposta alegando inconstitucionalidade, baseando-se na existência já de ordenação federal sobre o assunto. No entanto, o deputado estadual aguarda o depoimento do secretário na Assembleia Legislativa e disse confiar na aprovação de seu projeto, desde que prevaleça no Legislativo o mesmo espírito que o norteou durante a discussão e votação sobre o uso de defensivos agrícolas: "tenho muita esperança que o projeto de zoneamento seja aprovado." □

EMERGÊNCIA

**SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA?
NÃO ESPERE MAIS.**

- ★ Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- ★ Cuidamos de seu funcionário, preservando sua saúde para que ele tenha um bom rendimento em seu trabalho.

NÃO PENSE MAIS.

Faça um contato conosco.
A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.



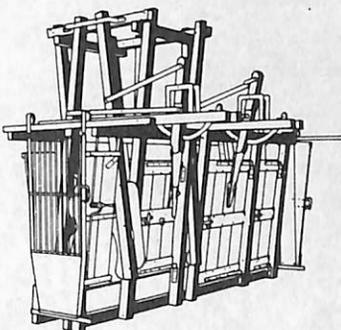
SERVIMED

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944 - Fones: 27-2666 - 24-3400 - Porto Alegre - RS



GUSTAVO MUTTONI CIA.



- Troncos
- Bretes
- Mangueiras
- Porteiras
- Currais
- Instalações p/ ovinos

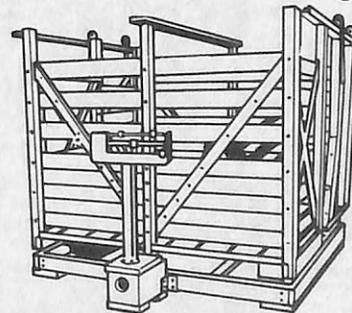
**TRADIÇÃO MUTTONI
DESDE 1879**

**BALANÇAS PARA GADO
1.500 - 2.500 - 5.000 - 8.000 kg**

TRONCO 2 CEPOS

- Instalações e projetos p/Manejo de Gado
- Instalações para Eqüinos
- Cochos • Saleiros • Projetamos e construímos parques de exposições.

**Todos os nossos equipamentos são
construídos com madeira de lei — IPÊ.**



GUSTAVO MUTTONI & CIA. LTDA.
Rua Porto Alegre, 120 - km 10 - BR-116
Fone: (0512) 80-1533 - C. P. 86 - Gualba - RS
REPRESENTANTE: Agropecuária Bageense Ltda.
Rua Salgado Filho, 151 - Fone: 42-4260 - 96400 - Bagé - RS

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

Paraná já é o quarto produtor de carne bovina do País (200 mil toneladas)



Nelore: puro ou cruzado, é a base do rebanho paranaense

Com as pastagens avançando 100 mil hectares por ano, ocupando hoje cerca de seis milhões de hectares no Paraná, o rebanho bovino paranaense mostra um crescimento de 5.641.000 cabeças, em 1974, para oito milhões em 1985, ocupando a bovinocultura o sétimo lugar no País em número de animais. Conforme o secretário da Agricultura do Paraná, Francisco Albuquerque Neto, "o estado é o quarto produtor de carne bovina no País, devendo, em 85, produzir perto de 200 mil toneladas. Todavia, o abate inspecionado alcançou em 82 cerca de 915 mil cabeças, caindo no ano passado para 627 mil, face à retração dos consumidores em decorrência da queda do seu poder aquisitivo".

Para ele, a bovinocultura está em período natural de expansão, no ciclo evolutivo, mais devido à liberação de áreas para ocupação de pastagens, principalmente na região Norte, em face dos espaços deixados pela redução no plantio de café. "Agora, a bovinocultura atinge sua fronteira física, e qualquer aumento em termos econômicos só poderá ser decretado via elevação da produtividade" — acrescenta o titular da pasta da Agricultura. Esclarece, no entanto, que apesar do desempenho positivo do setor, o consumo atual *per capita* de carne verde sofre um sensível decréscimo: hoje é de 12 a 13 quilos, quando em 1977 atingia 20 quilos, portanto, uma involução de 35 por cento.

Balanço — Na safra passada, o valor bruto real da produção de bovinos chegou a 507 bilhões de cruzeiros, o equivalente a oito por cento do global movimentado pela agropecuária paranaense. Esse número refere-se às transações totais da bovinocultura de corte e de leite. De acordo com informações prestadas pelo veterinário Ari Eduardo Stroher, do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura, 70 por cento do rebanho estadual está localizado no Norte do estado, predominando na região zebuínos de dupla aptidão. No Sul, onde se encontram grandes bacias leiteiras, a preferência é pelo gado mestiço ou europeu.

Do total do rebanho, 6.640.000 cabeças são de animais de corte (83 por cento do montante) e 1.360.000 são utilizadas na produção leiteira. A oferta global de carne no estado é de 252.178 toneladas, das quais 53.594 são importadas. Desse montante geral, 44 por cento destinam-se ao abastecimento interno, 53 por cento a outros mercados do País e três por cento à área internacional. Dentro do tradicional ciclo da pecuária, a bovinocultura, que, a cada seis ou oito anos passa por períodos favoráveis e adversos, nos quais, às vezes, a oferta é excessiva e em determinadas épocas chega ao abate de matrizes, vive hoje a euforia dos preços altos.

Preços — Vivendo os períodos de safra e entressafra, em junho diminui a oferta de pastagens e também de boi. Os criadores, que de se- ▷

Agricultura no Paraná.



**A Kepler Weber
ajudou a
desenvolver
este campo
de trabalho.**

Você lembra quando a agricultura no Paraná começou a se desenvolver? A Kepler Weber lembra. Foi a época da expansão das áreas de cultivo e do desbravamento de novas regiões.

Desde lá, a Kepler Weber trata o Paraná como um grande campo de ação. Seja no fornecimento de equipamentos e tecnologia de secagem, seja no beneficiamento e armazenagem de grãos.

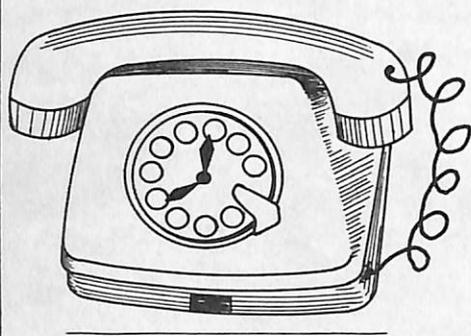
Este ano, o Paraná acaba de colher a sua maior safra de trigo. E a Kepler Weber, satisfeita, colhe os melhores dados deste campo de trabalho.



ADMINISTRAÇÃO/FÁBRICA: Rua Herrmann Meyer, 43 - Caixa Postal: 02
CEP 98280 - Panambi - RS - Fone: (055) 375-2322 - Telex: (051) 3461 - KEWE BR
COMERCIALIZAÇÃO: Av. Cândido de Abreu, 427 - 8º andar
CEP 80530 - Curitiba - PR - Fone: (041) 222-3756 - Telex: (415) 217 KEWE BR

TELEFONIA RURAL

Ninguém melhor que o Agricultor conhece a importância do tempo.



Não só do tempo bom, mas do tempo precioso que a comunicação fácil economiza.

Ajude o tempo a ajudar você. Fale com a ACS e ela lhe mostrará que um telefone em sua fazenda não é impossível nem tão dispendioso.

acs

Assim você não perderá o bom tempo, por mais breve que ele seja.

Fábrica:
ACS S/A. - São José - Santa Catarina
Fones: (0482) 47-1355 - 47-1580

Distribuidores:
São Paulo/SP - Fone: (011) 813-5444
Santa Maria/RS - Fone: (055) 221-4170
Porto Alegre/RS - Fone: (0512) 22-0680
Campo Mourão/PR - Fone: (0448) 23-1527
Londrina/PR - Fone: (0432) 22-3865
Cascavel/PR - Fone: (0452) 23-1185
Curitiba/PR - Fone: (041) 264-1172

tembro de 1984 a junho de 1985 enfrentaram a estabilização dos preços em Cr\$ 50.000 a arroba do boi em pé, atravessaram uma época de desestimulos, com rendimentos não-remuneradores. Operaram, devido à estiagem prolongada que se abateu no Paraná, com preços baixos de junho a novembro. Agora, entretanto, apesar da retração dos consumidores, encontram-se exultantes com os Cr\$ 220 mil pela arroba, portanto, uma elevação de 300 por cento determinada após uma série de dificuldades contornadas por esse segmento.

Para Ari Eduardo Stroher, as perspectivas, a curto prazo, são de estabilização dos preços nos atuais patamares, com o final da seca, que, em algumas regiões do Paraná, predominou durante mais de seis meses. Na sua opinião, dentro de 40 dias estará normalizada a oferta de bois, no início efetivo da safra. Se ocorrerem aumentos, não serão significativos. E faz uma séria advertência: "se o governo federal não tratar da estocagem de carne verde, teremos, no próximo ano, novos e violentíssimos aumentos nos preços do alimento, hoje já se tornando proibitivo para uma grande parcela dos consumidores brasileiros".

Estoques — O governo federal, neste ano, segundo o técnico, não possibilitou a formação de estoques de carne no momento oportuno, especialmente enquanto os preços estavam em baixa, uma vez que ficaram estabilizados em termos nominais por nove meses. A queda na carne bovina, que teve seus preços achatados, influenciou uma menor produção de carne de aves e de suínos. Para se entender melhor esta situação, basta o indicativo de que a produção de carne de frango em agosto último, em nível de Brasil, foi a menor dos últimos 15 meses, sendo também a mais baixa dos últimos cinco anos. □

Mais confinamento, apesar da crítica

A região dos Campos Gerais, no Paraná, que tem como pólo o município de Ponta Grossa, produz em média quatro mil bois confinados, e os técnicos estimam que os confinamentos tendem a crescer, em razão de suas vantagens e a despeito das resistências de alguns pecuaristas em incorporar novas tecnologias. Atualmente, 21 produtores cadastrados trabalham com sistemas semelhantes, utilizando barracões de concreto, divididos em baias, geralmente com capacidade para até 25 cabeças. A alimentação: silagem de milho, feno e ração balanceada (farelo de soja, rolão de milho e sais minerais).

José Luiz Schreiner, veterinário da Acarpa/Emater, observa que "alguns criadores ainda duvidam das vantagens de engorda em confinamento". Ele destaca que esses pecuaristas apontam os mais diversos obstáculos "para justificar sua cômoda inércia, como o custo das instalações e mão-de-obra ruim. Sabem que suas pastagens estão se degradando, mas não investem nas vantagens do confinamento".

"Outros produtores" — acrescenta o veterinário — "tentam confundir os técnicos, interrogando-os se devem fazer confinamento ou semiconfinamento. Se os técnicos optam por uma das soluções, logo discordam, apesar de continuarem admirados com os lucros obti-

Receita: animais bons e custo baixo

Embora esteja na direção da empresa rural da família há apenas três anos, Renato Festugato Neto, 21 anos, já definiu alguns princípios para a administração de um estabelecimento rural: tecnologia, aprimoramento zootécnico, integração lavoura-pecuária e diversificação de atividades. Uma de suas afirmações: "o produtor tem que investir em raças apuradas, animais bons e custos baixos, porque senão, se começar a comprar qualquer porcaria e cruzar com porcaria, a coisa toda começa a definhir". Outra recomendação do jovem produtor: "pesquisa de mercado". Hoje, para "se comprar um pacotinho de sal de 25 quilos tem que ser feita a pesquisa de mercado, examinar a idoneidade das firmas que estão oferecendo o produto, verificar qual é a necessidade real da fazenda, ver se não é preciso fornecer um nutriente no meio do sal e, finalmente, se o criador está tendo um custo acima do

necessário, fazer um cálculo do custo mínimo".

Renato nasceu em Porto Alegre, viveu um tempo em Londrina e hoje administra a parte agropecuária das empresas da família, a Cajati Agro-Pastoril Ltda., em Cascavel, no Paraná. Afora extração e beneficiamento de madeira, distribuição de motores agrícolas e hotelaria, a família atua na agricultura e pecuária. A Renato cabe a administração da propriedade de 770 hectares cultivados com soja, milho, trigo, aveia, centeio e cevada, mas principalmente pastagens, que ocupam algo em torno de 670 hectares. Na pecuária, salientam-se 280 fêmeas de bovinos da raça Charolesa, 170 fêmeas de ovinos comuns cruzadas com Ile de France e uns 50 cavalos Crioulos que, a exemplo dos carneiros, foram buscados no Rio Grande do Sul.

Existem diversos criadores de Charolês no Paraná, porque se constitui num gado que "deu certo" no estado. Atualmente, os Festugato fornecem touros da raça por uma média de Cr\$ 7 a 8 milhões e, segundo Renato, a proposta é fornecer touros para cruzamento com fêmeas Nelore, cujo resultado dá um bom animal para confinamento. Sobre este casamento de raça européia com zebu, Renato conta:

— Nós tivemos um leilão aqui, em julho, durante a exposição de gado geral, e levamos, pa-



Maior dificuldade: encontrar bezerros e novilhos para confinar

dos pelos vizinhos". As vantagens de confinar, segundo José Luiz Schreiner, são numerosas na região dos Campos Gerais:

— Diminui as perdas com envenenamentos por plantas, tóxicos, serpentes e insetos; protege os animais das perdas de calor e umidade; diminui as perdas pela busca de alimento; facilita o manejo sanitário e diminui a mão-de-obra; proporciona a coleta de urina e esterco; diminui o pisoteio das pastagens, aumentando a produção da massa verde; volta à uniformização de produção nas áreas de massa verde, pois o gado esterca mais nas áreas com mais pasto; libera mais áreas para produção de alimentos para o homem; viabiliza a escala de produção, com uns criandos e outros engordando, o que significa mais especialização; facilita a administração e controle; diminui custos com cercas, bebedouros e cochos de sal; proporciona um melhor tratamento alimentar; viabiliza a entrega para abate, nas épocas de entressafra, e a preços melhores; possibilita a produção de capineiras de grande produção e que não resis-

tem ao pisoteio.

Associação — O número de confinadores na região, informou o médico veterinário da Emater, já possibilita, inclusive, a formação de uma associação de pecuaristas confinadores de bovinos. O assunto já vem sendo cogitado há algum tempo, e os primeiros itens já estão sendo relacionados. Os confinadores querem incrementar ainda mais o sistema de criação. Através desta associação, os produtores pretendem adquirir animais a preços mais baixos. Inclusive, há possibilidade de, no futuro, formar-se uma cooperativa de confinadores.

A maior dificuldade que os pecuaristas confinadores estão encontrando é a escassez de bezerros. Schreiner acrescentou que os produtores, em vista desse fato, não estão selecionando raças para confinamento. Geralmente, a procura recai sobre bezerros com cruzamentos de raças européias. Essa escassez, segundo Schreiner, provoca em algumas épocas altas consideráveis no preço da arroba do boi, pelo atraso na entrega dos lotes aos frigoríficos. □

ra fazer um teste, 30 cabeças nascidas em janeiro. Outras pessoas levaram Nelore puro que também havia nascido em janeiro. No leilão, enquanto os Nelore recebiam Cr\$ 600 mil por cabeça, nós recebemos uma média de Cr\$ 780 mil. Então, o próprio criador está testando o animal. Na finalização de três anos, o Nelore rende em torno de 16 a 17 arrobas, e um Charolês cruzado com Nelore atinge o mesmo peso com menos tempo, já aos dois anos e meio. Daí para diante ele converte bem mais a alimentação, o que dá para concluir que o choque de sangue é muito bom.

Outra atividade da família é a criação de ovinos. São aproximadamente 170 fêmeas comuns resultantes de cruzamentos com Ile de France, e Renato não se queixa do mercado para a carne de ovelha na região. Pelo contrário, vende tudo o que abate, ali mesmo em Cascavel. O preço ele costuma fazer uma média a partir de alguns telefonemas, e as vendas são diretas, sob encomenda. É freguesia certa e não há necessidade de mandar carne de ovelha para São Paulo ou outro mercado. Além de preferir a raça Ile de France por ser ovino tipo carne, Renato diz que é uma raça com alta porcentagem de gêmeos, pois inclusive no cruzamento dá a porcentagem alta de 70 por cento de gêmeos. Em 300 fêmeas, por exemplo, o criador passa a ter quase 300 machos para consumir. Depois de

defender a criação de ovinos, inclusive como uma boa alternativa para pequenos proprietários, o jovem criador anunciou que dispõe de animais aclimatados para oferecer e, entusiasmado, garante: "a ovelha é uma beleza. Ela entra na pastagem e come 70 por cento do que o bovino deixou".

Por fim, Renato Festugato analisa o avanço da agricultura sobre áreas de pecuária. Disse que realmente o produto agrícola permite safras de seis em seis meses, enquanto que a terminação de um animal exige pelo menos três anos. No entanto, reconhece que a atividade agrícola leva a uma maior dependência dos bancos, devido a rapidez e ao volume dos investimentos, enquanto que a criação se torna mais sólida em termos de patrimônio e de valorização deste patrimônio. Segundo ele, a pecuária está se expandindo no Paraná: "a gente sente pelo pessoal que vai lá na Expointer para comprar e trazer bons animais. Comparando com a agricultura, esta exige uma comercialização mais rápida por causa das contas a pagar no banco. Na criação, não. A gente mata uma parte do gado, segura o resto e deixa subir o preço. Agora, por exemplo, vou abater 50 cabeças e não preciso fazer tanto cálculo de juros como na agricultura. Além disso, o animal que está na pastagem está se valorizando, está ganhando um quilo por dia", finalizou. □

CORNETA

A boa ferramenta facilitando as tarefas do homem do campo.



295
Tesoura para casco
Corta e limpa cascos de ovinos

290
Tesoura de tosquiar
Apara crinas e tosquia ovinos

245
Tesoura para poda
Poda de plantas e ramos em geral

8805
Canivete
Para poda de ramos em geral

386
Alicate para fazendeiro

Estica cercas, corta arames. Com martetele e extrator de grampos.

258
Tesoura de grama
Poda cercas-vivas e grama. Com cortes ondulados para facilitar a poda.

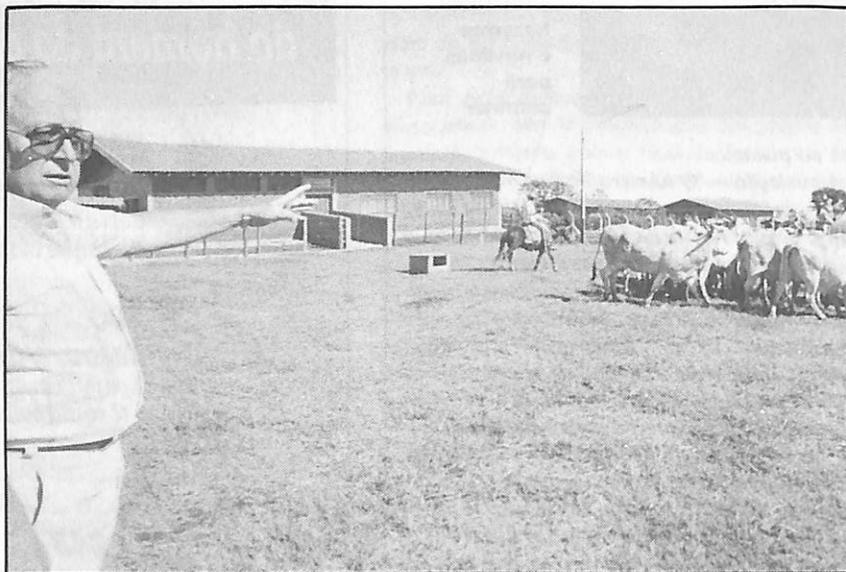


À venda nas boas casas do ramo.

IND. E COM. CORNETA S/A

Caixa Postal 1963 - 01051
São Paulo - SP - Brasil

Estral espera o futuro: exportação de embriões de zebu para o mundo tropical



Pedrialli:
só vacas
de
primeira
linha

Com o cruzamento de Nelore com Mar-chigiana, poderemos aumentar de 12 para 25 por cento a taxa de desfrute do gado brasileiro. A afirmação é do criador e empresário Otávio Antônio Pedrialli, que mantém, junto a quatro sócios, a Estral, a Central de Transferência de Embriões, na Estância Pioneira, em Cambé, perto de Londrina/PR. A Estral é uma das raras centrais de transferência de embriões existentes no País e uma das primeiras da América do Sul. Instalada na propriedade com 33 alqueires de terra (79,2 hectares), foi um investimento da ordem de Cr\$ 1 bilhão e 200 mil e está equipada com laboratório dos mais modernos, com aparelhagem importada, inclusive para o congelamento de embriões. É destinada, conforme salientou Otávio Pedrialli, a vacas de primeira linha, pois para animais médios ou comuns o serviço não compensa, já que seu custo hoje está em torno de um pouco mais de Cr\$ 1 milhão para cada lavagem e coleta de embrião. Pela transferência, uma vaca pode produzir, ao

Oito vantagens da transferência

A transferência de embriões (TE) é a mais moderna técnica à disposição dos pecuaristas para melhoramento de rebanhos. O veterinário Roberto Moser de Abreu, de Londrina, aponta oito vantagens na sua utilização: multiplicação rápida de animais de raça; obtenção de progênie de vacas geneticamente superiores; obtenção de crias de vacas com problemas de fertilidade, problemas estes adquiridos e não genéticos; formação de rebanhos de leite ou de corte a partir de poucas vacas superiores; possibilidade de teste de progênie para fêmeas; transporte de embriões, ao invés de animais; indução de gestação gemelar em gado de corte através da transferência de mais um embrião em fêmeas já prenhas; aplicações em pesquisa, para melhor conhecimento

dos fenômenos que envolvem a fecundação e a gestação.

O veterinário paranaense acrescentou que, no estágio atual desta tecnologia, as coletas e transferências podem ser realizadas tanto no laboratório quanto na própria fazenda. No entanto, nos dois casos, certos cuidados básicos devem ser observados: seleção dos animais, as doadoras devem ser livres de doenças infecto-contagiosas, de boa fertilidade, com ciclos estrais regulares, sem problemas de parto e, se possível jovens, pois a idade ideal é entre três e oito anos, embora as novilhas geralmente produzam muitos embriões. Os animais devem ser bem nutridos, mas deve-se evitar fêmeas excessivamente gordas ou que estejam perdendo peso. Quanto às receptoras, também devem ser animais livres de doenças infecto-contagiosas, com ciclos estrais regulares e o ideal é que sejam animais que estejam ganhando peso.

Selecionado os animais, a etapa seguinte é a superovulação. Basicamente são usados dois tipos de hormônios: FSH e o PMSG.

Um exemplo de aplicação de FSH nas doadoras:
dia zero: cio de doadora

dia 10: FSH pela manhã e tarde
dia 11: FSH pela manhã e tarde
dia 12: FSH pela manhã e tarde, mais ciosin
dia 13: FSH pela manhã e tarde
dia 14: cio e inseminação
dia 21: coleta e transferência

A etapa seguinte é a procura e classificação dos embriões, a qual tem que ser feita como o uso de um microscópio estereoscópico (lupa). Os embriões classificados como viáveis deverão então ser imediatamente transferidos. As transferências podem ser feitas pelos métodos cirúrgico ou não-cirúrgico. Segundo Roberto Moser de Abreu, é importante lembrar que as receptoras consideradas aptas para receber embriões têm que ter entrado em cio no mesmo dia que a doadora, podendo-se, no entanto, utilizar também as que deram cio um dia antes ou depois que a doadora. Quando há excesso de embriões ou há interesse em coletar para fazer a transferência no futuro, os embriões podem ser congelados. A técnica de congelamento progrediu muito, e os resultados de prenhez com embriões congelados já se aproximam dos obtidos com embriões a fresco, estando apenas dez a 20 por cento abaixo destes.

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Escritório no Rio:
Rua da Assembléia, 92, 10º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117 e
62-1487



RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



Bretes de contenção da Estral

invés de dez terneiros, de 50 a 100, ainda mais favorecida pelo congelamento do embrião.

Criador e cruzador de Nelore com Marchigiana, Otávio Pedrialli acrescentou que a Estral tem clientes no Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás e existem entendimentos com alguns interessados em Minas Gerais. Ele, inclusive, acredita na exportação de embriões, cuja comercialização está favorecida pelo congelamento. Disse que o Brasil tem importado embriões de raças leiteiras, principalmente dos Estados Unidos, Canadá e Holanda, mas não tem mais dúvidas quanto à exportação do zebu. "O Nelore vai ter um grande futuro nos países de clima tropical — acrescentou —, e nós precisamos fazer cruzamentos para poder abater o animal com dois anos de idade". Pedrialli disse também que na cruzada do zebu com o gado europeu a vaca Nelore é imprescindível: "ela produz um mestiço que pesa 39 quilos ao nascer, quando o Nelore puro nasce com 28 quilos. Além de produzir um mestiço com dez quilos a mais, a vaca Nelore é uma extraordinária criadeira. O gado Nelore é um patrimônio nacional que precisamos preservar e melhorar através de novas linhagens", observou Pedrialli.

Sobre o trabalho desenvolvido na Estral, o empresário paranaense explicou que as vacas Nelore PO são inseminadas com sêmens de touros da melhor procedência, enquanto as vacas Nelore PC e sem registro são cruzadas com gado de origem europeia da raça Marchigiana através da monta natural, no pasto ou campo. O produto destes cruzamentos é um meio-sangue Marchigiana com Nelore, que aos dois anos pesa 500 quilos o macho e 420 quilos a fêmea. Isto em regime de pasto, sem ração suplementar. Pedrialli acentuou que a raça Marchigiana se adaptou bem ao clima tropical, comprovando ser ótima opção devido sua "fertilidade, boa precocidade e uma rusticidade surpreendente". Das 1.600 cabeças de gado da raça Marchigiana existentes no País, 160 pertencem à Central de Transferência de Embriões.

— O mundo todo abate animais com no máximo 24 meses, e nós não somos inferiores aos outros países, apesar de muita coisa ter que ser melhorada no Brasil. Com os cruzamentos também teremos condições de abater macho e fêmea com dois anos de idade, através de uma boa assistência técnica, veterinária e com pastagens de muita qualidade nutritiva. Assim, poderemos aumentar o desfrute de nosso rebanho, que infelizmente ainda é muito baixo. □

Colheitadeira de Cereais Própria para Brejo



A colheitadeira

LEILA

é própria para brejos e terrenos secos. Com esteira e tração nas 4 rodas, 3 marchas com redução e ré, especial para colheitas de arroz, soja e trigo.

2 rodados opcionais, pneus e esteira.



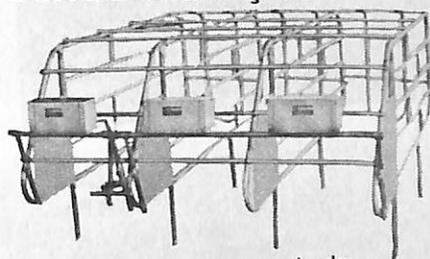
A. MACHADO & FILHOS LTDA.

Rua Blumenau, 1239
Fone: (0473) 82-0126
89120 - Timbó - SC

EQUIPAMENTOS PARA SUINOCULTURA

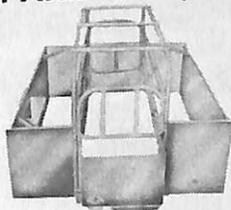


BOX DE GESTAÇÃO



Proporciona uma economia de 42kg de ração por ciclo de gestação de uma matriz.

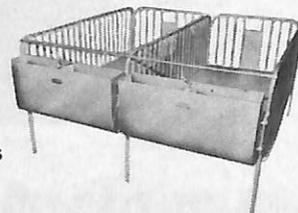
BAIA PARIDEIRA



Proporciona 11 leitões a mais por ano por cada baia instalada.

CRECHE

Proporciona um ganho de peso de 54kg a mais por leitgada aos 70 dias.



- Para assegurar um perfeito acabamento e durabilidade, os equipamentos **Etagro** são feitos com materiais galvanizados a fogo e metalizados por aspersão térmica.

- **Etagro** fabrica, ainda, bebedouros concha e chupeta, comedouros e grades de concreto pré-moldado para pisos.

**SOLICITE SUGESTÕES
PARA PROJETOS**

**PRODUZIMOS REPRODUTORES
LANDRACE E LARGE WHITE
PUROS E F1 PARA VENDA**

SUELY - ETAGRO EQUIPAMENTOS S/A
Estrada Geral S/Nº - Bairro São Pedro
Caixa Postal 15 - Fone (0484) 65-1259
88840 - URUSSANGA - SC

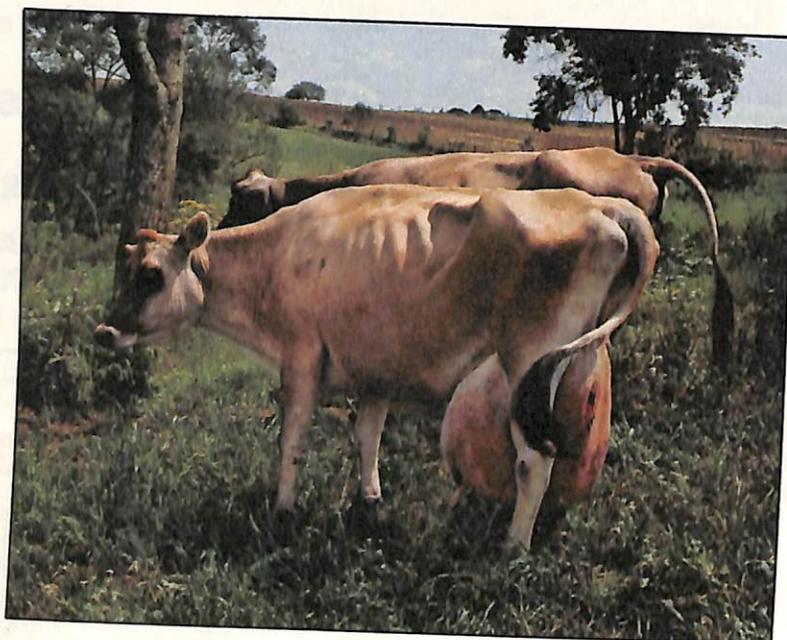
Esta ilha de Jersey está desaparecendo, por culpa do baixo preço do leite

Há dez anos, o agrônomo Valter Schulz, junto com sua sócia, a advogada Noeli Martins de Oliveira, se constituiu numa notável exceção em Castro/PR. Numa região de colonização de holandeses e onde 97 por cento do gado de leite é da raça Holandesa, ele cria 25 vacas Jersey PO na Cabanha Morro do Índio, uma propriedade de 20 alqueires. Conforme o capataz Plínio Carneiro, os animais são alimentados com azevém e aveia, milho ensilado e ração granulada da Purina, que mantém fábrica ali perto. Tem vaca de todas as idades, como a Nór-

dicã, uma vaca de quatro parições em sete anos, que fornece 35 litros de leite por dia e que caminha com dificuldade devido ao tamanho de seu úbere. Valter Schulz calcula que existam somente uns cinco criadores de Jersey em toda a região e, nestes dez anos em que se dedicou à raça, preferiu-a pela rusticidade e pela produção leiteira, que termina sendo igual à da raça Holandesa por área. Além disso, assegurou que o leite de Jersey tem mais gordura, e com ela "se ganha de 10 a 15 por cento a mais no preço-base".

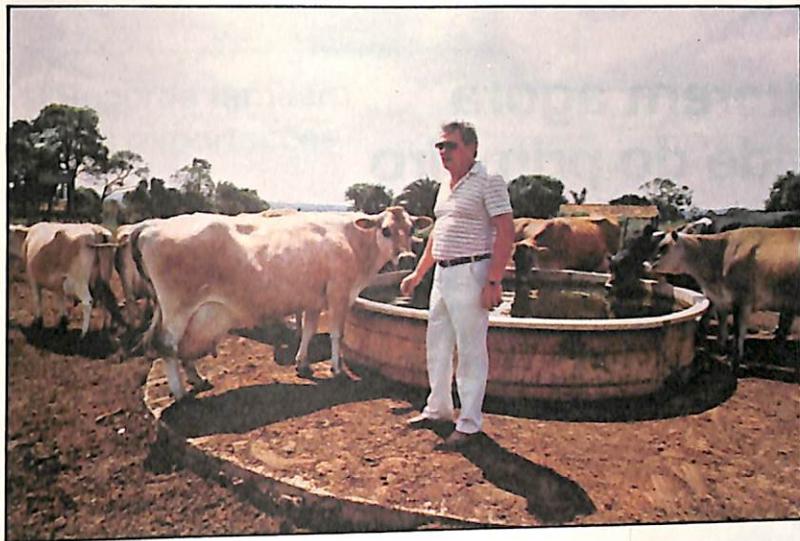
Contudo, o agrônomo, também funcionário

do Ministério da Agricultura e criador que já teve mais de cem animais (em meados de 83), foi se desfazendo aos poucos da criação, e agora pretende vender tudo, vacas Jersey e a cabanha, porque entende que o leite sozinho não dá mais nenhum lucro. Explicou que chegou a hora de uma decisão, pois para poder continuar teria de fazer investimento de Cr\$ 150 milhões — em instalações, sala de ordenha, cruzamento dirigido por computação, transplante de embriões — e dedicar-se exclusivamente à atividade, ou abandoná-la, como terminou decidindo junto com sua sócia. Valter Schulz acrescentou que os custos de produção estão "altíssimos", e que de três anos para cá a pecuária de leite vem sofrendo uma crise difícil de ser superada: "estou contrariado em ter que deixar a produção — lamentou —, mas, infelizmente, é só o que posso fazer". Ele ainda comparou os preços do Paraná e de São Paulo, lembrando que enquanto lá o leite proporciona três mil cruzeiros por litro produzido, no Paraná o produtor recebe só Cr\$ 1.200 por litro. E, dependendo de criadores de Jersey como Nilson Lemos, de Brasília, o produtor paranaense vai se desfazer rapidamente do que resta de seu plantel. Nem bem ele havia terminado de falar, o brasileiro se apresentava para examinar os animais, interessado em levar alguns para o Planalto Central. □



Nórdica:
35 litros
por dia





Schulz:
contrariado,
"mas é
só o que
posso
fazer"



Holandesas de Carambeí: 64 milhões de litros por ano

Controle leiteiro de seis mil vacas

Quem adquire um iogurte ou outro produto da Cooperativa de Carambeí, no município de Castro, provavelmente não imagina o universo que está mobilizado atrás daquele símbolo. Aliás, a Batavo se confunde com a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda., que dispõe de um dos mais qualificados rebanhos numa das mais importantes bacias leiteiras do País. O perfil da Cooperativa Central aponta um universo de 460 associados produtores de leite, com 16 mil vacas, que produzem uma média, cada uma, de quatro mil litros por ano. Mas a variação na produção ainda é muito grande. Assim como tem produtor que entrega dois mil litros de leite por

vaca/ano, há os que chegam aos sete mil litros. Informações que são possíveis a partir do controle leiteiro, que atinge 132 rebanhos e aproximadamente seis mil vacas. Ainda examinando o perfil da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda., vamos encontrar a participação de associados de quatro cooperativas singulares: a Capal de Arapoti, a Batavo de Carambeí, a Castrolanda de Castro e a Lactisul de Itati. Produtores que dispõem da assistência técnica, através do Departamento de Pecuária, de nove veterinários, um zootecnista, um agrônomo, seis técnicos-agrícolas e um economista. Noutras áreas, também recebem assistência técnica: clínica e cirúrgica, exames sanitários devido à reprodução, qualidade do leite, pastagem e forrageiras e manejo geral do gado bovino de leite. Além disso tudo, a Cooperativa Central tem duas granjas experimentais para fazer os mais diferentes testes, desde alimentação até qualidade de produção de leite, um posto de inseminação artificial com sete touros e, ainda, trabalha com transferência de embriões. □

**VOCÊ SABE O QUE
TEM A MAIS DENTRO DE UM SACO DE
ADUBOS IPIRANGA?**

Dentro de saco de adubo tem adubo. É apenas uma obrigação do fabricante.

Mas dentro de um saco de Adubos Ipiranga, além da obrigação, tem responsabilidades que o fabricante assume com os agricultores.

Tem alta tecnologia desenvolvida pelos engenheiros da empresa, permitindo reunir num mesmo produto os elementos indispensáveis a qualquer tipo de solo e de cultura.

Tem a longa experiência do Centro Agrônomo de Pesquisas de Adubos Ipiranga, que realiza profundos estudos sobre os mais diversos tipos de solos, proporcionando adubações corretas, levando em conta as condições locais de temperatura, umidade, insolação; histórico de utilização do solo - adubações e calagens feitas anteriormente.

Tem um eficiente sistema de assistência técnica prestada por eficientes agrônomos, que não se limitam a estudar problemas de fertilidade do solo ou sua correção, mas que se preocupam também em proporcionar informações adicionais aos agricultores.

E tem, ainda, a infra-estrutura do complexo de fertilizantes da Ipiranga, que assegura a continuidade do aprimoramento e do fornecimento de adubos de primeira grandeza.



**ADUBOS
IPIRANGA**

Fórmula Brasil, garantindo produtividade.

Produtores querem agora melhorar qualidade do primeiro rebanho suíno do Brasil

Com 4,8 milhões de cabeças, o Paraná tem hoje o maior rebanho de suínos do Brasil. No entanto, ainda deixa um pouco a desejar em termos de qualidade, tanto em genética quanto em manejo, conforme foi reconhecido pelo delegado regional do Ministério de Agricultura, Osvaldo Euclides Aranha, e pelo próprio presidente da Associação Paranaense de Suinocultores, João Luís Seimertz.

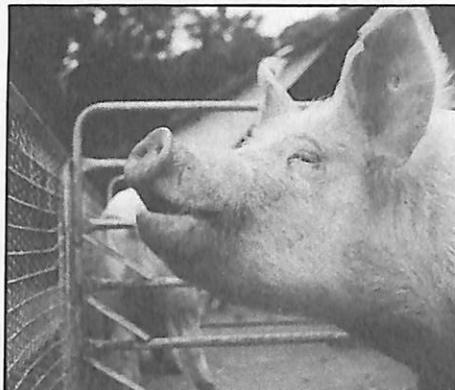
— O Paraná tem grande potencial para a pecuária — disse Osvaldo —, tanto bovina como suína e criação de aves. Mas este potencial ainda não é explorado no seu todo e, em suínos, embora tenhamos o maior rebanho do País, ainda falta qualidade.

Já o presidente da Associação Paranaense de Suinocultores reconheceu que os criadores tendem a inverter a pirâmide: sanidade, alimentação, instalações e melhoramento, por ordem de priorização em manejo. João Luís Seimertz, contudo, demonstra muito entusiasmo com a suinocultura paranaense. Inicia dizendo que, por ordem, as três raças mais importantes no estado são a Large White, Landrace e Duroc. Esclarece que após alguns entraves o governo liberou a importação de suínos da raça Spot, animais pretos com manchas brancas muito conhecidos nos Estados Unidos e que ingressarão no Brasil através da Argentina, que sem dúvida serão a grande atração na próxima Expositiva. Outro motivo de satisfação do presidente da Associação é que o Sindicato da Indústria da Carne da Argentina e a sua congênera do Paraná iniciaram negociações com o objetivo daquele país importar carne suína do estado. Mais que isso, a presidente da Associação de Criadores de Suínos do Paraguai participará da Exposição-Feira em Curitiba com uma comitiva especialmente para importar reprodutores e matrizes.

No entanto, quando analisa o setor no Paraná, João Luís reconhece algumas dificuldades:

— Muito se tem falado em melhoramento, quando a realidade é um pouco diferente, citando o caso da pirâmide de manejo invertida.

Em seguida, situou a criação de suínos no Paraná, lembrando que há diferenças entre as diversas regiões. No Oeste, é bastante tecnificada, segundo o presidente da Associação; no Sudeste, um pouco menos; e no Norte se localizam os maiores produtores. Inclusive, em Maringá está



o maior suinocultor pessoa física do Brasil, com 1.200 matrizes. No Centro do Paraná, a atividade também está bastante tecnificada, mas para João Luís o melhor da suinocultura se encontra mesmo no Oeste do estado:

— Quanto ao manejo, o Paraná segue o resto do Brasil, onde tem ainda muito o que fazer. No geral, se poderia classificar de razoável, mas certamente temos ainda que dar alguns passos.

Comparando com o Rio Grande do Sul e Santa Catarina — prosseguiu —, “não vejo grande diferença, e acredito que os três estados do Sul estejam atravessando estágios semelhantes em termos de suinocultura. É preciso avançar mais, porque temos todos os mesmos problemas”, ponderou.

Quanto aos custos de produção e resultado obtido com a atividade, o presidente da associação de criadores tem um ponto de vista um pouco diferente de um dos mais tradicionais suinocultores do Paraná, Tarciso Heckert. Segundo este, atualmente um quilo de carne de suíno custa para ser produzido Cr\$ 8 mil e o preço obtido é de 7,5 mil. Haveria, então, uma perda de 500 cruzeiros em cada quilo de carne produzido. Para João Luís Seimertz, no entanto, “a gente está empantando ou até ganhando alguma coisinha”. Mas, advertiu que se o preço do milho subir um pouco que seja, então “ai teremos prejuízo”.

O interessante é que o Paraná assumiu a liderança na suinocultura bem recentemente, pois em 1983, quando tinha 4,6 milhões de cabeças, o estado participava com 13,3 por cento do setor no País. Ainda quanto aos números, o suíno é criado hoje em 62 por cento das propriedades ru-

rais existentes no estado. Em 1984, a suinocultura paranaense gerou recursos na ordem de Cr\$ 479 bilhões, o que significa 8 por cento da renda bruta da agropecuária do estado. Interpretando este dado e levando em conta o grande volume de produção de grãos do Paraná, João Luís salientou a importância na suinocultura no contexto da produção primária do estado.

Curiosamente, a atividade é própria de pequenas propriedades rurais, embora se localizem no Paraná alguns grandes criadores. Segundo a delegacia federal do Ministério da Agricultura, das 154 mil propriedades rurais existentes no Paraná, mais de 90 por cento são consideradas pequenas; 95 por cento delas têm até 100 hectares, 89 por cento têm até 50 hectares e 72 por cento do total têm até 20 hectares. Estas duas últimas, segundo critérios do Ministério, é que são consideradas pequenas propriedades. De acordo com a Associação de Criadores de Suínos do Paraná, 43 por cento das propriedades rurais do Paraná têm menos do que 10 hectares, 25,7 por cento entre 10 e 20 hectares e 20,8 por cento entre 20 e 50 hectares. Para dar uma idéia da atividade suinícola do estado, bastaria lembrar que a criação de suínos contribui para a manutenção de 1,7 milhão de pessoas. Outra dificuldade reconhecida pelo presidente João Luís Seimertz é em relação à mentalidade de alguns suinocultores. Citou, como exemplo, o caso de criadores no Oeste do Paraná, que cultivam soja em suas propriedades e não cultivam milho: “temos que mudar esta mentalidade”, confessou.

No entanto, em termos de associativismo, o Paraná supera os outros estados, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Enquanto nesses estados as associações reúnem basicamente cabanheiros, no Paraná a associação engloba e se preocupa principalmente com os criadores, mesmo que pequenos: “damos tanta atenção para os terminadores quanto para os granjeiros”, enfatizou o presidente da Associação. Aliás, a entidade é uma pirâmide perfeita, porque engloba cinco mil associados reunidos através de mais de 80 associações municipais e de algumas regionais, como do Oeste, Sudeste e Norte do Paraná: “nisto de associativismo, começamos bem depois, mas já nos consideramos capazes de poder ensinar para os outros”, concluiu, sorrindo. □

EQUIPAMENTOS PARA SUINOCULTURA

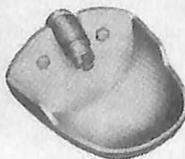
COMEDOUROS (AUTOMÁTICOS)

Com regulagem de vazão da ração 3, 4, 5, 6 ou 8 lugares. Fabricamos em chapa galvanizada n.º 18 com junções rebitadas



BEBEDOUROS CONCHA (AUTOMÁTICO)

Em alumínio fundido com válvula de controle de vazão da água.



ETAGRO

SUELY ETAGRO EQUIPAMENTOS S/A.

BEBEDOUROS CHUPETA (AUTOMÁTICO)



Fabricado em aço inox

SUELY - ETAGRO EQUIPAMENTOS S/A
Estrada Geral, S/N.º - Bairro São Pedro
Caixa Postal 15 - Fone: (0484) 65-1259
88840 - URUSSANGA - SC.

Recorde também nas exportações

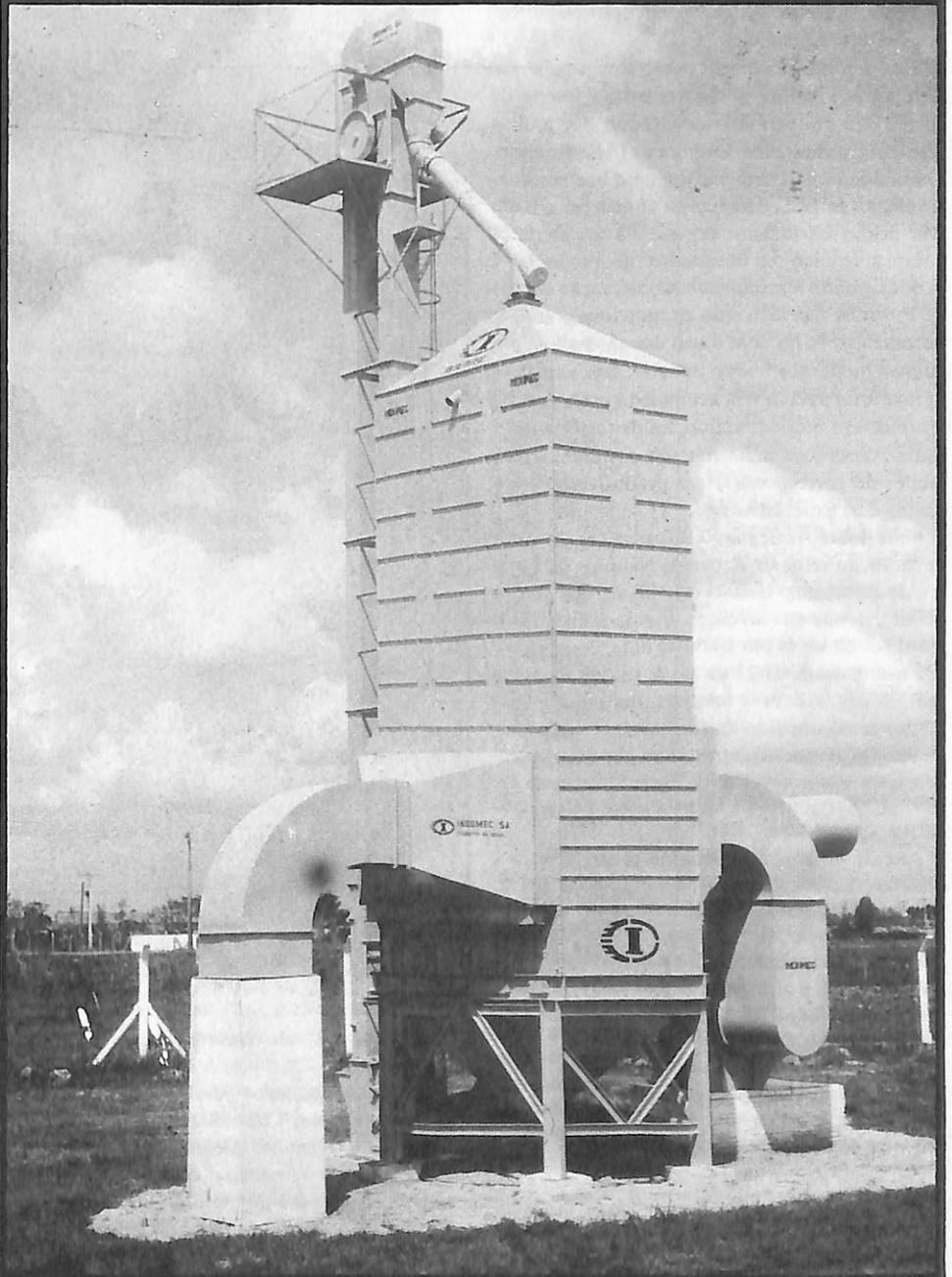
O valor exportado pelo Paraná em 1984, mais de 2,5 bilhões de dólares, foi o maior alcançado até agora, tendo, inclusive, ultrapassado o recorde de 1981, quando o valor das exportações chegou a 2.481.297.000 dólares. Os dados são do Centro de Comércio Exterior do Paraná - Cexpar, entidade mantida pelo governo e instituições particulares com o objetivo de apoiar e promover o comércio exterior. Participam do Cexpar o governo do estado, Associação Comercial, Federação da Agricultura, Federação do Comércio, Federação do Comércio Varejista, Federação das Indústrias, Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina, Associação dos Empresários da Cidade Industrial de Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná - Badep, Banco do Estado do Paraná S.A., Cooperativa Central Agropecuária do Paraná Ltda. - Cocap, Companhia Paranaense de Energia - Copel, Madeireiros Exportadores Brasileiros - Madebrás S.A. e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná - Ocepar. O Cexpar faz anualmente um minucioso levantamento estatístico sobre as exportações do estado, cujos quadros permitem uma série de comparações e conclusões. Por exemplo: os produtos básicos ou primários compreenderam 60,69 por cento das vendas em 84, enquanto os produtos industrializados se situaram em 38,23 por cento do volume total de vendas. O 1,08 por cento restante diz respeito a itens não classificados. Em cifras, os valores exportados por setor foram: produtos básicos no valor de 1.527.894.000 dólares; industrializados (manufaturados e semimanufaturados) 962.531.000 dólares, e outros itens, com 27.085.000 dólares.

O Cexpar examina, também, a participação do Paraná no bolo nacional de exportações, tendo concluído que o maior percentual ocorreu em 1977, quando foi atingido um índice de 17,66 por cento de participação, contra os 9,32 por cento de 1984. Nos últimos cinco anos, a média tem sido em torno dos dez por cento. Quanto aos produtos, em 84 os que tiveram maior peso nas exportações do estado foram: farelo de soja, soja em grão, óleo de soja refinado e em bruto, café cru em grão e café industrializado. Também obtiveram destaque o combustível e a carne de frango congelada.

Sobre os compradores, o Cexpar revela que durante 11 anos, de 1972 a 82, a Holanda foi o maior comprador de produtos do Paraná. Mas, em 83, a França assumiu esta condição, com a compra de 14 por cento do volume total das exportações do estado, no valor de 281.051 mil dólares. Em 84, a França manteve sua posição de maior compradora, adquirindo 10,44 por cento das exportações do Paraná, no valor de 262.883 mil dólares. A França foi seguida, na ordem, pela Nigéria, Holanda e Espanha. □

Secadores Intermitentes Indumec

para Arroz, Soja, Feijão, Milho, Trigo e outros grãos



MARCA DE QUALIDADE DO PLANTIO AO ARMAZENAMENTO

INDUMEC S.A. indústria mecânica

FÁBRICA E VENDAS: DISTRITO INDUSTRIAL - BR-116, km 523

Fones: (0532) 21-0477 e 21-0955 - Caixa Postal 392

Telex (0532) 255 IMEC-BR - CEP 96100 - PELOTAS - RS - BRASIL

Com adubação verde a terra ganha vida (e seu dinheiro aparece na produtividade)

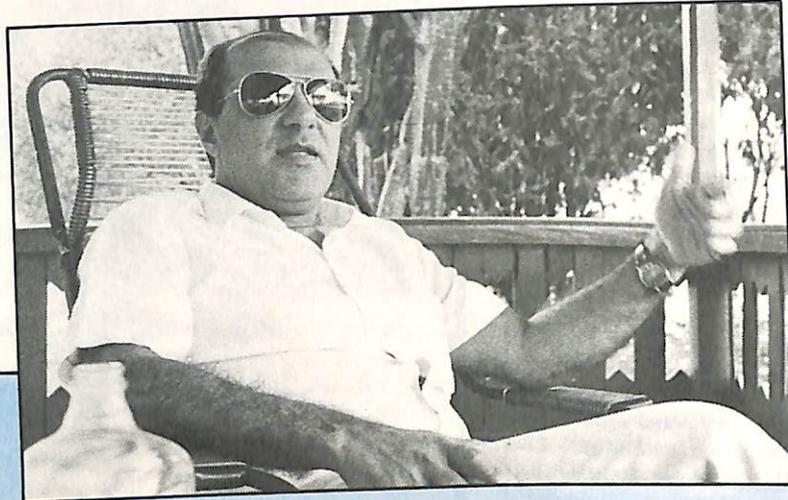
O Paraná começa a pagar um preço muito alto para manter a imagem de celeiro do Brasil. A média de produtividade — que foi a maior dos últimos tempos, passando de dois mil quilos por hectare — só foi possível graças às excelentes condições climáticas: choveu e fez sol nas épocas certas. Assim, quem apostou no trigo, dessa vez, ganhou.

Esse retorno imediato, que transforma o ato de plantar e colher numa verdadeira loteria de sorte, já é um caminho condenado por muitos técnicos e produtores. Embora os triticultores tenham tido uma remuneração muito boa nesta safra, não significa que as coisas andem bem. E um dos primeiros indícios de que há algum fator comprometendo os resultados de produção e produtividade é justamente a observação de que os retornos não têm sido proporcionais aos investimentos feitos com o uso dos chamados “insumos modernos”. Na maioria das vezes, os agricultores apenas têm acumulado prejuízos, investindo em maciças aplicações de fertilizantes e outros produtos em um solo sem as mínimas condições de corresponder, em produtividade, aos gastos e às expectativas.

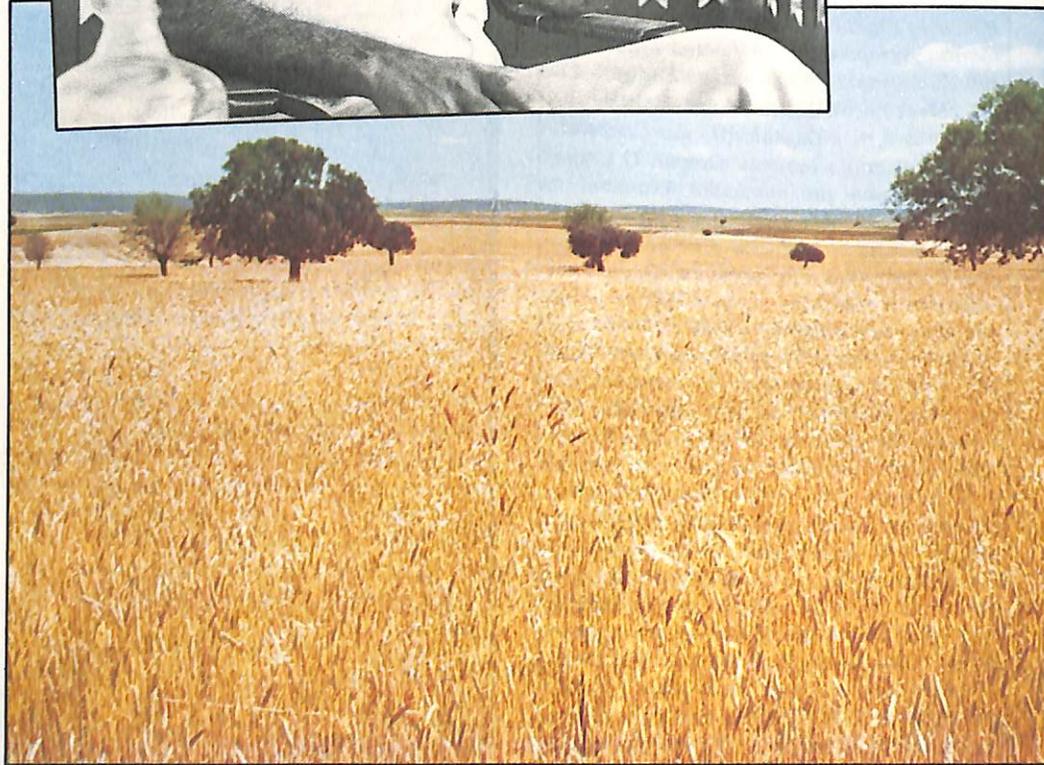
Solo pobre — Segundo informações do coordenador do setor de Recursos Naturais da Emater de Londrina, Luiz Ganassin, há dez anos a produtividade das lavouras de soja atingia facilmente as 60 sacas por hectare; hoje, esses números não passam de 35 sacas. A situação é ainda mais desanimadora se considerarmos que apenas 30 por cento dos solos agricultáveis estão conservados. Os 70 por cento restantes já perderam em sua grande maioria de 15 a 20 centímetros da camada de horizonte A e estão sujeitos à lixiviação de nutrientes.

Alterar hoje este sistema de produção não é uma tarefa das mais fáceis. Recompôr tanto a estrutura física como biológica do solo — o fator mais importante do sistema, através de alternativas que a pesquisa agrícola vem colocando já há alguns anos à disposição dos agricultores — exige um replanejamento da propriedade. No entanto, para os agricultores que nunca apostaram na loteria da sorte e sempre conduziram as suas lavouras dentro de um critério mínimo de racionalidade, essa não é uma tarefa, mas, sim, uma filosofia de trabalho. E, neste caso, Nagib Abudi Filho, proprietário da Fazenda São Manoel, localizada no município de Cambé, tem muito a ensinar.

Basta dizer que nesta última safra, enquanto o Paraná se arriscava na cultura do trigo, Nagib fez uma análise histórica da fazenda e optou pelo trabalho com a adubação verde de inverno cobrindo os 85 alqueires agricultáveis da São Manoel com aveia-preta e centeio. “Deixei de ganhar dinheiro agora para recuperá-lo de forma mais racional em outra ocasião.” Hoje, na São Manoel, não se vê a cor roxa da terra, pois ela es-



Abudi: matéria seca da aveia (abaixo) e centeio para recuperação biológica do solo



tá coberta por uma densa e espessa camada de matéria seca.

Anos de trabalho — A experiência inovadora do produtor Nagib Abudi Filho, no plantio de aveia-preta e centeio, é fruto de longos anos de planejamento. A exemplo de outras propriedades, a Fazenda São Manoel também experimentou o regime de colonato com o café e o pasto. Erradicou lavouras, plantou novamente, trabalhou com rami e, em 1974, buscou pela primeira vez o trabalho com culturas anuais. Mas foi com a geadá de 1975 que Nagib fez a opção decisiva: arrancar todo o cafezal e plantar trigo e soja.

Ao contrário da grande maioria dos produtores paranaenses que, entusiasmada com “boom” da soja, partiu para a aquisição de máquinas, implementos agrícolas e sementes,

sem analisar sequer a qualidade da terra de que dispunha, Nagib pensou duas vezes e montou o mais perfeito esquema de conservação do solo. “A pastagem, o rami e o próprio café deixaram as terras lavadas e deficientes em nutrientes. Fiz um levantamento planimétrico da fazenda e, ao mesmo tempo, elaborei um planejamento a médio e longo prazo que demoraria dois anos para ser implantado”. Esse trabalho, elaborado na época pela Planeje - Empresa de Assessoria Rural, consistia basicamente numa análise e redimensionamento do escoamento da água dentro da propriedade para se evitar a erosão.

Do planejamento, constavam tecnologias como o terraceamento de base larga, construção de canais escoadouros vegetados e em nível, reflorestamento nas encostas, beiras de rios e topos de

morros. Ainda em 1975, Nagib aproveitou um programa federal — o Procal — para aplicar 900 toneladas de calcário em 85 alqueires da Fazenda São Manoel. “Na época, os produtores tinham um prazo de carência de três anos, sem juros e sem correção para quitar as suas dívidas”, lembra Nagib.

Sendo considerado como um dos precursores na introdução de tecnologias de conservação de solo na região Norte do Paraná, Nagib Abudi Filho transformou a Fazenda São Manoel, em 1977, num campo de demonstração da Emater, que foi visitado por agricultores de outros estados. Nesse mesmo ano, atento a regalias que o governo federal oferecia (que hoje muitos sentem saudades), Nagib deu outro grande “grito de independência”: comprou um silo Kongskilde, com capacidade para armazenar 15 mil sacas, ao preço da época de Cr\$ 1.750 mil. Este valor deveria ser quitado ao longo de dez anos, com dois de carência e com juros de oito por cento ao ano. A última prestação de Nagib será paga em 87, no valor de Cr\$ 239.200. No total, o silo sairá por Cr\$ 2.685.200, exatamente.

“É claro que na época eu estava comprometendo, por um prazo muito longo, grande parte da produção. No entanto, não tenho dúvidas de que foi uma decisão tão importante como de partir para a conservação dos solos, pois tenho condições de armazenar a nível de propriedade toda a minha produção, sem ser forçado a vendê-la por não ter onde guardá-la adequadamente”, explica o produtor. A irrigação também foi uma das metas de Nagib, que, depois de programar

três diferentes projetos, concluiu que em função da topografia da Fazenda São Manoel os investimentos seriam muito altos e tecnicamente não funcionariam.

Adequação da propriedade — Ainda no plantio convencional, em 1976 Nagib já estava de olho no plantio direto e começava a adequar a propriedade para esse novo sistema de trabalho. Na verdade, ele sabia que esse seria um passo decisivo para a manutenção da integridade física e biológica do solo. Uma das medidas para a adequação foi a correção do solo em manchas, o controle de ervas daninhas com cultivo mecânico e carpas manuais, evitando, assim, o aumento da infiltração de mato. “Comecei também a me informar, a entender o que era o plantio direto, e cheguei até a fazer um curso de uma semana sobre herbicidas nesse sistema de plantio”, conta

Nagib.

Mas foi mesmo em 1979, quando já dominava toda a tecnologia sobre conservação de solos e sentindo que a propriedade estava preparada para entrar numa nova tecnologia, que ele aderiu ao plantio direto. Nos dois primeiros anos, alguns obstáculos foram decisivos para que Nagib aperfeiçoasse seu trabalho. “Eu tinha um excesso de zelo em relação à utilização de herbicidas e aplicava quantidades exageradas”, confirma o produtor.

Mas em pouco tempo, no terceiro ano, os custos de produção já começavam a cair não pelo aumento de produtividade, mas, sim, pelo domínio de tecnologia. “Aí acabou o problema de erosão, pois eu plantava na época certa e havia um perfeito aproveitamento dos nutrientes no

forços para manter quatro famílias na fazenda: construiu casas de alvenaria, incentivou a criação de suínos e galinhas para o consumo, permitindo o desenvolvimento do espírito de colaboração e responsabilidade.

Mas o trabalho não parou por aí. Na safra 83/84, Nagib Abudi Filho, com recursos próprios, investiu na compra de mais 630 toneladas de calcário, que foram distribuídas em toda a propriedade. E, depois do planejamento conservacionista, da aplicação de calcário e introdução do plantio direto na fazenda, ainda restavam duas alternativas: a rotação de culturas e a adubação verde de inverno. A primeira foi introduzida a partir de 83, dentro de um programa de rotação de cultura do Iapar (Instituto Agrônomo do Paraná).

Na safra 84/85, Nagib resolveu dar um “xeque-mate” na recuperação biológica do solo: plantou aveia-preta e centeio em 85 alqueires da propriedade, concluindo quase que totalmente um planejamento que teve início há dez anos atrás. Ao contrário da grande maioria dos produtores paranaenses, Nagib não sofre com a lixiviação de nutrientes e mantém intacto o que é o seu maior fator de produção — a terra.

Além disso, a sua experiência lhe dá uma segurança pouco comum aos outros: a certeza de que para a próxima safra diminuirá consideravelmente os custos com o uso de adubos e com a utilização de herbicidas. O veranico também não terá lugar na Fazenda São Manoel, pois a atual cobertura permite o armazenamento de água suficiente para as plantas durante um bom tempo. E a produtividade



*Do homem e da terra,
frutos para a vida.*

de será tão boa ou superior àquela obtida na safra de verão 84/85: 260 sacas de milho e 132 sacas de soja, ambas por alqueire.

“A partir de agora, vou ter uma estabilidade em termos de custos e produtividade. Além de uma reforma geral na parte elétrica e hidráulica que fiz na propriedade da construção de casas de alvenaria para os empregados, vou renovar a minha frota e equipamentos, uma vez que não me interessa pelo crescimento horizontal, ou seja, comprar mais terras.”

Mão-de-obra — Na Fazenda São Manoel, é importante lembrar ainda que todas as decisões são tomadas não só pelo proprietário, mas também pelo conjunto de funcionários, lembra Nagib. Estes contribuem efetivamente para o desenvolvimento de todo o trabalho. Recebem informações e orientações nesse sentido, crescendo na medida em que as iniciativas são bem sucedidas.

É justamente por isso que Nagib não mede es-

de será tão boa ou superior àquela obtida na safra de verão 84/85: 260 sacas de milho e 132 sacas de soja, ambas por alqueire.

“A partir de agora, vou ter uma estabilidade em termos de custos e produtividade. Além de uma reforma geral na parte elétrica e hidráulica que fiz na propriedade da construção de casas de alvenaria para os empregados, vou renovar a minha frota e equipamentos, uma vez que não me interessa pelo crescimento horizontal, ou seja, comprar mais terras.”

E completa: “é preciso planejar, deixar de pensar na agricultura apenas a cada safra. O agricultor tem que ter um objetivo para a sua propriedade e, ao mesmo tempo, definir uma filosofia de vida para o seu trabalho. Senão, tanto faz plantar como trabalhar em qualquer outro setor”. □

Reforma agrária

Deixei o Brasil, numa viagem para os Estados Unidos, na véspera da assinatura pelo presidente Sarney do revisado Primeiro Plano de Reforma Agrária. Na minha volta, um mês depois, estudei cuidadosamente o Plano, para chegar à seguinte conclusão: os que o consideram "mutilado" ou "diluído" não têm fundamentos para estas críticas. Ainda totalmente baseado no Estatuto da Terra, este Plano, como o outro, pode ser implementado para confiscar a propriedade — produtiva ou não — de qualquer um, tão amplos são os critérios do Estatuto para este fim.

Mas como a execução das leis depende, em grande parte, da interpretação dos governantes, me parece que a maior modificação no Plano foi no seu sentido de propriedade, tanto pública como privada. E enfática, desta vez, foi a palavra do presidente Sarney, de que as propriedades que estão produzindo não serão atingidas. E conseqüentemente, com esta mudança, os que estão produzindo alimentos e fibras, ou abrindo terras para aqueles fins, me parece que ganharam o respeito que muito justamente merecem.

Outros pontos também enfatizados eram a necessidade de maior acesso ao crédito, apoio educacional, e assistência técnica baseada em pesquisas agrícolas. Pontos importantes, considerando que foi a falta constante destes elementos, durante os últimos 80 anos, maior responsável pelo grande êxodo rural. Se agora, por causa da reforma agrária, eles vão receber a consideração que merecem, ainda bem para todos nós... Embora a gente não possa imaginar como... de um dia para o outro?

Em todo caso, os pontos acima mencionados são pontos positivos, que talvez ainda poderiam fazer da reforma agrária o instrumento que ela deve ser de oferecer oportunidades para pessoas que realmente desejam ganhar a vida produzindo nas suas próprias terras. O instrumento, que, creio que ninguém duvide, é o desejado pelo presidente da República.

Porém, infelizmente, este sentido positivo terá que enfrentar e sobrepor-se a muitos erros iniciais, para que o instru-

mento possa chegar ao fim desejado, também por todos os indivíduos de boa-fé. O primeiro destes erros foi a ignorância total da importância e complexidade da agricultura, que deixou os autores do Plano imaginar que existem 7.000.000 de trabalhadores rurais com capacidade de dirigir uma propriedade rural. O segundo foi a suposição de que todas estas pessoas, com suas famílias, podiam ganhar uma vida digna numa média de 35 hectares por família. Outro erro é o cálculo de custo médio — Cr\$ 30.824.718 — do assentamento de cada família; um cálculo que, mesmo se existisse toda a assistência acima mencionada, é totalmente ilusório em relação aos custos reais de estabelecimento duma propriedade agrícola hoje.

Errado também foi o anúncio, em maio, do Primeiro Plano sem a preparação prévia para a sua iniciação, ou uma consulta prévia com os produtores existentes, os quais, com sua experiência, teriam tanto a contribuir para este Plano. Este anúncio foi feito duma maneira tão vindicativa e demagógica que não podia ter deixado de servir como sinal verde para as invasões de terras que logo se seguiram. Invasões e disputas que continuam hoje, e que somente podiam ter começado com a organização e apoio de políticos, dirigentes sindicais e sacerdotes, que parece que pouco se importavam com as conseqüências para as pessoas envolvidas.

Estas conseqüências se derivam do fato de que o governo não está preparado financeira ou tecnicamente para assentar as 150.000 pessoas pretendidas para o próximo ano nas suas próprias terras, muito menos em terras desapropriadas. E somente porque agora milhares de pessoas largaram seus empregos e suas casas, isto não vai apressar um processo muito complicado e custoso que deve demorar meses e meses.

Enquanto isto, estas pessoas estão acampadas nas beiras de estradas ou em

assentamentos provisórios, com menos do que o mínimo de condições para viver... Com sorte, uma família terá de um a cinco hectares a cultivar, se encontrar os implementos e insumos com que cultivá-los. A situação é lamentável e totalmente desnecessária. E por isto é impossível não dar a impressão de que ela somente serve bem a pessoas que querem criar um ambiente de sofrimento e desilusão.

Se o propósito do Plano revisado é, como imaginamos, para promover o bem do povo rural, e dar oportunidades a eles de cultivar as suas próprias terras, os levantamentos de terras passíveis de incorporação na reforma deviam ter sido feitos antes do anúncio do Plano; bem como deviam ter sido estabelecidos os planos regionais para a execução da reforma.

Uma vez tomadas estas providências mínimas, os responsáveis pela reforma podiam ter prosseguido normalmente, sem alarde, trabalhando consistentemente dentro dos limites financeiros e técnicos existentes, para construir algo — talvez não tão grandioso — mas, pelo menos, sólido. Uma estrutura sobre a qual os novos proprietários poderiam ter a certeza de vencer na difícil tarefa de construir uma propriedade agrícola lucrativa.

O impacto político não teria sido imediato. Mas, a longo prazo, os resultados reais teriam criado o efeito mais duramente desejado pelo povo em geral, isto é, poder confiar na seriedade e capacidade do seu governo. Com um programa assim, inspirado na realidade e vontade de trabalhar, quem não daria o seu apoio e ajuda? Os primeiros seriam os produtores existentes, que reconhecem melhor do que qualquer um o valor da propriedade em relação à produtividade e à própria liberdade.

Mas o começo foi originado em cálculos absurdos e metas inalcançáveis, proclamado numa atmosfera de desprezo e demagogia. E se o bom êxito, tão importante para o País inteiro, acaba sendo frustrado, será por estas razões e não outras.

Ellen B. Geld



Valmet

NOS 4 CANTOS DO PAÍS.



GORGULHO

O Instituto Biológico de São Paulo realizou estudos da eficiência de alguns piretróides em comparação ao malathion e ao pirimifós-metil, visando proteger o milho ensacado contra a infestação do gorgulho do milho e da traça dos cereais. Os resultados indicam que na proteção do milho armazenado (em sacos) é viável a diminuição do intervalo de aplicação dos piretróides deltametrin, fenvalerate, permetrin, cypermethrin, de três para dois meses, tendo em vista a redução das perdas ocasionadas pelas pragas. Os tratamentos à base destes produtos, aplicados em períodos de dois meses e em dosagens relativamente baixas, mostraram-se tão eficazes na proteção quanto o tratamento usual com malathion, em aplicações mensais e em dosagens maiores. O tratamento com pirimifós-metil, em pulverizações mensais e em dosagem inferior ao malathion, também apresentou eficiência na defesa do milho ensacado contra o ataque de gorgulhos e traças. Os piretróides mais eficazes no combate ao gorgulho, de acordo com pesquisas do Instituto, são o cyfluthrin e fenvalerate, ambos em mistura com o butóxico de piperonila e o fosforado fenitrothin, que mantiveram as infestações de gorgulhos controladas durante o período experimental de um ano. Ainda conforme técnicos do Instituto Biológico, os piretróides, quando aplicados isoladamente (sem o butóxico de piperonila), têm acentuada queda de ação residual, reduzindo a eficiência.

SOJA

A utilização intensa da subsolagem, prática que areja mais o solo, aumenta a infiltração de água e o seu armazenamento, pode trazer prejuízos num futuro muito próximo. O alerta é de pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa de Soja (CNPSoja), de Londrina/PR, salientando que o subsolador traz para a superfície camadas de solo não-corrígidas que se encontram a uma profundidade abaixo de 20 centímetros. Por isso, a produtividade da cultura será prejudicada, tendo em vista que se desenvolverá num solo com menos nutrientes e com problemas de acidez. Antes de determinar a profundidade de desadensamento do solo, os técnicos lembram que o ideal é que o produtor saiba a profundidade em que se encontra a camada compactada. Caso ela se localize até 25 centímetros, a correção do solo deverá ser feita com um escarificador ou arado. Se a compactação for abaixo, a opção poderá ser a subsolagem, evitando-se este manejo no ano seguinte. Outras observações importantes: após o preparo inicial, não é aconselhável o uso da grade leve, pois a sua utilização somente é admitida em condições de umidade adequada e tracionada por veículo compatível.



Walkiria: projeto inédito

FERRUGEM-DO-CAFEIRO

A Seção de Bioquímica Fitopatológica do Instituto Biológico de São Paulo está desenvolvendo um projeto, inédito no Brasil, de controle da ferrugem-do-café. Trata-se de um processo alternativo de combate à doença, no qual se usam compostos não-químicos, ou seja, microorganismos não-patogênicos encontrados normalmente no solo e que não provocam efeitos nocivos ao homem, aos animais ou às plantas. Segundo a pesquisadora e doutora em Biologia Walkiria B. C. Moraes, chefe da seção que vem realizando o estudo, "esse controle alternativo já é objeto de pesquisas em vários países da Europa, nos Estados Unidos e na Austrália, mas visando outras culturas. No caso específico do café, o Brasil é realmente o primeiro e único país a ingressar nesse campo". O programa de controle alternativo da ferrugem-do-café, realizado pelo Instituto Biológico, foi iniciado em 1981, num trabalho conjunto com o governo alemão, que, até o momento, já investiu 3,65 milhões de marcos. Desse total, dois milhões foram usados para compra de equipamentos e para treinamento dos técnicos brasileiros, e 1,6 milhão em trabalhos diretos de pesquisa. "As nossas experiências em laboratório revelaram que é possível controlar mais de 90 por cento dos ataques da ferrugem, usando-se os microorganismos não-patogênicos. Já estamos na fase de provas no campo e acreditamos que, se os estudos prosseguirem em ritmo normal, essa nova técnica de combate à ferrugem poderá ser usada normalmente na agricultura, dentro de três a quatro anos", afirma Walkiria Moraes, que completa: "o controle alternativo de doenças e pragas merece maior atenção por parte do governo, pois o trabalho que estamos realizando com o café pode ser estendido a outras culturas, como o arroz e o milho. Além disso, é um processo não-poluente, de baixo custo e de fácil aplicação".

TRIGO I

O rendimento médio da lavoura de trigo no Rio Grande do Sul deverá ficar em torno de 913 quilos por hectare, 8,8 por cento menor do que a produtividade estimada em pesquisa anterior. A informação é da diretoria de Pesquisa e Assistência Técnica da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul (Fecotrigo), apontando como motivos para esta queda o excesso de chuvas e as temperaturas elevadas registradas nos meses de agosto e setembro. Essas condições climáticas adversas propiciaram o aparecimento de doenças fúngicas, como a ferrugem-da-folha, septória e giberela. Nas regiões onde o trigo foi semeado em junho e julho, os técnicos calculam um rendimento superior a mil quilos por hectare. A produção tritícola gaúcha no ano que passou foi de 494.382 toneladas, com uma produtividade de 782 quilos por hectare. Para este ano, há o prognóstico de uma safra recorde, que chegaria, conforme o IBGE-GCEA, a 995.363 toneladas, com rendimento de 1.154 quilos por hectare.

FEIJÃO

A produção catarinense de feijão foi a terceira maior do País, com 310.361 toneladas de grãos no ano agrícola 1983-84. A microrregião homogênea colonial oeste foi responsável por 50,7 por cento da área total cultivada no estado, sendo o feijão "Carioca" o cultivar mais plantado. No entanto, quando é registrada a ocorrência da antracnose, lavouras inteiras desta variedade têm a produtividade diminuída, e pesquisadores relatam que na Colômbia e Estados Unidos foram observadas perdas de até 100 por cento. Visando elevar o rendimento e reduzir o problema de doenças, a Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. (Empasc) desenvolveu um tipo de feijão, o Carioca 80, resistente a antracnose e outras doenças do feijoeiro. Este cultivar foi avaliado por três anos, desde 1981, em cidades como Chapecó, Campos Novos e Içara. Comparado com as variedades de cor, Paraná 1 e Carioca, o Carioca 80 produziu cerca de dois a cinco por cento a mais. Frente aos feijões do tipo preto, a diferença em produtividade variou de nove a 22 por cento. Quanto a doenças mais comuns no feijoeiro, o Carioca 80 apresentou ausência de antracnose, e infecção moderada de ferrugem e bacteriose. Apesar disso, mostrou-se suscetível à mancha-angular, causada pelo fungo *Isariopsis griseola*, com ataque nas vagens e desfolhamento prematuro, quando da safrinha. Entre as características destacadas pelos produtores estão: o Carioca 80 é mais vigoroso que o Carioca, apresenta guias mais curtas, mais resistentes a doenças e mais tardia que o Carioca. O rendimento médio do novo cultivar ficou em 2.196 em cinco cidades da região I do Zoneamento agroclimático (Chapecó, Guaraciaba, Saudade, Nova Erechim e Peritiba), contra 2.065 do Carioca.

TRATORES

Cotraeq - Comercial de Tratores e Equipamentos Ltda. é o novo revendedor CBT da praça de Porto Alegre. Contatos com Luiz Carlos da Silva Olhweiler, diretor comercial, na avenida A. J. Renner, 465, CEP 90000, fone 42-7285.

CONSÓRCIO

A Valmet do Brasil está lançando o primeiro consórcio nacional de tratores por TV Executiva, via Embratel. A Valmet conta com o apoio de sua rede de concessionários, tendo como administradora a Rodobens, uma das mais conceituadas empresas brasileiras do ramo de consórcio. Além da possibilidade de participação nas reuniões via TV Executiva (existem 71 pontos de retransmissão espalhados por todo o País), o Consórcio Nacional Valmet oferece um leque de opções que vai de 12 a 60 meses, e a garantia da Valmet do Brasil e de sua rede de concessionários em todo o Brasil.

PREVISÃO

Mais de 2 bilhões de dólares será o resultado das vendas da Ford neste ano, em todo o mundo, conforme previsão do diretor Gerhard Schamp, responsável pela área de tratores. Schamp aponta como motivos desta performance a aquisição recente da Sperry New Holland, fabricante mundial de equipamentos agrícolas de colheita, pela Ford Motor Company, e a qualidade dos tratores e implementos da empresa. Por outro lado, em nível de Brasil, o lançamento de tratores agrícolas Série 10 permitiu à Ford ampliar sua participação no mercado, passando de 15,8 por cento para 20,6 por cento. Roberto Maristany, gerente geral de Operações de Tratores, acredita que será possível alcançar 22 por cento em 1986 com os aperfeiçoamentos introduzidos nos novos modelos. Uma das novidades da Ford para o ano que vem é o modelo 6610-TR4 com tração nas quatro rodas, segmento que começa a aumentar sua participação no mercado.

AGRÔNOMO

A Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo elegeu Glauco Pinto Viegas Engenheiro Agrônomo do Ano/1985. Viegas, escolhido entre quinze candidatos de todo o estado, fez carreira no Instituto Agronômico de Campinas (IAC), inicialmente como pesquisador na Seção de Genética e chefe da Seção de Cereais e Leguminosas e, depois, como diretor-geral da instituição. Foi também secretário da Agricultura do estado de São Paulo e atualmente ocupa a presidência da Fundação Cargill.



CLUBE

A Souza Cruz, através do Clube da Árvore, entidade que existe em mais de 400 escolas da Região Sul, lançou um livretinho intitulado "Florestas e Reflorestamento". O material elaborado com a colaboração de biólogos e agrônomos trata de assuntos como sistemas ecológicos e o seu equilíbrio, conservação do solo, orientação prática para o reflorestamento, técnica para obtenção de sementes e produção de mudas, relação das principais espécies nativas, entre outras medidas de interesse. O Clube da Árvore envolve cerca de 30 mil crianças, que, através de acompanhamento técnico da Souza Cruz, já produziram somente neste ano cerca de um milhão de mudas de essências florestais. Os recursos obtidos com a venda das mudas são utilizados para a melhoria das escolas, compra de material, para a merenda escolar e aquisição de livros.

MARKETING

A Schering Produtos Veterinários está investindo em torno de Cr\$ 150 milhões num programa pioneiro de marketing rural a produtores de carne e leite do País, ao realizar o pré-lançamento de um anti-helmíntico de última geração, o Hapadex. Os testes com o produto indicaram um aumento da produção da ordem de 30 por cento.

COMPUTADOR

A Associação Nacional de Criadores — Herd Book Collares — adquiriu um microcomputador com verbas destinadas pelo Ministério da Agricultura. O equipamento possui grande capacidade de memória e agilizará o atendimento das solicitações dos associados da entidade.

CARREGADEIRA

A Companhia Vale do Rio Doce adquiriu, recentemente, três carregadeiras de rodas 992, Série C, Caterpillar, as primeiras a ingressarem no Brasil, e que já estão sendo empregadas no carregamento de caminhões com minério de ferro, em Carajás, na Serra Norte/PA. As carregadeiras estão equipadas com braços que permitem altura suficiente para o carregamento de 170 toneladas de transporte; caçambas Balderson de nove jardas cúbicas (que está produzindo 23 toneladas de minério de ferro por caçamba carregada) e cabine fechada com supressor de ruído e "rops" (protetor).

PESQUISA

Os participantes do Seminário Estadual para Definições de Prioridades da Pesquisa Agrícola, realizado recentemente em Porto Alegre, decidiram criar um Conselho Estadual de Pesquisa e Extensão, cujo objetivo será o de programar, destinar recursos disponíveis e fiscalizar a execução dos projetos de pesquisa no Rio Grande do Sul. Também elegeram os produtos milho, arroz, feijão, mandioca e leite como prioritários na pesquisa agropecuária gaúcha, devido à condição social destas atividades, mais praticadas em nível de pequena e média propriedade. É que existem quatro mil projetos de pesquisa sob a responsabilidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e, como os recursos são limitados, a empresa decidiu ouvir os segmentos interessados para definir aquelas áreas a serem consideradas prioridades imediatas. A Embrapa dispôs de recursos na ordem de Cr\$ 800 bilhões este ano e, embora tenha pedido Cr\$ 3,5 trilhões para 86, a dotação ficou na ordem de Cr\$ 1,8 trilhão, o equivalente a 48 por cento do solicitado.



CASE

A Massey Perkins S.A. entregou mais de nove mil motores a diesel 4.236 de quatro cilindros, visando equipar o novo modelo 580H de retroescavadeira da J. I. Case do Brasil, tanto para o mercado interno quanto para exportação. O modelo 580H está, assim, padronizado em termos mundiais com os demais equipamentos da empresa. O motor Perkins tem 79cv a 2.200rpm de potência, permitindo alcançar uma força de escavação de 4.185kgf e uma capacidade de levantamento da pá carregadeira de 1.132kgf.

CNPGC

Ivo Martins Cezar é o novo chefe do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC) da Embrapa. Natural do estado do Rio de Janeiro, é engenheiro agrônomo desde 1967, formado pela Escola Nacional de Agronomia, com mestrado em Administração Rural, concluído na Nova Zelândia. Ingressou na Embrapa em 1975, sendo o primeiro pesquisador contratado pelo CNPGC.

BANANEIRA

O mal-do-Panamá é considerada a pior doença da bananeira. A doença é causada por um fungo que ataca de preferência as bananeiras de classe fina, como a Gross Michel e a maçã. O fungo invade a planta onde existam feridas abertas e se desenvolve em todos os tecidos, ocasionando perturbações no funcionamento do organismo vegetal. O agravamento destes sintomas, com o passar do tempo, provoca a morte das plantas. O primeiro indicio desta moléstia é a coloração amarelada das folhas. As mais velhas dobram na base e secam rapidamente. A planta apresenta um aspecto desagradável, parecendo ter sido sapecada pelo fogo.

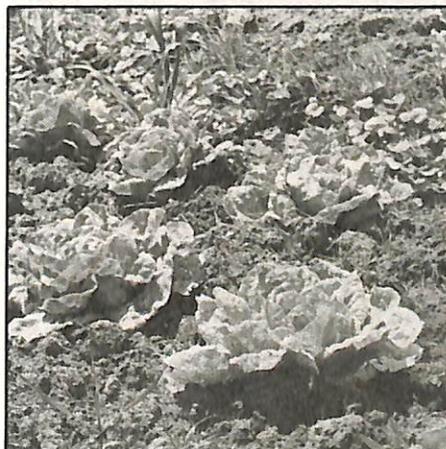
CENOURA

Originária da Europa e Ásia, a cenoura constitui-se na principal hortaliça cuja parte comestível é a raiz. As variedades são muitas, diferenciando-se pelo ciclo, forma, comprimento e coloração das raízes. Portanto, com o manejo adequado é possível dispor de cenouras durante todo o ano. As melhores variedades, sob o aspecto comercial, são as de tipo Nantes e Chantenay, ambas meio compridas, seguidas da Touchon e Red Cored Chantenay. A semente desta hortaliça germina bem a temperatura constante de dez até 30 graus centígrados. A dez graus o processo germinativo inicia cerca de 17 dias após o plantio e, a 30 graus, leva de seis dias a uma semana. Acima disso, entre 36 e 40 graus, praticamente não há germinação. A fim de amenizar os efeitos do sol, nos períodos mais quentes do ano, deve-se semear em fileiras e cobrir a horta com capim seco (sem sementes) ou palha. Da mesma forma que o sol, o vento excessivo também causa prejuízos à cultura, pois resseca o solo, criando uma camada difícil de ser rompida pela semente em germinação. O solo para o cultivo deve ser rico em elementos minerais e matéria orgânica, com certa profundidade para o completo e rápido crescimento das raízes. Nas terras com boas propriedades físicas, acidez média, teores regulares de fósforo e potássio trocáveis e teor alto de matéria orgânica pode-se seguir a seguinte adubação por metro quadrado: quatro quilos de esterco curtido e 200 gramas de adubo químico fórmula 10-10-10. Este adubo deve ser incorporado ao solo de 15 a 20 dias antes do plantio. Uma das vantagens da cenoura é que a semeadura é feita em local definitivo, preferencialmente em sulcos, que facilita a germinação e a limpeza de inços. Recomenda-se dois desbastes: o primeiro 15 a 20 dias após a germinação, deixando as plantas espaçadas de dois a três centímetros. E o segundo 15 a 20 dias depois do primeiro, aumentando o espaçamento da fileira para cinco a seis centímetros. As plantas estão prontas para ser colhidas quando as folhas inferiores começam a amarelecer ou secar e as superiores se abrem, chegando a encostar no solo. O ciclo completo, desde o plantio, se prolonga de 80 a 120 dias.

Ao longo do pseudocaule, nota-se o aparecimento de fendas longitudinais mais ou menos profundas e de comprimento variável. Se for efetuado um corte transversal no pseudocaule, observa-se grande número de pontuações dispersas de coloração negra e também mau cheiro. As medidas profiláticas mais adequadas são: substituir a banana-da-terra pela variedade nanica, que apresenta grande resistência ao mal-do-Panamá; não retirar as mudas de bananeiras suspeitas de estarem com a moléstia; eliminar toda a muda doente, fazendo no local uma forte adubação calcária e não aproveitando o local para a mesma plantação.

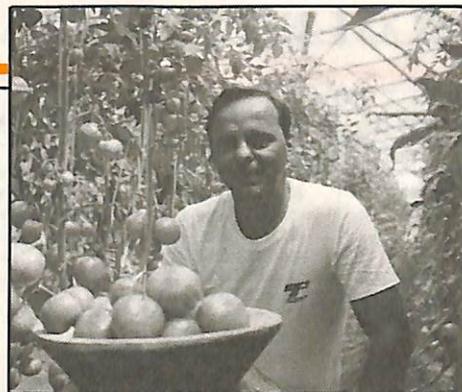
TESTE

Antes de iniciar o plantio de qualquer hortaliça é aconselhável testar o poder germinativo das sementes. Uma boa semente tem um índice de germinação de 80 por cento. Aquelas com 55 por cento são consideradas com o mínimo necessário para obter uma boa plantação. Um teste prático consiste em colocar areia em uma lata vazia até a metade. Após umedecer a terra, sobrepor um pedaço de mata-borrão que contém 100 sementes, representando uma amostra fiel. É importante conservar a lata em local claro, próximo a uma janela e cobri-la com um pedaço de vidro, mantendo úmido o mata-borrão. Após oito a dez dias, contar as sementes germinadas. Assim, chega-se, aproximadamente, ao poder germinativo das sementes em porcentagem.



ALFACE

As melhores variedades de alface, segundo o Instituto Agrônomo de Campinas/SP, são Brasil 221 e Brasil 303. A substituição dos atuais cultivares por outros mais produtivos reduzirá o custo de produção e uniformizará o abastecimento do produto. Outro trabalho do IAC sobre a adubação do alface com resíduos do biodigestor apresentou resultados significativos, dispensando a adubação mineral. A utilização dos resíduos, para os técnicos do órgão, diminui os custos de produção desta cultura.



TOMATEIRO

A média da produção brasileira de tomate situa-se em 35 toneladas por hectare. Mas, através de uma técnica conhecida por plasticultura, já se obteve no município de Estrela/RS o equivalente a 168 toneladas por hectare. E neste ano um produtor de Cachoeira do Sul/RS deverá colher 204 toneladas por hectare. Este procedimento não é novo e vem sendo aplicado há mais de 30 anos em países como os Estados Unidos, Japão, Itália, França e Israel, onde alguns produtos são cultivados todo o ano, superando instabilidades climáticas e surtos de pragas e doenças. O sistema, na verdade, é composto por uma estrutura de paus roliços, arame galvanizado, ripas e pregos e a cobertura de plástico tipo filme de polietileno de baixa densidade, transparente, aditivado, com anti-ultravioleta. O custo total de uma construção de 500 metros quadrados (10 metros de largura por 50 de comprimento) é de Cr\$ 5,4 milhões (92 ORTNs), sendo o custo da estrutura Cr\$ 3,5 milhões (60 ORTNs) e o do plástico Cr\$ 1,9 milhão (32 ORTNs). A durabilidade prevista, segundo técnicos da Emater de Cachoeira do Sul e da Petroquímica Triunfo S.A., é de dez anos para a estrutura e 18 meses para o plástico. A produtividade dentro de uma estufa pode elevar-se em cerca de cinco vezes.

CONTROLE NATURAL

A *Diabrotica speciosa*, um pequeno besouro de coloração verde, conhecido como vaquinha, é um dos insetos que mais ataca hortas e plantações. A Estação Experimental de Itajaí, da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. - Empasc, vem obtendo bons resultados com o controle integrado, conjugando práticas culturais a métodos biológicos. Os pesquisadores observaram em Itajaí que determinada variedade de abóbora exerce grande atração à vaquinha, o que agora vem sendo testado a campo para verificar a viabilidade de utilização desta abóbora como atrativo natural do inseto, impedindo o ataque a outras hortaliças. Alguns agricultores vêm notando que as vaquinhas também são atraídas por raízes de cucurbitáceas nativas, como as de *Cayaponia taysia*, denominada de tajuá, taiuíá, caipó, raiz de bugre ou purga de gentio. Estas raízes estão sendo utilizadas como iscas atrativas nos experimentos realizados pela Empasc, alcançando bom controle da vaquinha nas culturas do tomate e feijão.

ESCOLHA SEU TRATOR

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (EM MIL Cr\$)	MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (EM MIL Cr\$)		
AGRALE	4100	HSE-24	400x15 8.3/8x24	35.951.		1.428	Rodagem dupla	18x26	734.158.		
	4200	HSE-24	550x16 12.4/11x24	56.819.		1.428	Rodagem simples	18x30	693.823.		
	4300	HSE-24	600x16 14.9/13x24	63.780.		1.428	Rodagem dupla	18x30	752.063.		
	4300	HSE 24 ST	550x16 12.4/11x24	61.063.		1.428	Rodagem simples	23.5x25	745.024.		
CASE	580 H	Retroescavadeira	—	256.505.	TOBATTA	M 140	Cul.mot.c/enx.rot.	—	34.576		
	580 H	Aplicação em várzea	—	281.955.		YANMAR	TC-11	Cult.	—	25.008.	
	W 18	Escavo-carregador	—	338.736.			VALMET	68 caf.	dir. mec. emb. sim.	6.00-16 11-28	61.535.
	W 20B	Escavo-carregador	—	405.944.				68 caf.	dir. mec. emb. ind.	7.50-16 13-28	63.793.
	W 6	Escavo-carregador	—	824.083.				68 caf.	dir. mec. emb. ind.	6.00-16 11-28	65.975.
	4490	Agrícola	—	583.500.				68	dir. mec. emb. sim.	7.50-16 13-28	68.971.
	LC 80	Hodr. sobre esteiras	—	764.972.				68	dir. hid. emb. sim.	7.50-16 13-28	73.626.
LY 2P	Hidr. sobre rodas	—	776.518.	68 arroz	dir. mec. emb. sim.			7.50-16 13-28	70.679.		
SC 150	Hidr. sobre esteiras	—	1.779.342.	68	dir. mec. emb. sim.	7.50-18 14-30		72.447.			
CBT	8240	Standard	9.00-16 15-30	133.884.	68	dir. mec. emb. sim.	7.50-20 12-38	72.297.			
	8240	Arrozeiro	10.0-16 18-26	142.067.	68	dir. mec. emb. ind.	7.50-16 13-28	74.015.			
	8240	Cultivo	7.50-18 12-38	129.485.	68	dir. mec. emb. ind.	7.50-16 13-28	78.672.			
	8240	Agrícola	10.0-16 15-34	135.854.	68	dir. hid. emb. ind.	7.50-20 12-38	81.997.			
	*8240	Standard	9.00-16 15-30	135.658.	68	dir. hid. emb. ind.	7.50-16 13-28	80.380.			
	*8240	Arrozeiro	10.00-16 18-26	143.397.	68 esp.	dir. mec. emb. ind.	6.00-16 13-24	70.220.			
	*8240	Cultivo	7.50-18 12-38	131.497.	78	dir. hid. emb. ind.	7.50-18 15-30	94.115.			
	*8240	Agrícola	10.00-16 15-34	137.522.	88	dir. hid. emb. sim.	7.50-18 15-30	103.069.			
	8440	Standard	9.00-16 15-30	134.461.	88 arroz	dir. hid. emb. sim.	9.00-16 18-26	119.469.			
	8440	Arrozeiro	10.00-16 18-26	142.678.	88 arroz	dir. hid. emb. sim.	7.50-20 15-30	106.826.			
	8440	Cultivo	7.50-18 12-38	130.045.	88	dir. hid. emb. sim.	7.50-20 12-38	103.923.			
	8440	Agrícola	10.00-16 15-34	136.440.	88 PCR	câm. conv. simp.	9.00-16 15-30	97.680.			
	8240	Agrícola p/cana	9.00-16 15-30	126.860.	88 PCR	câm. inver. simp.	9.00-16 15-30	95.474.			
	*8240	p/cana	9.00-16 15-30	129.013.	118	dir. hid. emb. sim.	9.00-16 15-34	126.150.			
	8440	p/cana	9.00-16 15-30	127.409.	118	dir. hid. emb. sim.	9.00-16 15-34	132.489.			
	2105	Transporte	7.50-18 15-34	128.983.	118 arroz	dir. hid. emb. sim.	9.00-16 18-26	133.635.			
	2105	Agrícola	7.50-18 15-34	129.120.	118-4	dir. hid. emb. sim.	13-26 15-34	169.800.			
	2105	Agrícola	7.50-18 18-26	129.211.	118-4	dir. hid. emb. ind.	13-26 15-34	176.583.			
	2105	p/cana	7.50-18 15-34	136.887.	118-4 arroz	dir. hid. emb. sim.	13-26 18-26	177.294.			
	2500	Agrícola	10.00-16 15-34	149.816.	138-4	dir. hid. emb. sim.	13-26 15-34	222.616.			
2500	Agrícola	10.00-16 18-26	157.355.	138-4	dir. hid. emb. ind.	13-26 15-45	224.572.				
2600	Agrícola	10.00-16 15-34	157.198.	138-4 arroz	dir. hid. emb. sim.	13-26 18-26	229.688.				
2600	Agrícola	10.00-16 18-26	164.739.	88 alc.	dir. hid. emb. sim.	7.50-18 15-30	117.492.				
2600	Agrícola	10.00-16 18-30	163.311.	88 alc.	dir. hid. emb. sim.	7.50-18 15-30	124.888.				
FORD	4610	Mecânico	6.00x16 13x28	81.098.	88 alc/arr	dir. hid. emb. sim.	9.00-16 18-26	130.227.			
	4610	Hidráulico	6.00x16 13x28	84.674.	88 alc/arr	dir. hid. emb. sim.	7.50-18 15-30	120.776.			
	4610	Hidráulico	7.50x16 14x30	86.948.	88 alc.	dir. hid. emb. sim.	7.50-20 12-38	118.339.			
	4610	Hidráulico	7.50x16 12x28	86.971.	88PCRalc.	câm. conv. sim.	9.00-16 15-30	111.334.			
	4810	Mecânico/alc.	6.00x16 13x28	88.803.	88PCRalc.	câm. inv. sim.	9.00-16 15-30	108.821.			
	5610	Mecânico	7.50x16 12x38	92.426.	118-4 alc	dir. hid. emb. sim.	13-26 15-34	191.778.			
	5610	Hidráulico	7.50x16 15x30	99.405.	118-4 alc.	dir. hid. emb. ind.	13-26 15-34	199.421.			
	5610	Hid. car.	7.50x16 14x30	89.349.	118-4 alc/arr	dir. hid. emb. sim.	13-26 18-26	199.272.			
	6610	Mecânico	7.50x18 12x38	100.131.	MASSEY FERGUSON	MF 235	Standard	14.9 13x24	60.226.		
	6610	Hidráulico	7.50x18 15x34	109.704.		MF 235	S. Arrozeiro	11.2 10x28	60.926.		
6610	Hidráulico	7.50x16 18x26	117.278.	MF 235		S. Estreito	11.2 10x28	58.259.			
MÜLLER	TM 14	teto solar	simples 18x26	393.452.		MF 235	S. c/emb. dupla	14x9 13x24	62.362.		
	TM 14	teto solar	simples 18x30	401.028.		MF 235	S. c/emb. dupl.Arroz.	14x9 13x24	62.997.		
	TM 14	teto solar	simples 15x34	380.306.		MF 235	S.com emb. dupl. Est.	11.2 10x28	60.420.		
	TM 14	teto solar	dupla 15x34	414.508.		MF 265	Standard	13.6 12x38	80.907.		
	TM 25	teto solar	dupla 15x34	593.366.		MF 265	Standard	18.4 15x30	81.391.		
	TM 25	teto solar	dupla 18x26	606.455.		MF 265	Standard	18.4 15x30	82.622.		
	TM 25	teto solar	dupla 18x30	617.404.		MF 265	S. Arrozeiro	18.4 15x30	83.286.		
	TM 25	cabine	dupla 15x34	617.216.	MF 275	Standard	18.4 15x30	101.026.			
	TM 25	cabine	dupla 18x26	630.324.	MF 275	S. Arrozeiro	18.4 15x30	101.735.			
	TM 25	cabine	dupla 18x30	641.835.	MF 275	Standard	13.6 12x38	99.812.			
	TM 28	teto solar	dupla 15x34	650.026.	MF 275	Standard	14.9 13x28	99.248.			
	TM 28	teto solar	dupla 18x26	663.352.	MF 290	Standard	18.4 15x30	106.968.			
	TM 28	teto solar	dupla 18x30	674.995.	MF 290	S. Arrozeiro	13.6 12x38	105.710.			
	TM 28	cabine	dupla 15x34	674.767.	MF 290	Standard	23.1 18x26	108.426.			
	TM 28	cabine	dupla 18x26	687.631.	MF 290	S. Arrozeiro	9.00x16	111.220.			
	TM 28	cabine	dupla 18x30	699.248.	MF 290	S. Pavt.	18.4 15x34	114.515.			
	TM 31	teto solar	dupla 15x34	663.820.	MF 290	S. Arroz.	23.1 18x26	115.816.			
	TM 31	teto solar	dupla 18x26	676.877.	MF 290	S. s/hid.	18.4 15x30	127.816.			
TM 31	teto solar	dupla 18x30	689.020.	MF 290	p/car de cana	7.50x16	127.082.				
TM 31	cabine	dupla 15x34	688.611.	MF 290	S. s/hid.	14.9 13x28	153.736.				
TM 31	cabine	dupla 18x26	701.601.	MF 290	S. c/tr. nas 4	9.00x16	158.043.				
TM 31	cabine	dupla 18x30	713.260.	MF 295	S. s/hid.	23.1 18x26	116.412.				
TS 22	cabine	simples 15x34 forestry special	918.020.	MF 295	S. c/hid.	23.1 18x26	130.266.				
	TM 17	Teto solar	simples 18x26	444.604.	MF 295	S. Ar.c/hid	23.1 18x26	132.098.			
	TM 17	Teto solar	simples 18x30	453.164.	MF 295	S. c/tração nas 4	14.9 13x24	170.397.			
	TM 17	Teto solar	dupla 15x34	468.394.	MF 295	S. c/tr. nas 4 Ar.	14.9 13x24	177.213.			
ENGESA	1.124	Rodagem dupla	15x34	568.045.	MF 296	S. s/hid.	127.251.	127.251.			
	1.124	Rodagem simples	18x26	550.854.	MF 296	S. c/hid.	148.728.	148.728.			
	1.124	Rodagem dupla	18x26	601.600.	MF 296	S. Arr. c/hid	146.095.	146.095.			
	1.124	Rodagem simples	18x30	557.364.	MF 296	S. c/tração nas 4	195.194.	195.194.			
	1.124	Rodagem dupla	18x30	606.405.	MF 296	S.c/tração nas 4	197.980.	197.980.			
	EE-510	florestal	18x30	746.432.	*MF 290	Standard	13.6 12x38	116.756.			
	1.128	Rodagem dupla	18x30	709.546.	*MF 290	S. Arr.	18.4 15x30	117.842.			
	1.128	Rodagem simples	18x30	652.116.	*MF 290	S. Arr.	23.1 18x26	125.027.			
	1.128	Rodagem dupla	18x26	703.872.							
	1.128	Rodagem simples	18x26	644.499.							

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (EM MIL Cr\$)
	*MF 290	S. Pavt.		124.357.
	*MF 290	S. Pavt.	23.1 18x26	129.365.
	*MF 290	S. c/hid.p/cana	18.4 15x30	139.672.
	*MF 290	S. c/hid. p/cana	14.9 13x28	138.892.
	*MF 290	c/tração nas 4		170.822.
	*MF 290	c/tração nas 4 Arr.	23.1 18x26	175.205.
	MF 4780	Standard		440.129.
	MF 86	Tr. Car.de Rodas hid.		118.589.
	MF 86	Tr.Car. de Rodas mec.		95.213.
	MF 86	Carregador		46.623.

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (EM MIL Cr\$)
	MF 86	Retroescavadeira		61.729.
	MF 86	Retroesc.c/desloc.lat.		85.670.
SANTA MATILDE	300-C		Esteira c/lâmina	65.317.
	300-C		Esteira c/pá Car	68.095.
	400-CR		15x30 GB	64.903.
	400-CR		15x30 GA	64.903.
	500-CR		15x30 GB	80.935.
	500-CR		15x30 GA	80.935.
	500-CR		18x26	80.935.

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (EM MIL Cr\$)
NEW HOLLAND	4040 p/trigo e soja	Plat.c/13 pés rígida	15x30 7.50x18	369.123.
		Plat.c/13 pés flexível-CAAP	15x3 7.50x18	384.714.
		Plat.c/15 pés rígida	15x30 7.50x18	373.154.
		Plat.c/15 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	388.592.
	P/arroz de sequeiro	Plat.c/13 pés rígida	15x30 7.50x18	372.827.
		Plat.c/13 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	388.418.
		Plat.c/15 pés rígida	15x30 7.50x18	376.858.
		Plat.c/15 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	392.296.
	P/arroz irrigado	Plat.c/13 pés rígida	18x26 7.50x20	370.909.
		Plat.c/15 pés rígida	18x26 7.50x20	374.940.
	923-4 p/milho (4040) 5050	4 linhas	15x30 7.50x18	388.935.
	p/trigo e soja	Plat.c/13 pés rígida	15x30 7.50x18	420.730.
		Plat.c/13 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	436.321.
		Plat. c/15 pés rígida	15x30 7.50x18	424.761.
		Plat. c/15 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	440.199.
	P/arroz sequeiro	Plat.c/13 pés rígida	15x30 7.50x18	427.993.
		Plat.c/13 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	443.584.
		Plat.c/15 pés rígida	15x30 7.50x18	432.024.
		Plat.c/15 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	447.462.
	P/arroz irrigado	Plat.c/13 pés rígida	18x26 7.50x20	419.292.
		Plat.c/15 pés rígida	18x26 7.50x20	423.323.
	923-4 p/milho (5050)	4 linhas	15x30 7.50x18	438.252.

MASSEY FERGUSON	MF 1630	Colheit.Autom.Grão		186.374.
	MF 1630	Colheit.Autom.Arroz		183.016.
	MF 3640	Colheit.Autom.Grão		217.742.
	MF 3640	Colheit.Autom.Arroz.		213.898.
	MF 5650	Colheit.Autom.Grão		250.113.
	MF 5650	Colheit.Autom.Arroz.		249.265.
	MF 2234	Plataforma de milho		40.417.
	MF 1144	Plataforma de milho		51.940.

LAVRALE	L300	Colheit.coxilha	14/13x34 7.50x16	194.850.
	L300	Colheit.arrozadeira	18,4/15x30 9.5x24	191.538.

IDEAL	1170 Colh.Aut. Coxilha	Plat. 3,75 R	15x30 7.50x18	209.687.
		Plat. 3,75 F	15x30 7.50x18	215.978.
	Arrozadeira	Plat. 3,75 R	18x26 11x24	214.254.
		Plat. 3,75 R	Esteira 5 rolos e pneus 11x24	255.543.
	Milho	Plat. 3 linhas	15x30 7.50x18	218.443.

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (EM MIL Cr\$)
	1175 Colh.Aut. Coxilha	Plat. 3,75 R	15x30 7.50x18	236.943.
		Plat. 3,75 F	15x30 7.50x18	244.051.
		Plat. 4,20 R	15x30 7.50x18	238.431.
		Plat. 4,20 F	15x30 7.50x18	245.584.
	Arrozadeira	Plat. 3,75 R	18x26 11x24	242.071.
		Plat. 4,20 R	18x26 11x24	243.710.
		Plat. 3,75 R	Esteira 6 rolos e pneus 11x24	288.339.
		Plat. 4,20 R	Esteira 6 rolos e pneus 11x24	289.978.
	Milho	Plat. 4 linhas	15x30 7.50x18	262.102.

SANTA MATILDE	1200	CDCIGR		158.149.
	1200	CDCIPE		158.149.
	1200	CDCSGR		158.149.
	1200	CDCSGR		158.149.
	1200	CBCIGR		158.149.
	1200	CBCSGR		158.149.
	1200	CBCSPE		158.149.
	1200	CBCIPE		158.149.
	5105	CDCIEE		170.071.
	5105	CBCIEL		170.071.
	5105	CDCSEL		170.071.
	5105	CBCSEL		170.071.

SLC	6200	Versão básica (s/PC)	13x30 9.00-16	204.815.
	6200 Turbo	Com motor turbo	13x30 9.00-16	211.144.
	6200 Hidro 4	Transmissão hidrostática	13x30 9.00-16	225.297.
	6200 Hidro 4	Turbo / hidrostática	13x30 9.00-16	232.056.
	6200	Versão arrozadeira (s/PC)	18x26 11-34	214.781.
	6200 Turbo	Com motor turbo	18x26 11-24	221.224.
	6200 Hidro 4	Transmissão hidrostática	18x26 11-24	236.259.
	6200 Hidro 4 Turbo	Turbo / hidrostática	18x26 11-24	243.347.
Série 200 — Plataformas	PC-213	Corte 13 pés - rígida		28.865.
	PC-216	Corte 16 pés - rígida		31.860.
	PC-213	Corte 13 pés - flexível		31.308.
	PC-216	Corte 16 pés - flexível		33.919.
		Controle automático para flexível		9.361.
	PM-3209	Para milho - 3 linhas		43.876.
	PM-4209	Para milho - 4 linhas		54.092.
	CE-6200	Conjunto de esteiras		58.844.

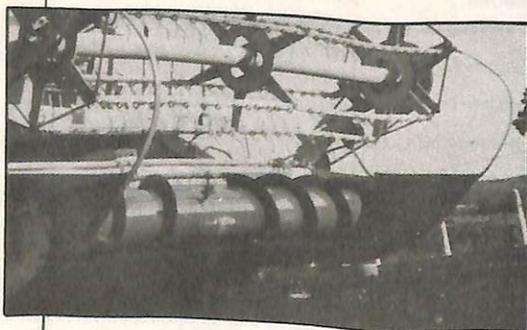
LEILA	Esteira Roda	M. Agrale M. 93/D	600x16	153.317.
		M. Agrale M. 93/D	600x16	144.515.

Os preços são posto fábrica, à vista, vigentes no mês da edição.
Os asteriscos indicam modelo a álcool.

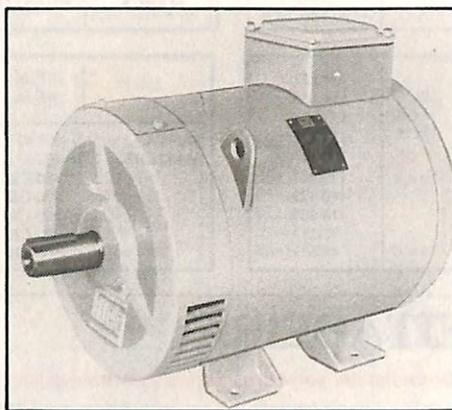
NOVIDADES NO MERCADO



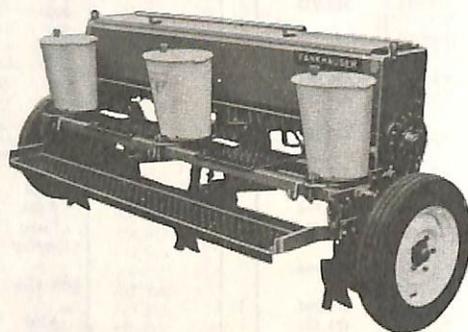
NOVA VALETEIRA — A Indústria Orélio Camilotti & Cia. Ltda. está lançando a valetadeira Ripp-Camilotti, cujo rendimento permite abrir 200 metros de valetas em apenas 10 horas de trabalho, consumindo um litro de óleo por hora. Pode ser equipada opcionalmente com partida elétrica, rodas para transporte e iluminação para trabalho noturno. Com motor e bomba hidráulica acoplados, dispensa correias e mancais de transmissão. Pode ser transportada com tração de caminhão, pick-up ou trator. **Orélio Camilotti & Cia. Ltda., rua Tenente Antonio João, 2715, esquina Santos Dumont, caixa postal, 262, CEP 89.200, Joinville/SC.**



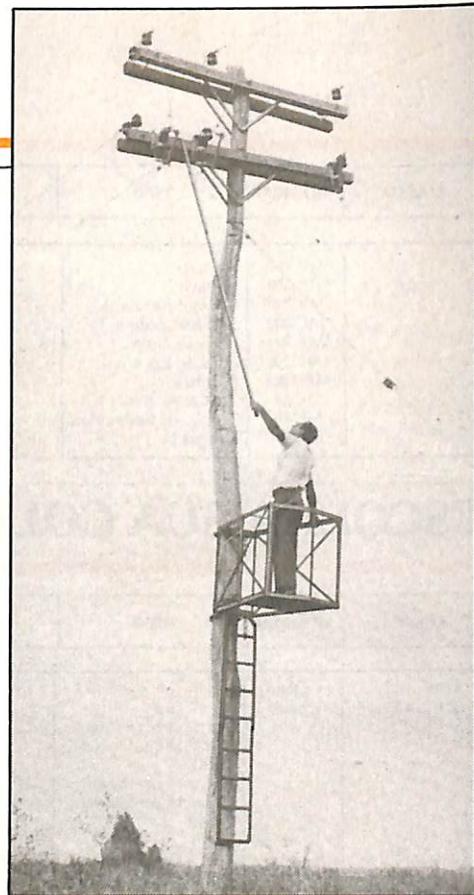
SISTEMA CARACOL — A indústria de implementos agrícolas Irmãos Thönnigs & Cia. Ltda. apresenta o sistema Max de Caracol Especial com maior diâmetro, adaptável às colheitadeiras, propiciando a melhora no reconhecimento dos grãos. Com 60 centímetros de diâmetro, a distância da navalha de corte ao caracol é menor, recolhendo mais rapidamente o produto. Como a área de atuação é maior, aumenta também a eficiência do Caracol Especial Max. **Irmãos Thönnigs & Cia. Ltda., rodovia BR-386, km 174, caixa postal, 270, CEP 99.500, Carazinho/RS.**



ALTERNADORES SÍNCRONOS — A WEG Máquinas S/A desenvolveu e apresenta uma nova linha de alternadores síncronos monofásicos (AMW) e trifásicos (ATW). Os novos alternadores possuem sistema de regulação eletrônica, com campo rotativo e armadura fixa. Esta linha de alternadores foi especialmente projetada para atender a variadas aplicações: grupos geradores para uso geral, grupos geradores para garimpo, fazendas, sítios, casa de campo, grupos geradores de emergência em indústrias, residências, edifícios e conversores de energia (frequência ou tensão). **Eletromotores WEG S/A, rua Joinville, 3.300, caixa postal D-20, CEP 89.250, Jaraguá do Sul/SC.**



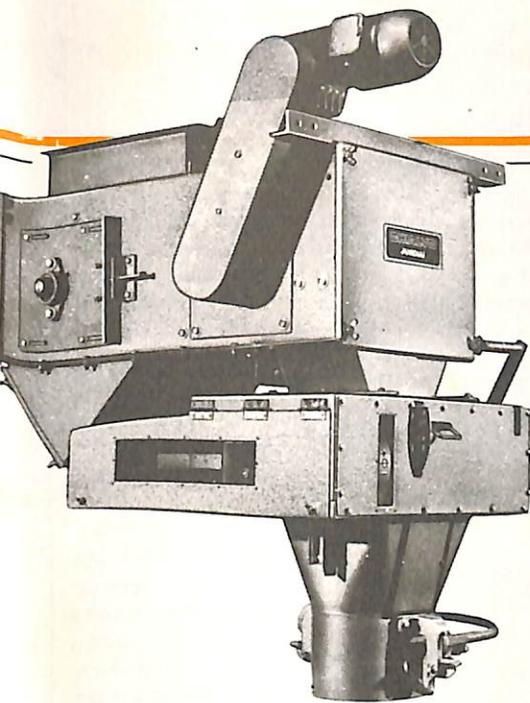
PLANTADEIRA-ADUBADEIRA — A Indústria de Máquinas Agrícolas Fankhauser Ltda. está apresentando a plantadeira-adubadeira FX, especializada para milho e soja, leve e de custo reduzido, além de reunir robustez e simplicidade. Graças ao sistema de discos distribuidores horizontais de sementes, a FX permite plantar o número exato de grãos por metro, fazendo obter a população ideal por hectare, com economia de sementes e aumento de produtividade. São duas as opções nos conjuntos de plantio: utilização de sulcadores para distribuição das sementes e discos côncavos para distribuição de adubo e uso de discos duplos para a semente e discos côncavos para o adubo. Nas duas opções, o adubo é largado separadamente da semente, nas distâncias que se desejar, evitando o contato prejudicial entre os dois. **Indústria de Máquinas Agrícolas Fankhauser Ltda., av. Mauá 543, caixa postal 12, CEP 98.940, Tuparendi/RS.**



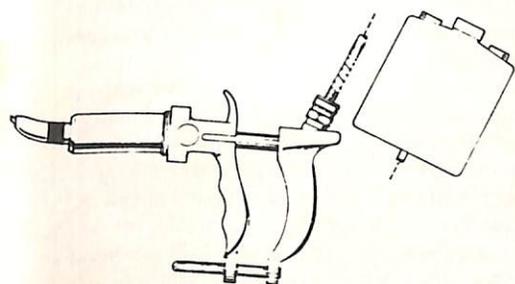
NOVO GIRAU — A Terence Indústria de Máquinas Agrícolas Ltda. apresenta o seu girau Terence para troca de fusíveis e outros serviços a serem executados acima do solo. Quanto à troca de fusíveis em postes de rede elétrica, o girau, sendo fixo ao poste a três metros de altura, permite a realização do serviço com segurança e facilidade. **Terence Indústria de Máquinas Agrícolas Ltda., rua Saudades, 785, caixa postal, 45, CEP 16.200, Birigui/SP.**



NOVAS COLHEITADEIRAS — A indústria de máquinas agrícolas A. Machado & Filhos Ltda. entra no mercado com a nova colheitadeira Leila de cereais. Própria para brejos e terrenos secos, a nova máquina tem esteira e tração nas quatro rodas, três marchas com redução e rê especial para colheita de arroz, soja e trigo. Tem dois rodados opcionais, pneus e esteira. Equipada com motor Agrale, a Leila colhe 37 sacos de arroz de boa qualidade por hora ou 33 sacos/hora de arroz de média qualidade. **A. Machado & Filhos Ltda., rua Blumenau, 1239, Timbó/SC.**



ENSACADEIRA DE GRÃOS — A empresa Balanças Chialvo produz uma linha de quase 20 produtos, entre balanças, ensacadeiras, indicadores digitais e aparelhos impressores. O destaque é a ensacadeira mecânica ou automática para pesagem e ensaço de materiais de fluxo semilivre ou livre, tais como grãos, rações, pellets, farelos e outros. A fábrica assegura que se trata de equipamento compacto, robusto e preciso, com grande versatilidade de aplicações. Alimentada por gravidade ou por intermédio de esteira. Capacidade desde 20kg até 100kg. **Balanças Chialvo, rua João Leme do Prado, 390, caixa postal, 260, CEP 13.200, Jundiaí/SP.**



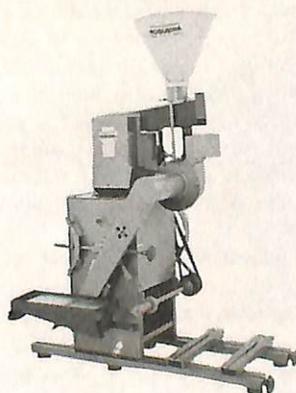
SERINGA AUTOMÁTICA — A Biomatic lança uma seringa dosificadora automática indicada para o trabalho por longos períodos, sem cansar o operador. Dispõe, também, de válvulas superdimensionadas para vermífugos viscosos, que dificultam o trabalho em outras seringas. Oferece precisão nas doses, evitando desperdícios. Pode funcionar como seringa simples, mas tem diversos opcionais: porta-agulhas para injeção, gancho aplicador para dosificar animais bravios e extensões para conectar a seringa diretamente ao frasco do medicamento. Capacidade até 20ml por doses que variam de 1, 2 e 4 até 20ml. **Biomatic Aparelhos Científicos Ltda., rua Cel. Mas-sot, 1241, CEP 90.000, Porto Alegre/RS.**



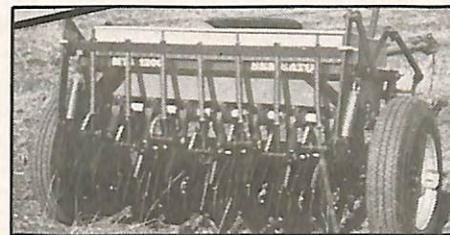
BOX DUPLO — A Randon S/A Veículos e Implementos está lançando o B-Box dois em um, a dupla garagem com elevador hidráulico simples. A principal função deste novo equipamento é a de duplicar a capacidade de estacionamento de garagens residenciais, condomínios e estacionamentos públicos, usando apenas o mesmo espaço físico. A dupla garagem também pode ser utilizada para acomodar e guardar reboques, motos, barcos, mantendo o espaço original de estacionamento disponível. Movido a eletricidade, o B-Box dois em um suporta até 2,6 toneladas de carga. **Randon S/A Veículos e Equipamentos, av. Abramo Randon, 770, caixa postal, 175, CEP 95.100, Caxias do Sul/RS.**



NOVO TRATOR — A Ford do Brasil — Operações de Tratores lançou sua nova linha de tratores agrícolas para 1986, com um conjunto de aperfeiçoamentos técnicos e o novo modelo 6610-TR4, com tração nas quatro rodas. Em relação ao 6610-TR4, a Ford garante a grande facilidade de manobras em reduzido espaço de terreno e a vantagem adicional do trabalho eficiente nas mais adversas condições de operação, porque tem sistema de tração nas quatro rodas e um raio de giro 20 por cento menor que os concorrentes. Equipado com direção hidrostática, o novo modelo também oferece ao agricultor o recurso exclusivo do acionamento da tração total através de prático botão-interruptor elétrico localizado no painel. **Ford Brasil S/A, rua Professor Manoelito de Ornellas, 303, Granja Julieta, CEP 04.799, São Paulo/SP.**



BENEFICIADORA DE ARROZ — A Nogueira Cimag Máquina Agrícolas apresenta sua beneficiadora de arroz Modelo B-7, cuja estrutura é de chapas metálicas tratadas. Ela utiliza mancais de rolamentos que permitem um funcionamento com baixo consumo de energia. Sua função é a de beneficiar arroz, separando a palha, quirera e farelo. Produz 75 a 135 quilos por hora de arroz limpo. A beneficiadora Modelo B-7 pesa 203 quilos e pode ser acionada por motor elétrico de 3 a 4Hp, motor à gasolina de 6 a 9Hp e motor a óleo diesel de 5 a 8Hp. **Cimag Comércio e Indústria de Máquinas Agrícolas Ltda., rua Santa Therezinha, 1381, CEP 13.970, Itapira/SP.**



MULTICULTOR À TRACÇÃO ANIMAL — A indústria Semeato está lançando o MTA 1200, um multicultor para tração animal, indicado para pequenos produtores. Equipado com chassi básico, o MTA 1200 funciona como porta-ferramentas, podendo nele ser acoplado arado de aiveca, grade de discos, grades de hastes flexíveis, cultivador, carretão. Tanto pode ser usado como semeadeira como plantadeira. **Divisão Comercial da Semeato, av. Presidente Vargas, 3800, caixa postal, 559, CEP 99.100, Passo Fundo/RS.**



DESMAMADOR DE BEZERROS — Com a marca Incopelã, foi lançado um desmamador de bezerros em polietileno de alta densidade, o que lhe proporciona resistência e durabilidade. Pode ser reutilizado. Fácil de colocar no bezerro, o desmamador não exige furos nas narinas e não provoca qualquer tipo de ferimento no animal. **Metalúrgica Incopelã Ltda., rua Um, s/nº, caixa postal 22, Distrito Industrial, CEP 94.900, Cachoeirinha/RS.**

O estado do Paraná voltou a dar importante contribuição, no ano agrícola de 1984/85, para a produção total de grãos e fibras do País, alcançando uma produção de cerca de 15 milhões de toneladas nas culturas de primavera/verão e nas culturas de inverno. O valor bruto dessa produção atingiu a casa dos 15,5 trilhões de cruzeiros, situando-se no contexto da produção nacional com a equivalência de 24,4 por cento.

O Paraná foi o primeiro produtor de trigo nacional no corrente ano agrícola, entrando com 64,1 por cento da safra brasileira — ou 2,6 milhões de toneladas —, um número que bate todos os records anteriores. Em termos financeiros, a safra paranaense de trigo representa cerca de 4,3 trilhões de cruzeiros, permitindo, ainda, ao Tesouro Nacional a economia de mais de 200 milhões de dólares nas futuras importações deste cereal tão importante para o consumo popular.

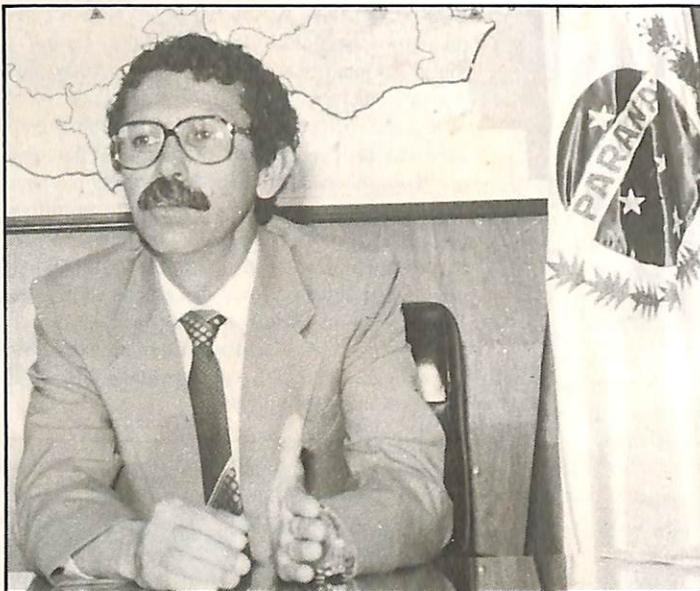
No panorama da produção paranaense, além do trigo, destaca-se a participação dos alimentos básicos, como feijão, arroz e milho, e, a partir da próxima safra de verão, também da mandioca, que deverá receber maior estímulo. Em que pese a diminuição sensível das áreas cultivadas com arroz, o Paraná é o primeiro produtor brasileiro de feijão, colhendo nas duas safras (das águas e das secas) 503 mil toneladas, ou 19 por cento do total obtido, sendo a principal cultura de relevância social, justamente por ser praticada por uma maioria de pequenos produtores.

Nesse particular, já pelo segundo ano consecutivo, a Secretaria da Agricultura está desenvolvendo um programa de renovação genética das culturas de baixa renda (arroz, feijão e milho), que nada mais é do que um programa de troca de sementes por grão produzido ao final da colheita, mas que trouxe benefício imediato a milhares de pequenos agricultores (35 mil em 1984 e 45 mil em 1985), que de outra maneira nem teriam condições de continuar plantando para subsistência e com alguma perspectiva de obter excedentes para o mercado. Ainda sob o prisma da preocupação com as culturas alimentares, a Secretaria implementou, através do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), um programa específico para o desenvolvimento das pequenas propriedades, mediante o emprego da diversificação e das alternativas apropriadas à realidade dessas propriedades e seus proprietários.

Depois de um longo período de estiagem, que em algumas regiões durou mais de 100 dias, as chuvas voltaram ao Paraná no início de novembro, reanimando os produtores que sequer tinham lançado a semente ao solo. Contudo, o atraso no plantio do algodão e o replantio de algumas lavouras de milho ou feijão, certamente, terão um resultado negativo em termos de produção e produtividade na colheita do próximo ano. Mas, a expectativa é que apesar desses contratempos o Paraná volte a ter seu desempenho costumeiro no contexto da produção nacional.

Quanto à soja, a principal oleaginosa plantada no verão, a estiagem não se constituiu em maior

Francisco de Albuquerque Neto, secretário da Agricultura do Paraná.



Apoio ao homem do campo

problema, porque os prazos de plantio estendem-se até dezembro, e isso nos permite assinalar que o estado deverá manter a mesma área plantada na safra passada: 2,1 milhões de hectares. Alguns analistas admitem que os preços internacionais da soja não deverão reagir favoravelmente no ano que vem, em função dos grandes estoques existentes desse produto. O próprio governo brasileiro demonstra atualmente estar mais interessado em estimular o avanço das culturas alimentares em detrimento das culturas de exportação, principalmente a soja, que já na safra vindoura deverá ter sua área restringida em até cinco por cento. A própria configuração do mercado internacional para a soja brasileira, hoje circunscrita praticamente ao Mercado Comum Europeu, daqui em diante, passará a representar um fator negativo à expansão dessa cultura, a menos que nossos produtores comecem logo a desbravar novos mercados.

No atual período do governo, a Secretaria lançou uma série de programas de apoio à atividade agrícola e pecuária, à guisa de fornecer a melhor infra-estrutura possível para amparar a atividade produtiva. Um grande projeto de controle da erosão, com base no correto manejo do solo das

microbacias, hoje tem como resultado mais de 1,1 milhão de hectares plenamente conservados. As equipes de assistência técnica tiveram seu foco de interesse voltado para as médias e pequenas propriedades, ao mesmo tempo em que a pesquisa, o armazenamento, o fomento agropecuário,

a classificação de produtos agrícolas e a política fundiária passaram a dirigir-se mais intensamente para a camada majoritária dentre os agricultores paranaenses, os pequenos e médios. Outros programas governamentais, como a construção de estradas rurais para o escoamento da produção e a eletrificação rural, completam o quadro de apoio ao homem do campo.

Entretanto, o governo paranaense está deveras preocupado com a situação dos pequenos e médios produtores rurais, que continuam a vender suas propriedades e a sair do campo. No ano passado, 44 mil propriedades foram vendidas, e este número representa dez por cento das propriedades rurais no estado. Atualmente, numa ação integrada do governo, através das secretarias e outros órgãos públicos, está em curso um elenco de providências concretas nas áreas da saúde, educação, defesa civil, infra-estrutura e outras, tudo visando a melhoria das condições de vida e sobrevivência do agricultor.

O fator primordial, porém, é a implantação do Plano Nacional de Reforma Agrária, fundamentalmente, no que diz respeito aos projetos de assentamento em território paranaense, meta que o governo do estado e a Secretaria da Agricultura assumem com a maior responsabilidade, em face de sua estrutura descentralizada. Inclui-se nesse esforço uma estreita colaboração com a esfera federal, através da coordenação regional do In-cra.

Mas há também outra preocupação da Secretaria da Agricultura, a qual diz respeito à urgência de uma nova política econômica para a agricultura brasileira, fato que felizmente começa a tornar-se realidade. As produções agrícolas, que geralmente remuneram mal o agricultor, também não encontram consumidores nos centros urbanos, tendo em vista o baixo poder aquisitivo da massa de assalariados brasileiros. Para que a agricultura continue a ser uma atividade rentável e estimulante para o produtor, é preciso que haja no País uma visão renovada da redistribuição da renda, do pleno emprego e das oportunidades de progresso para todos os cidadãos. Sem o que o País estará longe de alcançar a verdadeira justiça social. □



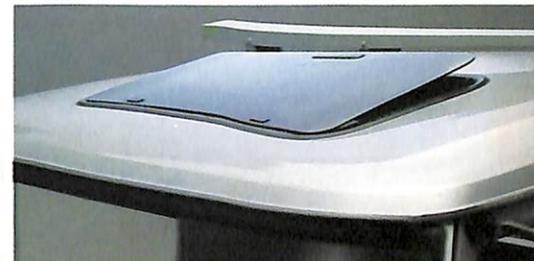
O líder está cada vez melhor. Por dentro e por fora.

O Ford F-4000 reafirma mais uma vez sua liderança na categoria de 6 toneladas brutas, como veículo ideal para entregas em regiões urbanas, ou partindo de zonas rurais, terminais de carga e entrepostos. Mas essa liderança não foi conquistada por acaso. Pelo contrário. Ela é o resultado de constantes evoluções. Como no modelo 86 que, por fora, traz uma nova grade dianteira com 4 faróis halógenos retangulares e novas lanternas com luz de ré.

Por dentro, o F-4000 continua na frente: motor Ford Diesel com

maior torque e menor consumo de combustível, maior capacidade de carga, para 3.806 kg, novo sistema de freios, a disco nas rodas dianteiras, novo sistema de ventilação na cabina e trava de direção na coluna. O F-4000'86 também evoluiu em seus opcionais, para melhor atender às necessidades de seus usuários: por fora, ventilação do teto com

cobertura em fibra de vidro, pneus radiais e pára-brisa climatizado; por dentro, novos bancos individuais 1/3 e 2/3, em tecido e totalmente ajustáveis, novo painel almofadado e novo volante para a direção hidráulica. Tudo isso oferece a você mais segurança, desempenho, economia, conforto e maciez no rodar. Por isso, continue com o líder. Continue com o Ford F-4000.



FORD F-4000'86



A VANTAGEM DE OPTAR POR ESTA LINHA



É ESTA.



Só a ICI pode oferecer uma linha completa de produtos em defesa da sua soja.

Antes de plantar, Gramocil. Após a emergência da cultura, Flex para as folhas largas e Fusilade para as gramíneas.

Antes do plantio de inverno, Gramoxone 200.

E se em qualquer momento do ciclo as pragas atacarem, Ambush nelas. As vantagens que cada um desses produtos oferecem você já conhece. O que talvez você não saiba é que optando por todos eles você tem uma outra grande vantagem: a assistência técnica ICI à sua disposição durante todo o ciclo da soja. E isto significa segurança, eficiência e muita economia.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356

CEP: 04719

São Paulo - SP